UFRR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

DANIEL MONTENEGRO LAPOLA

VIVENDO NA FLORESTA:

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO SOCIEDADE NATUREZA A PARTIR DA ATIVIDADE DE CAÇA DO POVO WAI WAI DA COMUNIDADE JATAPUZINHO-RORAIMA

BOA VISTA, RR
2019

DANIEL MONTENEGRO LAPOLA

VIVENDO NA FLORESTA:

REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO SOCIEDADE NATUREZA A PARTIR DA ATIVIDADE DE CAÇA DO POVO WAI WAI DA COMUNIDADE JATAPUZINHO-RORAIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Fronteiras, na área de concentração: Fronteiras e Processos Socioculturais.

Prof. Drº. Maxim Repetto

BOA VISTA, RR
2019

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

L315v Lapola, Daniel Montenegro.
Vivendo na floresta : reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo wai wai da comunidade jatapuzinho - Roraima / Daniel Montenegro Lapola. – Boa Vista, 2019.
125 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Maxim Repetto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

1 – Caça. 2 – Wai wai. 3 – Natureza. 3 – Subsistência alimentar. 3 – Jatapuzinho.I –Título. II – Repetto, Maxim (orientador)

CDU – 392.8:639.1(=1-82)

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista:
Marcilene Feio Lima - CRB-11/507-AM

DANIEL MONTENEGRO LAPOLA

VIVENDO NA FLORESTA: reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho - Roraima

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Fronteiras e Processos Socioculturais. Defendida em 08 de fevereiro de 2019 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Maxim Repetto
Orientador – PPGSOF/UFRR

Prof. Dr. Maria Bárbara de Magalhães Bethonico
Membro Externo – PPGEO e PRONAT/UFRR

Prof. Dr. Stephen Grant Baines
Membro Interno – PPGAS/ UnB

Dedico a todo o povo indígena Wai Wai, por todo aprendizado e auxílio; que este trabalho possa contribuir para as novas gerações e que ajude a inspirar o fortalecimento e a preservação de seu rico conhecimento cultural em defesa da natureza.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi concretizada graças ao financiamento da Fundação CAPES, que concedeu uma bolsa de estudos extremamente importante, visto que garantiu meu sustento ao longo da realização da pesquisa.

Agradeço principalmente ao meu orientador, professor Dr. Maxim Repetto, pelo apoio e motivação prática e teórica para desenvolver com determinação esse trabalho dissertativo. Professor e grande amigo, receba as minhas saudações de muita gratidão!

Agradeço também a quem pôde contribuir com esse estudo, que foi realizado no Estado de Roraima, me auxiliando na construção de reflexões para que este trabalho sirva como uma contribuição aos estudos de saberes indígenas. Nesse sentido, agradeço aos Wai Wai Miguel Wepaxi, Renato Pereira, Geraldo da Silva; ao presidente da Associação do Povo Indígena Wai Wai, Fernandino, e ao tuxaua de Jatapuzinho, Francisco; ao presidente da MEVA, Milton Sobrinho, ao zootecnista da FUNAI Juvino Alba e ao grupo ECOGENCAST e EMBRAPA-RR.

Agradeço aos meus familiares pelas contribuições em todos os sentidos, em especial a minha mãe Deusélia Montenegro, ao meu pai João Antonio Lapola, meus irmãos, Marcelo, Marcos e David Lapola e a minha namorada Andréia de Aguiar, por todo apoio e paciência.

Agradeço aos meus colegas de turma pelas trocas de conhecimentos, em especial a Mávera Santos, Antonio Ferreira, Rosana Luz, Luana Moura, Whitney França e Selmar Almeida. Sou grato pelo companheirismo e pelas longas horas de estudo e escrita.

Agradeço ao professor Dr. Fábio Carvalho e a Drª Maria Barbara Bethonico pelas contribuições durante minha qualificação, pelos ensinamentos e pelas dicas tão esclarecedoras que fizeram fluir ainda mais a minha vontade de estudar sobre o tema.

Agradeço ao professor Dr. Alfredo de Souza pelo material cedido e referências de trabalhos acadêmicos sobre os Wai Wai. Foi um apoio essencial aos meus estudos.

Agradeço a professora Drª Maria Luiza Fernandes pelos debates realizados na sala de aula e pelas conversas motivadoras metodológicas comigo e com os colegas que frequentam esse espaço.

Agradeço ao professor Dr. Jaci Guilherme Vieira pelos ensinamentos prestados no estágio docente e pelas suas contribuições que vieram na hora certa. Agradeço também pelos conhecimentos partilhados.

Agradeço a todos os professores do PPGSOF, através da professora Ana Lúcia, pelas contribuições à minha formação.

Agradeço, finalmente, a Deus, à música, à natação e à natureza pela proteção e cuidados que me possibilitaram vencer todas as dificuldades enfrentadas ao longo dessa formação.

Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.
(Mahatma Gandhi)

RESUMO

Este estudo aborda a relação sociedade natureza do povo indígena Wai Wai da comunidade de Jatapuzinho/Caroebe-RR. Para tanto, foi usado como base o método de análise de Jorge Gasché e de Lev Vygotsky com o fim de explicitar os conhecimentos requeridos para a execução prática de cada atividade de tal sociedade indígena. Foram discutidas questões relativas aos aspectos diversos, como os meios de subsistência alimentar e a relação dos Wai Wai com a natureza frente às pressões do século XXI. Para, então, logo na sequência entrar especificamente na questão da caça, com a finalidade de contribuir para a compreensão mais profunda sobre os peculiares modos de ser dos indígenas habitantes da Floresta Amazônica. Por fim, com o objetivo de compreender como se desenvolve a atividade de caça Wai Wai, foram feitas entrevistas com os seguintes atores sociais: indígenas Wai Wai, agente religioso da MEVA e zootecnista da FUNAI. Somado a isso, foi feita a composição de um calendário específico sobre a caça para identificar os tipos de animais e locais de caçadas dos Wai Wai do Jatapuzinho, definidos nos doze meses do ano. Portanto, com o amparo de tal percurso expositivo e analítico, será feita uma revisão crítica sobre os indígenas Wai Wai nos campos da historiografia e etnografia e, nesse passo a seguir, serão discutidos reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça.

Palavras Chave: Caça. Wai Wai. Natureza. Subsistência alimentar. Jatapuzinho.

ABSTRACT

This study addresses the nature society relationship of the Wai Wai indigenous people of the Jatapuzinho / Caroebe-RR community. For that, the method of analysis of Jorge Gasché and Lev Vygotsky was used as a basis for the purpose of explaining the knowledge required for the practical execution of each activity of such indigenous society. Issues such as livelihoods and the relationship of the Wai Wai with nature to the pressures of the 21st century were discussed. In order, then, to follow specifically the question of hunting, with the purpose of contributing to a deeper understanding of the peculiar ways of being of the indigenous inhabitants of the Amazon Forest. Finally, in order to understand how the Wai Wai hunting activity develops, interviews were conducted with the following social actors: Wai Wai Indians, interviews were made with the following social actors: indigenous Wai Wai, religious agent of MEVA and zootechnician of FUNAI. In addition, a specific hunting schedule was drawn up to identify the types of animals and hunting sites of the Wai Wai of Jatapuzinho, defined in the twelve months of the year. Therefore, with the support of such an expository and analytical course, a critical revision will be made on the Wai Wai Indians in the fields of historiography and ethnography, in this next step, will be discussed reflections on the relation society nature from the activity of hunting.

Keywords: Hunting. Wai Wai. Nature. Food subsistence. Jatapuzinho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa de localização da T.I. Trombetas Mapuera 22
Figura 02 - Terras Indígenas e Grandes Projetos Energéticos em Roraima 24
Figura 03 - Mapa das comunidades Wai Wai de RR na T.I Trombetas Mapuera 26
Figura 04 - Foto da U.H. de Jatapu com duas turbinas em 2013 28
Figura 05 - Foto da U.H. de Jatapu com 4 turbinas após reforma em 2018 29
Figura 06 - Calendário do Ciclo Anual de Subsistência Wai Wai 38
Figura 07 - Foto do porco selvagem 85
Figura 08 - Foto de animais de caça e de peixes de pesca Wai Wai 88

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Espécies de mandioca plantadas pelos Wai Wai..... 39
Tabela 02 - As espécies de peixes mais comuns na dieta dos Wai Wai..... 42
Tabela 03 - Animais de caça mais apreciados pelos Wai Wai..... 44
Tabela 04 - Os frutos apreciados pelos Wai Wai..... 44
Tabela 05 - Extrativismo da castanha dos Wai Wai em Roraima..... 46
Tabela 06 - Principais espécies vegetais medicinais..... 48
Tabela 07 - Calendário Socionatural da Comunidade Jatapuzinho-RR..... 60
Tabela 08 - Calendário Específico de Caça Wai Wai do Jatapuzinho-2018..... 96
Tabela 09 - Atividade de caçadas..... 97
Tabela 10 - Estilos de caçadas – Passo a passo..... 98
Tabela 11 - Animais de caça, divisão de trabalho, arma e objetivos da atividade das caçadas Wai Wai..... 100
Tabela 12 - Técnicas para caçar alguns animais, segundo a experiência do caçador Wai Wai..... 101

LISTA DE SIGLAS

AM	Amazonas
APIW	Associação do Povo Indígena Wai Wai
BR	Rodovia Brasileira
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CERR	Companhia Energética de Roraima
CIR	Conselho Indígena de Roraima
CODESAIMA	Companhia de Desenvolvimento de Roraima
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
GTZ	German technical Cooperation (Sociedade Alemã de Cooperação Internacional)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IEPÉ	Instituto de Pesquisa e Formação Indígenas
ISA	Instituto Socioambiental
KFW	Kreditanstalt Für Wiederaufba (Instituto de Crédito da Reconstrução/Banco de Desenvolvimento Estatal Alemão)
MEVA	Missão Evangélica da Amazônia
ONG	Organização Não Governamental
PA	Pará
PPTAL	Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal
RR	Roraima
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
T.I.	Terra Indígena
U.H.	Usina Hidrelétrica
UFM	Unenvangelized Field Mission (Cruzada da Evangelização Mundial)
UFRR	Universidade Federal de Roraima

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO ... 13
2. BREVE HISTÓRICO WAI WAI ... 18
2.1. CONTEXTO ATUAL DOS WAI WAI ... 23
3. WAI WAI, SUBSISTÊNCIA E NATUREZA ... 35
3.1. WAI WAI E A SUBSISTÊNCIA EM JATAPUZINHO-RORAIMA ... 35
3.1.1. Agricultura ... 36
3.1.2. Pesca ... 41
3.1.3. Caça ... 43
3.1.4. Frutas ... 44
3.1.5. Coleta da Castanha ... 45
3.1.6. Recurso Planta Medicinal ... 47
3.1.7. Comércio ... 48
3.2. CULTURA E NATUREZA ... 50
3.3. CALENDÁRIO SOCIONATURAL GERAL ... 54
3.3.1. Importância do Calendário Socionatural ... 55
3.3.2. Método Indutivo Intercultural ... 56
3.3.3. Calendário Socionatural da Comunidade Jatapuzinho-RR ... 58
4. A CAÇA ... 61
4.1. A CAÇA INDÍGENA NA AMAZÔNIA ... 62
4.2. O CAÇADOR INDÍGENA ... 66
4.3. ARMAS E ESTILOS DE CAÇADAS ... 72
4.3.1. Arco e Flecha ... 73
4.3.2. Espingarda ... 74
4.3.3. Armadilhas ... 75
4.3.4. Estilos de Caçada ... 75
4.3.5. Regras das Caçadas ... 78
4.4. A CAÇA E O XAMANISMO INDÍGENA ... 80
4.5. A ATIVIDADE DE CAÇA E O CONHECIMENTO DOS ANIMAIS DOS WAI WAI ... 87
4.6. A ATIVIDADE DE CAÇA WAI WAI ... 89
4.7. CALENDÁRIO ESPECÍFICO DE CAÇA WAI WAI ... 94
4.8. ANIMAIS DE CAÇA ... 98
4.9. CACHORROS CAÇADORES ... 101
4.10. SOCIEDADE NATUREZA ... 103
5. CONCLUSÃO ... 107
REFERÊNCIAS ... 112
ANEXOS ... 117
ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO ... 117
ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DO POVO WAI WAI ... 118
ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA ... 119
ANEXO D –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ... 120
ANEXO E – KIRWANTAW TAPOTA EKATÎMTOPO ... 122

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de entender os conhecimentos empregados pelo povo indígena Wai Wai, da comunidade do Jatapuzinho de Roraima, habitantes Terra Indígena Trombetas Mapuera da Amazônia, bem como proceder uma análise de suas concepções relacionadas à sociedade natureza, através de suas atividades de subsistência, focando, sobretudo, na atividade de caça. Para tanto, envidaremos esforços para compreender as relações estabelecidas entre as atividades sociais concretas praticadas (como a atividade da caça) e os modelos simbólicos empregados (advindos do conhecimento indígena), responsáveis pela substanciação da visão de mundo desse grupo.

Parto da análise como objetivo geral deste trabalho a relação sociedade natureza e como objetivo específico a atividade de caça dos Wai Wai de Jatpuzinho-Roraima.

Estive na comunidade Wai Wai de Jatapuzinho para pedir autorização para colher o material que subsidiou a presente dissertação; minha ida se deu através de um convite para acompanhar uma Assembléia da Associação do Povo Indígena Wai Wai (APIW), com apoio financeiro do projeto Ecologia Genética da Castanha (ECOGENCAST) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e Universidade Federal de Roraima (UFRR). A proposta da pesquisa foi aprovada na presença de diversas lideranças Wai Wai; no entanto, por conta do curto tempo do mestrado, não realizei pesquisa de campo em Terra indígena como havia pensado inicialmente, e, por isso, acabei utilizando leituras e entrevistas que foram realizadas com três Wai Wai em visita à cidade de Boa Vista. As pessoas entrevistadas não tiveram nenhum gasto para se locomoverem, devido a participação na dissertação.

Trabalhamos tendo como base o Método Indutivo Intercultural e também com entrevistas, que ajudaram a identificar as atividades através do "calendário socionatural".

O calendário possui os seguintes indicadores:

> 1- Atividades realizadas no cotidiano dos membros da Comunidade referentes à;
> 2-Conhecimento de Astronomia;
> 3- Conhecimento de Clima para identificar a gestão o da floresta conforme variações das estações;
> 4-Conhecimento de Animais de caça;
> 5-Conhecimento de Vegetais, para compreender a relação dos animais de caça com estes;
> 6-Problemas Socioambientais e de Saúde, referentes ao uso de território e o processo de segurança alimentar;

Durante as entrevistas, estruturamos o “calendário específico de caça”:

> 01- Seguindo a sequência lógica ou passo a passo das atividades de caça;
> 02- Identificando os diferentes tipos de caçadas;
> 03- Analisando a sequência lógica de ações de cada uma.

Estas entrevistas seguiram uma metodologia participativa, contando com a elaboração do calendário geral socionatural e do calendário específico sobre a caça Wai Wai em Jatapuzinho. Foram registradas por áudio com a autorização prévia dos participantes.

Foram realizadas entrevistas com 3 indígenas, caçadores experientes, acima de 18 anos, que permitiram analisar os tipos de caçadas com animais de diferentes portes. As entrevistas seguiram um roteiro semi estruturado, foram realizadas na cidade de Boa Vista, onde a gravação de áudio das entrevistas foi assinada pelo entrevistado: Termo de autorização de Áudio e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) - através deste termo os entrevistados não correm risco de serem expostos publicamente, pois há garantia de sigilo -, analisando todos esses dados, complementaremos o presente trabalho. Contamos também com cópia do TCLE traduzido na língua mãe, conforme a resolução 304/2000 item IV.2. Declaro, também, que o procedimento proposto, na pesquisa assegura a confidencialidade dos dados e garante a privacidade dos sujeitos, bem como a proteção da sua imagem, impedindo o estigma e a utilização das informações em prejuízo de terceiros e da comunidade. Preservando, ainda, a autoestima e o prestígio dos envolvidos, tudo utilizando, apenas, para os fins propostos no protocolo de pesquisa.

Não foram realizadas entrevistas com mulheres indígenas e menores de 18 anos, assim como não foi feito trabalho de campo e entrevista em Terra Indígena e não foram colhidos materiais com imagem e vídeo.

Durante a pesquisa foram feitas muitas leituras em livros, documentos, teses, dissertações sobre os Wai Wai e a caça, sobre o método teórico escolhido que é o M.I.I. (Método Indutivo Intercultural) e a teoria da atividade; realizei pesquisa na CERR (Companhia Energética de Roraima), MEVA (Missão Evangélica da Amazônoia), FUNAI (Fundação Nacional do Índio), além de um convite que obtive da APIW (Associação do Povo Indígena Wai Wai) para acompanhar uma assembleia dos Wai Wai no Jatapuzinho.

Num primeiro momento havia me comprometido em realizar a pesquisa diretamente na comunidade, mas esbarrei em relação ao tempo demorado de aprovação do comitê de ética e principalmente da burocracia da FUNAI de Brasília, órgão que dificultou muito o acesso da

pesquisa na comunidade no tempo curto do mestrado. No segundo momento, para cumprir com o tempo máximo para defender a dissertação, me propus a entrevistar os Wai Wai na cidade de Boa Vista-RR, dependendo apenas da aprovação CEP da UFRR e CONEP, e não mais da FUNAI de Brasília.

Na parte 2 dessa dissertação, fiz uma revisão das publicações que remetiam aos principais momentos de mudança e transformações Wai Wai, como a primeira vez que foram relatados na literatura ocidental, o processo de evangelização e a criação da comunidade do Jatapuzinho. Através das entrevistas, estarei tratando do contexto atual dos Wai Wai, esclarecendo como a evangelização, a estrada, a escola, uma hidrelétrica e diversas invasões impactam sobre a vida dos Wai Wai no século XXI. Busquei apoio naqueles autores dos campos da história e da antropologia que estudaram este povo indígena na Amazônia; através das entrevistas, localizamos os atores sociais envolvidos.

Na parte 3 analisei a subsistência alimentar e de sobrevivência econômica através da coleta e comercialização da castanha da Amazônia, trazendo na sequência uma revisão com considerações sobre o conceito de Cultura e Natureza, para fortalecer o debate mais geral.

Para tanto usamos o suporte metodológico baseado teoricamente em Jorge Gasché através do conceito "sociotureza", do Método Indutivo Intercultural e da Teoria da Atividade cunhada por Lev Vygostsky (1991). Esse modelo de abordagem permite identificar e analisar as atividades de subsistência da comunidade estudada, tratando sobre a agricultura, pesca, caçadas e coleta da castanha, plantas medicinais, através das entrevistas da elaboração de um calendário geral socionatural.

A investigação abordou aspectos do sistema produtivo alimentar dessa comunidade com o fito de analisar como se dá a integração entre as diversas atividades produtivas de subsistência: agricultura, pesca, caça, comércio, sustentabilidade e segurança alimentar, sem descurar, todavia, do modo como o agenciamento estatal afeta a vida comunitária.

Com isso, analisamos o modo como as diferentes atividades relacionadas à prática de caçadas são sustentadas por conhecimentos culturais que se relacionam não apenas com o conhecimento sobre os hábitos de diferentes tipos de animais de caça, senão também com processos ecológicos mais amplos, com o fim último de identificar os modos peculiares de uso dos recursos naturais desse grupo étnico.

Com base nos aspectos acima elencados, construímos um calendário socionatural no qual foi feita a sistematização dos conhecimentos desse grupo indígena em relação à caça, com destaque para o reconhecimento da atividade em relação com a natureza.

Na parte 4 tratamos especificamente sobre a caça, com a finalidade de contribuir de alguma maneira para uma compreensão mais profunda sobre os peculiares modos de ser dos indígenas habitantes da Floresta Amazônica. Neste capítulo abordamos a atividade da caça a partir de diferentes elementos e aspectos: no que diz respeito ao processo de formação e às qualidades dos caçadores indígenas; às armas empregadas e aos estilos de caçadas; às formas e tipos de relações mantidas com os animais caçados; às condições e características dos lugares de caça; aos remédios para livrar o caçador de enrascadas; aos conhecimentos que envolvem a prática das caçadas com as atividades xamânicas indígenas, dentre outros.

Sob o ponto de vista sobre a caça de Jorge Gasché (2014), qualquer caçador, pescador e coletor, para ter êxito em sua atividade, têm que conhecer o comportamento e as habilidades do animal de caça a fim de impedir as suas estratégias de fuga e defesa ou ao contrário, atraí-lo imitando sua voz ou enganando com outros meios.

Nesta última parte da dissertação, buscamos compreender como se desenvolve a atividade de caça Wai Wai na comunidade de Jatapuzinho/Caroebe-RR; para tanto, trabalhamos com o calendário específico sobre a caça para identificar os tipos de animais e locais de caçadas dos Wai Wai do Jatapuzinho definidos nos doze meses do ano. Trazemos também respostas sobre como os Wai Wai se comportam nas caçadas, na opinião de três atores sociais: de um estudante de direito Wai Wai, o presidente da MEVA e um zootecnista da FUNAI.

Além disso, trataremos de como se forma um bom caçador Wai Wai e qual os elementos necessários para se ter sucesso nos diferentes tipos e locais de caçadas. Fechamos o capítulo com a importância do cachorro de caça como um valioso bem necessário para auxiliar na caçada de animais, como são usados para a comercialização e troca.

Os Wai Wai são reconhecidos como especialistas em adestrar cachorros para caça. Adestram cachorros para diferentes tipos de perseguições e captura de animais, variando entre animais de grande e pequeno portes.

O período em que as caçadas se intensificam em Jatapuzinho são nas festas religiosas, na comemoração da páscoa e do natal, por exemplo. Os caçadores saem em busca de alimentos distante da aldeia, o que faz com que essa atividade dure aproximadamente de cinco a sete dias (SOUZA, 2015, p.75).

Além disso, os Wai Wai fazem comércio e trocas com o artesanato, a castanha, frutas, raladores de mandioca, cães de caça, não apenas com aldeias próximas, mas também com a cidade de Boa Vista, Manaus e Belém, e, muitas das vezes, vendem seus produtos por valor menor por necessidade de ter que contar com atravessadores (intermediários), devido a grande distância do local onde residem para as grandes cidades. O intercâmbio desses bens, longe de ser apenas uma troca de objetos, gera novos significados e poderes cristalizados em forma material (HOWARD, 2002, p.25).

Portanto, iniciamos este percurso expositivo e analítico, revisando a forma crítica produzida sobre os indígenas Wai Wai nos campos da historiografia e etnografia e, nesse passo, discutiremos aspectos que abarcam tanto as ocupações espaciais desse grupo étnico, no passado e no presente.

2. BREVE HISTÓRICO SOBRE OS WAI WAI

Os Wai Wai vivem na Amazônia setentrional, na região onde a Serra Acaraí delimita a fronteira entre o Brasil e a Guiana, e são falantes de uma língua da família Caribe.

No Brasil, as comunidades Wai Wai estão em três Terras Indígenas: Wai Wai, no sudoeste de Roraima, Nhamundá-Mapuera, no noroeste do Pará e norte do Amazonas, e Trombetas-Mapuera, que abrange uma grande área entre o extremo sul de Roraima, o extremo norte do Amazonas e o noroeste do Pará (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008). Na Guiana, os Wai Wai são encontrados no extremo sul do país, na região administrativa Upper Takutu-Upper Essequibo (cf. ISA, 2006).

Segundo Niels Fock (1963), Wai Wai não é um etnônimo, mas um termo criado pelos Wapixana para designar índios que tinham uma pele mais clara; portanto, o termo Wai Wai quer dizer "farinha branca" ou "tapioca".

Para Catherine Howard (2002), o termo Wai Wai caracteriza um coletivo de moradores de quatro aldeias: uma localizada no Rio Essequibo, na Guiana, e três situadas ao Norte do Brasil, nos rios Mapuera, Anauá e Jatapuzinho. Essas aldeias são compostas por diversos grupos: os Wai Wai originários, os Parukwoto, os Tarumá, os Mawayana, os Xerew, os Katuena, os Tunayana, os Cikyana e os Karafawyana.

Para entendermos como se chegou a esse resultado, precisamos visitar o passado com olhos voltados para o presente.

No século XIX, três viajantes fizeram relatos sobre os Wai Wai. Os primeiros contatos entre viajantes europeus com os indígenas Wai Wai ocorreram nas regiões dos rios Essequibo (Guiana), Orinoco (Venezuela) e do Mapuera (Brasil), e foram realizados, respectivamente, pelo geógrafo prussiano Robert Hermann Schomburgk (1835, 1839 e 1843), pelo geólogo canadense Charles Barrington Brown (1870), ambos a serviço da coroa inglesa, e pelo geógrafo francês Henri Coudreau em 1886 e 1889. Esses três viajantes constataram a existência de uma ampla rede de relações de trocas entre os Wai Wai e os diferentes grupos étnicos da região, conforme atestam Jorge Souza (1998), Peter Rivière (2001), Catherine Howard (2002) e Evelyn Schuler (2010).

Catherine Howard (2002) e Evelyn Schuler (2010) demonstram que existem processos seculares e redes de relações de comércio na região, nas quais os Wai Wai eram reconhecidos

e procurados para o fornecimento de raladores de mandioca, papagaios falantes e cães de caça.

Lembramos que o tempo estudado é o Século XIX, período influenciado pelo iluminismo, evolucionismo e o romantismo (OLIVEIRA, 2016). Segundo Oliveira (2016), “foi buscada a existência dos indígenas nas veredas do curioso, do exótico e do acidental”.

Os primeiros relatos do contato entre viajantes ocidentais com os Wai Wai no século XIX, nos faz pensar que:

> O termo “descoberta” é equívoco e inaplicável, mas a sua substituição por eufemismos como “encontro de culturas” ou “encontro de civilizações” pode ser inócua se deixar intocadas as regras de sintaxe e os pressupostos do discurso colonial. O mesmo destino, aliás, estará reservado a um antidiscurso (como falar em “invasão”) se não conduzir a uma crítica profunda das certezas e atitudes naturalizadas na narrativa convencional (OLIVEIRA, 2016, p.48).

Neste trecho, João Pacheco de Oliveira (2016) analisa da perspectiva da Dialética (Contradição) Marxista o discurso colonial, concebendo-o como convencional e "sem provas" . Para o autor, as categorias tradicionais de análise podem induzir a erro; em razão disso, optamos pelo termo "contato'. O autor aponta o equívoco do uso de termos como “descoberta”, lembrando que os nativos "descobertos" já moravam no local; “invasão”, apontando a incerteza se houve ou não aceitação do contato por parte dos indígenas com os viajantes ocidentais; do mesmo modo, o autor aponta as impropriedades dos termos relacionados às trocas comerciais, à religião cristã, "proteção" e "tutela" (OLIVEIRA, 2016).

O próximo marco histórico dos Wai Wai se dá na metade do século, XX com a chegada dos missionários cristãos dos Estados Unidos. Quando os missionários cristãos chegaram na região, por volta de 1949-1950, eles promoveram reuniões nas poucas aldeias de grupos que formavam pequenos grupamentos, originários de povos que haviam se dispersado e e eram sobreviventes das epidemias.

No século XX, os Wai Wai passaram pelo processo de evangelização cristã. Jorge Souza (1998), Catherine Howard (2002), Alfredo Souza (2008) e Evelyn Schuler (2010) descreveram a chegada de Neil, Rader e Robert Hawkins, três irmãos texanos que pertenciam a Unevangelized Fields Mission /UFM (Cruzada de Evangelização Mundial), cujo objetivo era o de instalar missões nas regiões indígenas não evangelizadas para convertê-los ao cristianismo protestante. Acabaram se estabelecendo na região do Essequibo, na Guiana.

Evelyn Schuller (2010) afirma que, desde que se instalaram entre os Wai Wai, esses missionários no início dos anos de 1950:

> Introduziram o ensino da escrita como forma de cumprir sua meta de catequese. Consideram este um meio privilegiado para difundir a Bíblia (Novo e Velho Testamento), que eles traduziram na íntegra. Em 2001 é publicada pela UFM International (Pensylvania/EUA) em colaboração com a MEVA (Boa Vista/RR) sob o título "Kaan Karitan – A Bíblia Sagrada na língua Uaiuai" (SCHULER,2010).

Tratando do mesmo tema sob outra perspectiva, Jorge Souza (1998) relata um famoso episódio que tem a ver com a conversão ao cristianismo do último xamã Wai Wai, chamado Ewká, que não conseguia mais curar pessoas da aldeia através da prática da pajelança:

> Os missionários também estimularam Ewká a caçar, matar e comer da carne de seu animal favorito, o ponîko, e nada de anormal lhe acontecera, era mais uma prova de que as crenças Waiwai deveriam ser entendidas como meras superstições e, portanto, o povo deveria abandoná-las (SOUZA, 1998, pp.271-272).

Neste caso, o poniko, animal favorito de Ewká, era o porco do mato que através dos seus sonhos indicava a localidade em que se encontravam as caças. Ele poderia até informar a outros caçadores do local, mas jamais ele mesmo poderia matar e comer (SOUZA, 2008).

O episódio de conversão e assimilação ao cristianismo de Ewká é reconhecido como a principal conversão simbólica dos Wai Wai. Com isso, foi extinta a prática da pajelança e o povo Wai Wai se converteu ao cristianismo (SOUZA, 2008).

A consequência disso é que, em 1971, os Wai Wai migram da missão Kanashen por vontade dos missionários norte-americanos, devido a implantação do governo socialista da Guiana e a oferta da aeronáutica, feita pelo Coronel Camarão, para ocupar o sul do território de Roraima, para fins de defesa (SOUZA, 2008). "Um efeito dominó de fuga para o território de grupos mais afastados, levando os antepassados dos Wai Wai e de outros povos aparentados a migrar para o Mapuera e Trombetas" (HOWARD, 2002, p.31). Logo, a mudança de território dos Wai Wai foi uma consequência da evangelização trazida pelos missionários norte-americanos.

Segundo Alfredo Souza (2008), a UFM se institucionaliza no Brasil e é dividida em duas missões: a MEVA (Missão Evangélica da Amazônia), que contempla os Wai Wai de Roraima, e a MICEB (Missão Cristã Evangélica do Brasil) que se estabeleceu no Mapuera (lado do Estado do Pará).

Eliane Souza (2015) afirma que os Wai Wai tiveram sua organização social modificada com a chegada dos missionários evangélicos norte-americanos e a sua conversão ao Cristianismo Evangélico.

Do mesmo modo, Leonor Oliveira (2010) sugere que os Wai Wai mudaram seus hábitos nesse processo, como por exemplo quando ocorriam brigas eles aprenderam a perdoar, não a desejar o mal e fazer feitiços contra o outro, como era costume do xamanismo.

Notamos como os Wai Wai assimilaram a conversão ao cristianismo e a prática do comércio junto aos não indígenas, mudando e adaptando seus hábitos em relação a características sociais e simbólicas.

Com a conversão ao cristianismo e a presença dos missionários, os Wai Wai conseguiram atrair ainda mais pessoas de etnias distintas para junto das suas aldeias, como a dos índios Karapawyana do rio Jatapu, que se juntaram entre 1974-1980, e fundaram, quatro anos mais tarde. a nova comunidade Wai Wai do Jatapuzinho (SCHULER, 2010).

A comunidade de Jatapuzinho é a principal comunidade indígena Wai Wai, localizada no Caroebe, município do Estado de Roraima, e fica cerca de 480 Km de distância da capital do Estado Boa Vista, a comunidade foi fundada em 1984 (SOUZA, 2015, p.61); fica localizada na Terra indígena Trombetas Mapuera, que foi homologada no ano de 2009. O local possui escola, posto médico e energia - que é gerada por um gerador que funciona através de motor a diesel.

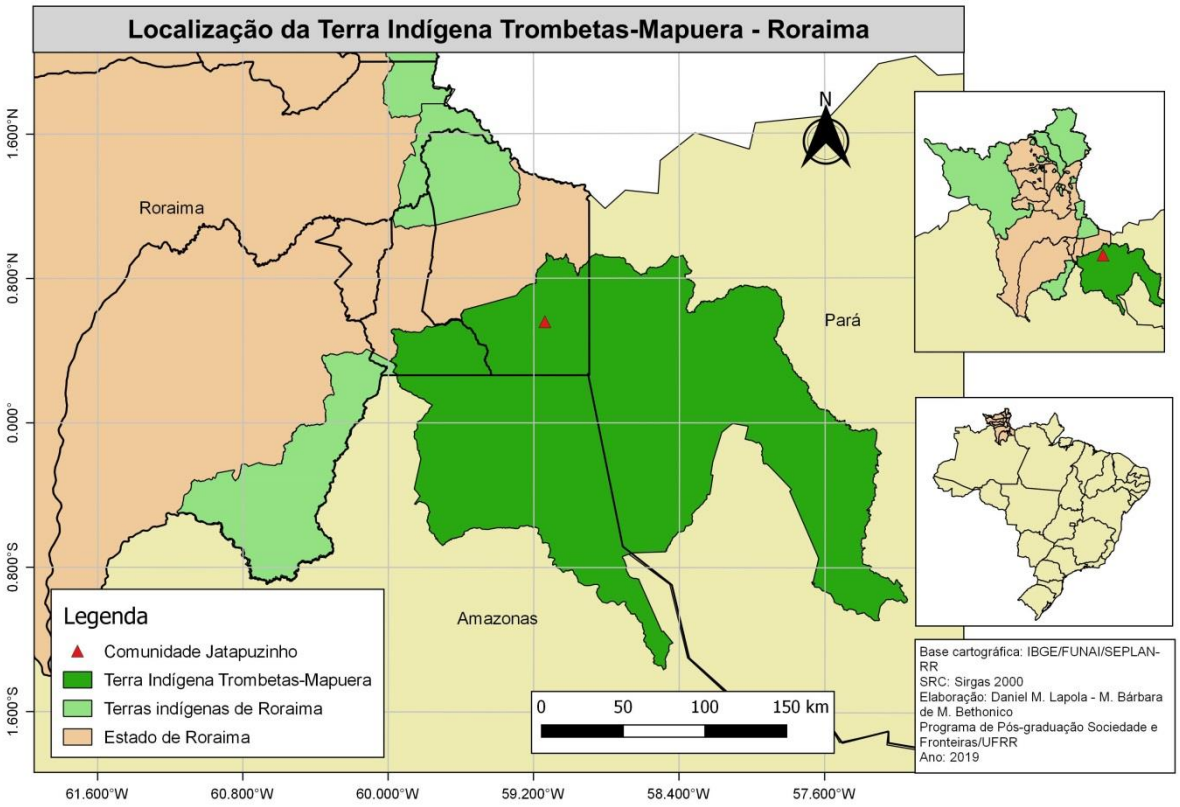
No decorrer da década de 80 e 90 do século passado, os Wai Wai são surpreendidos com a chegada de projetos de desenvolvimento, como a construção da estrada Perimetral Norte e a hidrelétrica de Jatapu.

A construção da hidrelétrica de Jatapu, em 1991, trouxe impactos ecológicos, alterando a rota de canoas, alagando os territórios de caça dos Wai Wai e dispersando os animais. Os Wai Wai cobram o governo do Estado por melhorias (FEARNSIDE; BARBOSA, 2015).

Em resposta às invasões e aos consequentes impactos que ocorreram na primeira década do Século XXI, em 2007 inicia-se a demarcação e homologação da Terra Indígena Trombetas/Mapuera. Marco que fecha, portanto, nosso breve histórico Wai Wai, como último recorte de destaque de marco temporal.

A Terra indígena Trombetas Mapuera está situada na região fronteiriça entre três estados brasileiros: Pará, Roraima e Amazonas, população estimada pelo SIASI/SESAI (2013) de 523 habitantes, área de 3971 hectares (ISA, 2013).

Figura 01: Mapa de localização da T.I. Trombetas Mapuera



Fonte: LAPOLA; BETHONICO, 2019.

Caixeta de Queiroz (2008), um dos responsáveis pela delimitação, demarcação e homologação da T.I. Trombetas Mapuera, descreve os grupos indígenas que habitam essa extensa área:

> Os povos do complexo Tarumã- Parukoto (Karapawyana, Waiwai, Katuena, Hixkaryana, Mawayana, Xowyana, Tikyana, Xereu, Tunayana, Kamarayana, Yapîyana, Pianokoto, entre outros) e os grupos indígenas isolados, que habitam uma extensa área compreendida pelas bacias dos rios Trombetas, Jatapu, Mapuera, Anauá, Nhamundá e Mapuera, vem obtendo por parte da FUNAI e do Estado brasileiro, nas últimas três décadas, o reconhecimento e a regularização das Terras Indígenas e, em função disso, estudos e relatórios são obrigados a ser reelaborados (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008, p.27).

Os trabalhos de demarcação física da Terra Indígena Trombetas Mapuera, realizada pela empresa Consulnorte Serviços de Precisão, se iniciaram em fevereiro de 2007 e levaram praticamente um ano para serem concluídos.

Para o trabalho de demarcação da T.I. Trombetas Mapuera, foi feita uma parceria entre a FUNAI, os técnicos do PPTAL, a cooperação financeira e técnica alemã (KFW/GTZ) e os indígenas Wai Wai, com destaque às suas lideranças (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008).

Caso a demarcação não fosse feita rapidamente, havia a possibilidade de fazendeiros, garimpeiros e colonos penetrarem dentro dos limites dos territórios com o apoio das autoridades políticas, causando desmatamento e a abertura de novas estradas na Terra Indígena.

A demarcação em 2007 e homologação em 2009 da Terra Indígena Trombetas Mapuera reconhece uma grande área de três milhões, novecentos e setenta mil, oitocentos e noventa e oito hectares, dentro dos limites dos Estados de Roraima, Pará e Amazonas (LAPOLA; REPETTO, 2018).

2.1. CONTEXTO ATUAL DOS WAI WAI

Neste capítulo serão destacados os processos de construção de identidade frente às diferentes transformações sociais que vive o povo Wai Wai no contexto atual. Dentre os processos envolvidos nesta situação, para fins de análise serão evidenciados os seguintes aspectos: a evangelização, a construção de estradas, a escola, a hidrelétrica e diversas invasões que impactam a vida dos Wai Wai no século XXI.

No século XX os indígenas enfrentaram a tutela oficial do estado: “lutaram em defesa e pelo reconhecimento de seus direitos, dentre estes os territoriais, assim como em certo sentido, pelo reconhecimento político de natureza, o que implica enfrentar fortes pressões e ameaças de perdas territoriais” (OLIVEIRA, 2016).

Almeida (2012) observa como na Amazônia brasileira a ação do Estado é decisiva na implementação de grandes projetos de infraestrutura e desenvolvimento:

> Essa ação tem sido rápida, com objetivos de curtíssimo prazo, que exigem prontos resultados (hidrelétricas, gasodutos, minerodutos, hidrovias, rodovias, portos, aeroportos, linhas de transmissão de energia), cujos efeitos referem-se a acidulados debates jurídicos e à intensificação de conflitos sociais (ALMEIDA, 2012, p.67).

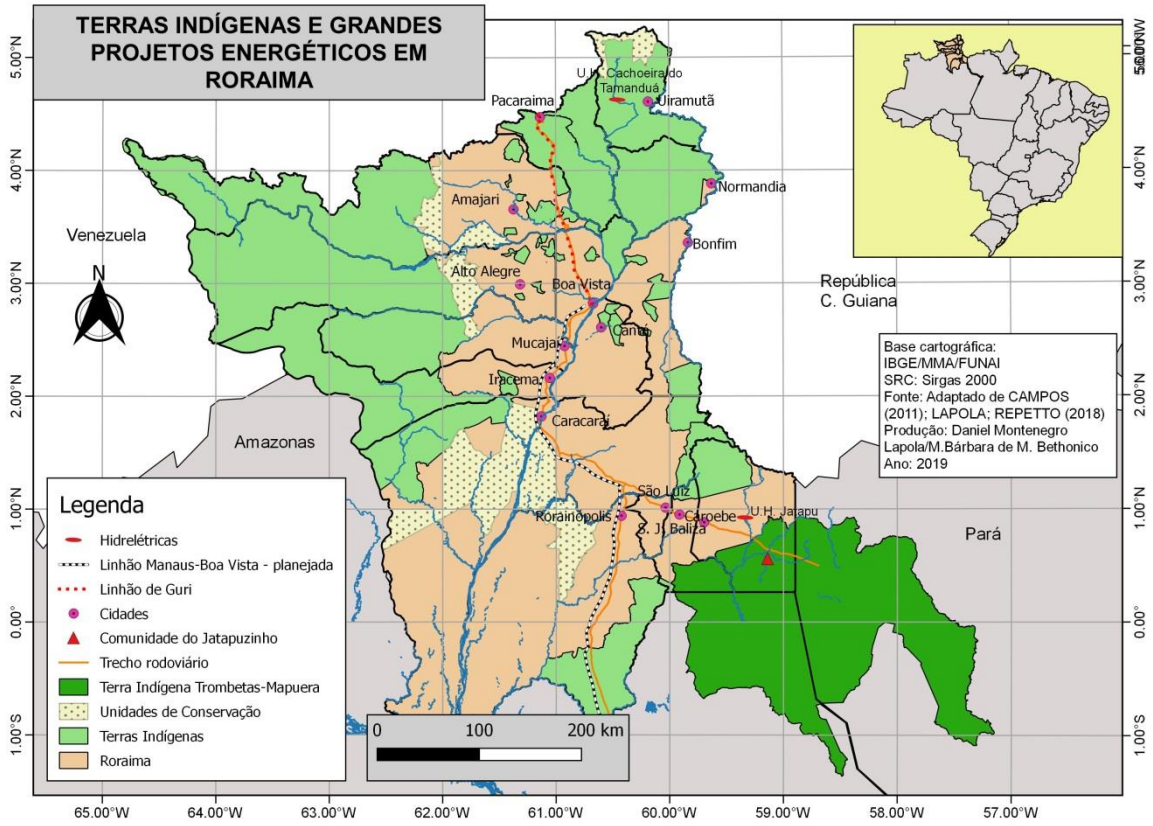
A partir do ano de 1975, começa a colonização da faixa de abrangência do trecho BR-210, que se inicia no KM 500 da BR-174 (Manaus- Boa Vista) e vai até um pouco mais além de Jatapu:

> O traçado original da Perimetral Norte (BR-210) pretendia atravessar toda a zona de perambulação destes índios isolados chegando até a capital do Amapá. No entanto atualmente, todo o trecho no sentido do Estado de Roraima ao Estado do Pará, após o rio Jatapu, encontra-se abandonado, sendo que parte dele está ocupado pelas roças e pelas habitações dos índios da aldeia Cobra (CAIXETA DE QUEIROZ, 2004, p.154).

A partir de 1991 os Wai Wai de Jatapuzinho tomam ciência da construção de uma usina hidrelétrica no rio Jatapu, obra do Governador Ottomar de Souza Pinto, inaugurada em 1994. (FEARNSIDE; BARBOSA, 2015)

É importante destacar que o povo Waimiri Atroari, vizinhos dos Wai Wai, enfrentaram nas décadas de 1970 e 1980 uma forte e violenta pressão sobre suas terras, logo após um contato dirigido que abria a estrada BR 174 e liberava extensos territórios para implementação de grandes projetos (LAPOLA; REPETTO, 2018).

Figura 02: Mapa das Terras Indígenas e Grandes Projetos Energéticos em Roraima



Fonte: Fonte: LAPOLA; BETHONICO, 2019.

Diante deste panorama, nos últimos anos vem sendo discutida a proposta de unir Roraima ao sistema nacional integrado de distribuição de energia elétrica, através de um linhão de transmissão, através da BR 174, unirá Boa Vista a Manaus e interligará Roraima ao restante do país. Esta proposta enfrenta resistências, pois passaria pela Terra Indígena Waimiri Atroari, povo indígena que já sofreu um retalhamento do seu território pela construção da BR 174, pela barragem da usina hidrelétrica de Balbina e pelo desmembramento das terras destinadas à mineração de Paranapanema (BAINES, 1991; 1993).

Esta ação indigenista tutelar, que indicia a transformação dos Waimiri Atroari em agricultores sedentários, foi uma estratégia de expropriação de seus territórios ancestrais; essa constitui experiência por demais traumática para este povo que se viu quase dizimado nessas épocas (BAINES, 1991, 1995). Foi neste contexto de problemáticas energéticas que foi construída a usina de Jatapu. A intenção era a de suprir o fornecimento de energia elétrica nas cidades do sudeste do estado de Roraima, que se espalham ao longo do trecho construído da Perimetral Norte, ou seja, os municípios de São Luiz do Anauá, São João da Baliza e Caroebe. (LAPOLA, REPETTO, 2018)

Os principais impactos da hidrelétrica de Jatapu relatados por Caixeta de Queiroz (2004) no relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Trombetas/Mapuera, são:

> 1) intoxicação das águas do rio Jatapu. 2) impedimento de livre navegação no rio com objetivo de visitar os parentes das aldeias localizadas na Guiana e no rio Anauá (Roraima). 3) desequilíbrio no regime da pesca. 4) arregimentação da mão-de-obra indígena para a construção da Usina (CAIXETA DE QUEIROZ, 2004, p.153).

A este respeito acrescenta Jorge Souza (1998):

> 1) redução drástica da pesca e escassez das espécies consideradas regulares, com tendência à permanência das espécies predadoras e influência futura em desestabilizar a harmonia local de povoação das espécies. 2) privou os índios da utilização tradicional do seu melhor e mais viável itinerário de deslocamento, o rio, e áreas de cultivos de suas roças. 3) influenciou no escoamento regular e no nível de água do Jatapuzinho, acarretando perdas no seu potencial piscoso. 4) dificultou a obtenção de água potável para os índios durante os períodos de estiagem e de cheia. 5) inibiu a produção de excedente na aldeia destinado à comercialização, que os recursos e meios acima citados produzem efeitos reais e duradouros na atividade econômica e de subsistência dos Wai Wai (SOUZA, 1998, pp.188-189).

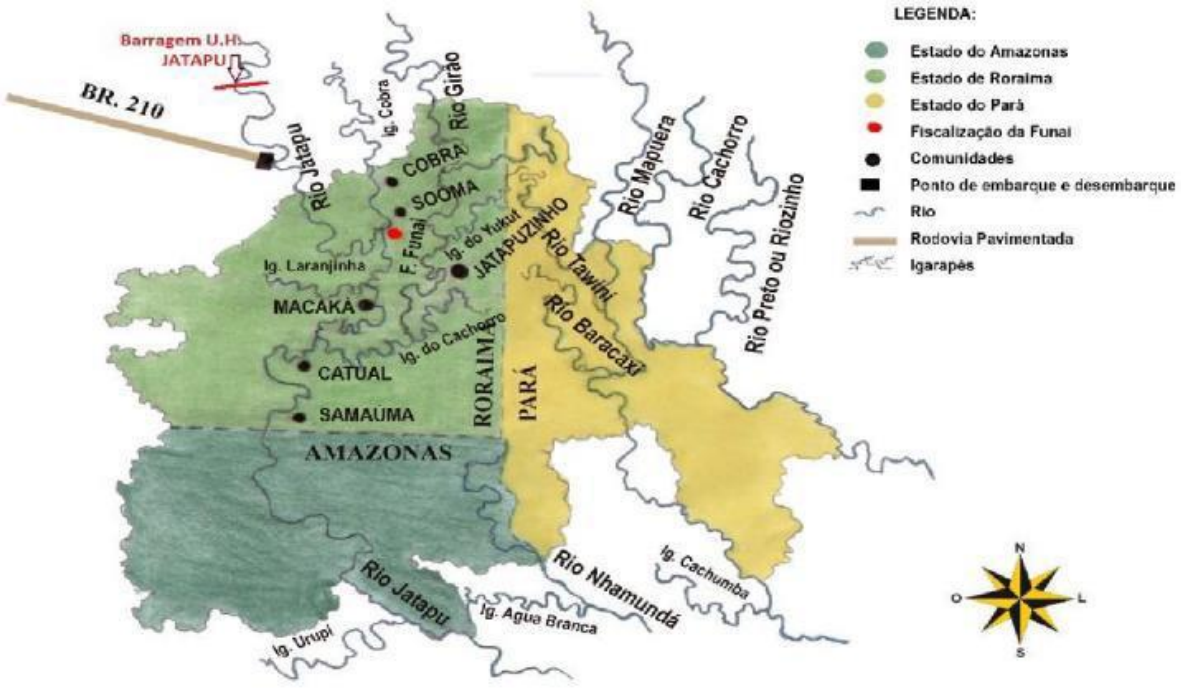
Para aliviar as consequências de tal construção, só após os danos já previstos acontecerem, segundo Evelyn Schuller (2010) e Eliane Souza (2015), é que a CODESAIMA passa a fornecer aos Wai Wai do Jatapuzinho, como forma de compensação, um gerador de energia elétrica. Também foi fornecido, para a Prefeitura de Caroebe uma cota mensal de 200

litros de óleo diesel que eles tinham que buscar na usina. Nos dias atuais o diesel é fornecido pelo Governo Estadual.

A demanda por energia elétrica se sustenta em um apelo à modernidade e ao desenvolvimento, que se transformou em um discurso vazio na boca de políticos de Roraima com o objetivo de fortalecer o clientelismo e a compra de votos (LAPOLA; REPETTO, 2018).

Os Wai Wai reconhecem diversos impactos causados pela usina hidrelétrica de Jatapu na terra e na vida deles. As comunidades mais afetadas são as mais próximas, pois encontram-se na beira do rio Jatapu. São elas: Soma, Macará, Katual e Samaúma, todas fazem parte da Terra Indígena Trombetas Mapuera (LAPOLA; REPETTO, 2018).

Figura 03: Mapa das comunidades Wai Wai de RR na T.I Trombetas Mapuera



Fonte: GUTIERRES, 2008, p. 71.

Dentre os problemas relatados diretamente pelos Wai Wai:

> Está a água suja, por conta da acidez, problemas com a pesca, devido aos peixes terem migrado e diminuído, vinda de cardumes de piranhas, o afastamento dos animais de caça, problemas de transporte no rio, principalmente no período do verão, período em que se sente uma diminuição forte no volume do rio (LAPOLA; REPETTO, 2018, pp.159-160).

Quanto aos animais:

> Centenas de espécies de animais foram deslocados, retirados e migraram para outras áreas, alterando o ambiente local de caça das comunidades próximas mas, também, das mais distantes, que precisam percorrer grandes distâncias para conseguir ter sucesso nas caçadas. Os moradores relatam sentir contaminação na água, falam em vazamentos de óleo, não apenas pelos motores das canoas regionais, mas aparentemente por falta de manutenção nas turbinas (LAPOLA; REPETTO, 2018, p.160).

Miguel Wepaxi (2018) relata que a hidrelétrica de Jatapu afastou muito os animais de caça. Geralmente, entre os caçadores Wai Wai, é necessário que eles confirmem qual a região tem animais, para então eles irem caçar no local.

Quanto aos impactos referentes a alimentos e ao deslocamento de canoa entre as comunidades nos rios da região do Jatapu no período seco do verão:

> Chega a faltar o peixe e a carne de caça, sentem também dificuldade nas viagens às outras comunidades. Como a comunidade do Jatapuzinho, funciona como centro regional da saúde e de educação escolar existe um movimento constante de mobilidade entre as diferentes comunidades da região. Na época do verão, por muitos trechos os indígenas precisam carregar as canoas, demorando muitas horas para chegar ao destino. As principais rotas de canoas nos rios foram fechadas com o empreendimento, através delas eram feitas visitas a parentes nas comunidades da Guiana, assim como à comunidade Anauá, na Terra Indígena Wai Wai, localizada a montante da barragem no rio Jatapu (LAPOLA; REPETTO, 2018, p.160).

Para superar estes impactos negativos vindos desde a construção da hidrelétrica de Jatapu, as comunidades Wai Wai vêm fazendo esforços para aproveitar do extrativismo e vender castanha da Amazônia em grandes quantidades.

Em 2009, após muita luta em reação à construção da hidrelétrica, ao avanço da BR-210 e as invasões diversas, ocorre a homologação da Terra Indígena Trombetas Mapuera, através da parceria da FUNAI, PPTAL -GTZ e os Wai Wai (LAPOLA; REPETTO, 2018). Esse evento protegeu, portanto, os direitos e o território dos Wai Wai, que fica localizado próximo à hidrelétrica de Jatapu e a BR-210.

Os Wai Wai criaram a Associação do Povo Indígena Wai Wai (APIW), em 2008, que desde então vem trabalhando em parceria com outras organizações indígenas, como o Conselho Indígena de Roraima (CIR) (LAPOLA, REPETTO, 2018). O objetivo da Associação é dialogar com a sociedade nacional, os agentes do Estado, ONG'S e etc.

Em reportagem ao jornal digital Folha Web em 16 de março de 2018, o Governo Estadual anuncia pela primeira vez, em 23 anos, que a usina vai trabalhar na capacidade máxima e alimentar três municípios do Sul do Estado de Roraima:

> A atual fase de testes desde dezembro, os sistemas de supervisão e controle em operação da usina hidrelétrica de Jatapu, em Caroebe, já estão em funcionamento, junto com as quatro turbinas geradoras que totalizam 10 megawatts. Essa é a primeira vez em 23 anos que o complexo energético está funcionando em sua totalidade. A unidade será inaugurada pelo governo em breve. Jatapu atende à necessidade energética dos três municípios localizados ao Sul: Caroebe, São Luiz e São João da Baliza e garante mais segurança. O sistema Jatapu será interligado ao linhão de Guri, na Venezuela, que fornece energia para Roraima (FOLHA WEB,16/03/2018).

De duas turbinas, quatro passaram a funcionar. Como consequências de tal aumento, há a retenção de mais vazão de água. Em visita a área, é possível observar que o rio Jatapu, em relação ao Jatapuzinho, é mais raso e com presença de muitas pedras, mesmo em época de chuvas. Tal problema sequer é discutido entre o governo e os Wai Wai, invisibilizando as consequências disso para os povos indígenas. Não há também nenhuma medida compensatória estabelecida.

Figura 04: Foto da U.H. de Jatapu com duas turbinas em 2013 (foto divulgação/ CERR)



Fonte: G1 RR, 2013[1].

[1] Disponível em: http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia /2013/08/novas-turbinas-para-usina-de-jatapu-chegam-em-setembro-roraima.html

Figura 05: Foto da U.H. de Jatapu com 4 turbinas após reforma em 2018 (Foto: William Roth/ Governo de Roraima/ Divulgação)



Fonte: G1 RR, 2018.[2]

Em reportagem de 31 de outubro de 2018, o site G1 - Roraima, informou que centenas de peixes foram encontrados mortos próximo à usina hidrelétrica do rio Jatapu, localizada em Caroebe, região Sul do estado de Roraima. Vídeos feitos por pescadores da região mostram os peixes presos em pequenas lagoas entre as pedras. O engenheiro Márcio Almeida, responsável pela hidrelétrica, confirmou a autenticidade do vídeo, disse que o local onde os peixes foram encontrados fica cheio no inverno e com a chegada do verão a água baixa e os peixes ficam presos, e acabam morrendo sem oxigenação.

> Essa situação ocorreu abaixo do vertedouro, não tem relação com as turbinas, que ficam uns 2Km distante. Ocorre que nessa área no inverno fica mais cheia [de água] e os peixes ficam aí. Com a chegada do verão, a água do lago baixa e com o leito seco, os peixes acabam ficando presos entre as pedras e morrem por falta de oxigenação", explicou o engenheiro (G1-RR, 30/10/2018).

Como se percebe, são evidentes os impactos ambientais causados pela construção e funcionamento da hidrelétrica, assim como o fato de que essa construção continua sendo apenas mais uma bandeira desenvolvimentista, uma promessa eleitoral e um discurso vazio para os Wai Wai.

[2] Disponível em: https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia /hidreletrica-de-jatapu-no-sul-de-rr-e-reinaugurada-e-passa-a-operar-com-capacidade-total-apos-24-anos-de-criacao.ghtml

Diferentes elementos participaram na formação atual das terras oficialmente reconhecidas e das comunidades do povo Wai Wai:

> O surgimento de novas comunidades no rio Jatapuzinho e no Jatapu, extrativismo da castanha, impactos ambientais e sociais pela construção da estrada Perimetral Norte, que no contexto do projeto Calha Norte chegou a penetrar na T.I., mas foi abandonada, apesar de estar já toda planejada, os impactos que a usina hidrelétrica de Jatapu, embora fora da terra indígena, pois se encontra a montante do limite da terra, no rio Jatapu, impacta de diversas formas na vida das comunidades, as quais se sentem afetadas pela barragem da UH e os impactos sobre a disponibilidade de alimentos e do rio como recurso central de sua vivência. Na comunidade de Jatapuzinho temos a presença de uma unidade básica de saúde e escola que oferece ensino fundamental e médio para os estudantes Wai Wai (LAPOLA, REPETTO, 2018).

Vemos a luta acontecendo dentro das comunidades, nas quais as principais lideranças, tuxauas (líder da comunidade indígena), pastores e membros da associação, se organizam e cobram do Governo do Estado melhorias na infraestrutura de estradas. Já foi solicitada uma extensão da BR 210, para que atravessando o rio Jatapu haja uma aproximação até Jatapuzinho, no entanto há pessoas que se preocupam e se manifestam contrários, devido à ameaça de invasões de colonos (LAPOLA; REPETTO, 2018).

Por um lado, não se pode negligenciar o fato de que vias de transporte necessárias para levar pessoas doentes e para escoar a produção, para gerar renda, enfim. O Wai Wai são os principais produtores de castanha do estado de Roraima, e além disso fabricam farinha e produzem artesanatos para comercialização (LAPOLA, REPPETO, 2018).

Num diálogo com o povo Wai Wai, é possível perceber que eles sentem diversas preocupações relativas à construção de usina hidrelétrica e ao avanço da estrada, assim como temem outras invasões diversas e cobrança de pedágios dos fazendeiros. (LAPOLA, REPETTO,2018)

Na entrevista do zootecnista Juvino Alba, da FUNAI, acessei a algumas informações sobre as invasões atuais que ocorrem dentro das Terras Indígenas dos Wai Wai no Estado de Roraima:

> Ultimamente tem surgido algumas questões relacionadas a invasões dentro da Terra Indígena, com relação de situação de madeira, a própria retirada da castanha também de forma ilegal, ao menos denúncias que tem algumas coisas de garimpo também, mas tem muitas denúncias que eles fazem verbal e a gente precisa disso em forma de documento, então muitas vezes os documentos não chegam, para sede desencadear qualquer ação dentro dessa denúncia, precisa ter um documento que dê origem a isso para tomar as providências. Nesse mês agora em Julho, teve uma equipe que entrou pra lá exatamente para ver as questões dessas denúncias, retirada de madeira, invasão de Terra Indígena para extração de castanha, questão de garimpo, então tem

> uma equipe da CR que foi lá. Na área de extração da castanha teve problemas com fazendeiros cobrando pedágio na questão de acesso, a gente foi lá para resolver isso aí, conversaram com o pessoal lá para ver se soluciona a questão. Na verdade são algumas áreas que eles colhem a castanha e não tem estrada, então acabam entrando pela fazenda de algum fazendeiro, as vezes tem uns conflitos na região da Terra Indígena Wai Wai, na região de Jatapuzinho não tem esse problema, probleminha é mais na vicinal 07 e na 31 (ALBA, 2018).

Assim sendo, tais invasões e abusos de fazendeiros preocupam os Wai Wai. Muitas vezes suas denúncias não são averiguadas e fiscalizadas por órgãos competentes como a FUNAI, por conta dos mesmos dependerem de documentos para executarem a ação. Este é um problema mais evidente na Terra Indígena Wai Wai do que na Terra Indígena Trombetas Mapuera, ambas localizadas no Estado de Roraima.

Nos dias de hoje na comunidade de Jatapuzinho:

> O que prevalece é a roça, a caça, a pesca, a escola, o culto religioso evangélico, o futebol, a dança Wai Wai e o forró religioso, elementos escolhidos por eles. Permanecem ainda muitos conhecimentos tradicionais, como o uso da língua materna, a culinária, regras de caçadas, fidelidade ao sogro e outros fundamentos de sua organização social, etc (LAPOLA, REPETTO, 2018, p.162).

O jovem Wai Wai Miguel Wepaxi (2018) fala sobre a preocupação e anseio dos jovens pelo uso de energias renováveis, como, por exemplo, o uso de placas solares. Eles enxergam uma excelente oportunidade de aproveitar a abundante energia solar e diminuir os custos da geração de energia que utiliza a queima óleo diesel.

As comunidades Wai Wai lidam de uma forma muito interessante com a ambivalência que se dá na relação estabelecida entre o tradicional e o novo. Culturalmente, importantes elementos da estrutura social tradicional são mantidos ainda muito vivos, como as relações de parentesco ou as dinâmicas participativas e coletivas nas assembleias e organizações (LAPOLA; REPETTO, 2018). Os Wai Wai lidam com as discordâncias entre as comunidades através de uma votação, vivenciando uma democracia ativa que a sociedade nacional ainda precisa compreender. Jorge Gasché e Napoleón Vela (2012) já refletiam sobre os elementos sociológicos comuns que vivenciam os povos da floresta.

Em Boa Vista, capital de Roraima, entrevistei o Wai Wai Miguel Wepaxi, estudante de direito, o missionário Milton Sobrinho, presidente da Missão Evangélica da Amazônia (MEVA) de Roraima e o técnico Juvino Alba, zootecnista da Fundação Nacional do Índio(FUNAI-RR). Todos possuem experiências sobre a realidade atual dos Wai Wai e através de suas opiniões pessoais compartilham como se dá a relação entre a natureza e as populações mais jovens Wai Wai, num panorama do desenvolvimento atual.

Durante a entrevista, o Wai Wai Miguel Wepaxi comentou sobre os projetos de educação vindos da cidade. Em relação às novas gerações Wai Wai, esses projetos contribuem negativamente, pois causam um distanciamento da relação ancestral com a natureza.

> Ao invés de ajudar piorou estes projetos da cidade, distanciou muito os Wai Wai da natureza e tirou alguns itens dos costumes nossos. Hoje em dia a maioria das crianças Wai Wai não sabem fazer flecha, na minha época de criança eu fazia flecha e caçava, isso acontece porque a educação vinda da cidade diz para jogar bola, aí eles vão jogar bola. Geralmente estudam de manhã e à tarde depois da aula brincam de bola, esta educação é um projeto para acabar com a vida indígena das comunidades da minha região. Mesma coisa a religião, eles tiraram muitas coisas, como por exemplo alguns conhecimentos sobre a natureza, os Wai Wai usavam antigamente remédio para poder acertar o animal, para ver se ficava bom de flecha, foi proibido. Recentemente foi proibida a brincadeira Wai Wai tão natural de imitar o macaco, porcão, a anta, eles pensavam que estávamos adorando estes bichos, aí os pastores proibiram, hoje não tem esporte tradicional Wai Wai, acabou, hoje tem futebol de brincadeira, dança e o forrozinho Wai Wai em que as letras são religiosas (WEPAXI, 2018).

Devido a proposta pedagógica da escola de Jatapuzinho de incentivo ao futebol e a forte cultura mundial de valorização deste esporte, percebe-se que os adolescentes e jovens Wai Wai se interessaram pelo futebol. Antigamente eram incentivados e se habituaram desde a infância a caçar e fabricar arco e flecha. Existe também uma preocupação relacionada à ausência de prática aos esportes tradicionais Wai Wai e a falta das brincadeiras tradicionais, como imitar animais, brincadeira essa que foi praticamente extinta a pedido dos pastores.

Milton Sobrinho, presidente da MEVA, compartilhou em entrevista para esse trabalho a sua opinião sobre a relação entre a atual expectativa de vida dos Wai Wai desde que se tornaram cristãos:

> Mas por exemplo, fica uma pergunta, porque mesmo não estamos mais presentes na comunidade eles não deixaram a religião? Pelo que eu conheço, ela se tornou relevante, uma forma genuína dentro da sua própria visão deles, até hoje presente e continuam na bíblia, anteriormente se você fizer uma projeção de comparação entre os parâmetros que medem o IDH, este que mexe com a expectativa de vida, você percebe que há uma enorme diferença entre os Wai Wai e outras etnias aqui do estado, problemas seríssimos das comunidades indígenas daqui, que é o alcoolismo, você vai encontrar um nível muito baixo de alcoolismo entre eles aqui no estado de Roraima. O próprio IDH é comparável a um país bem mais desenvolvido com parâmetros melhor do que o Brasil, como alfabetização e também outros aspectos. Quando não existia nenhum apoio do estado, já existia escola entre eles, praticamente não se encontra Wai Wai analfabeto, e tudo vem pelo trabalho da missão, durante todo esse tempo e hoje você tem Wai Wai formado e se percebe que tudo começa com o trabalho da missão, então, embora hoje a gente não tenha mais a presença, eles tem um respeito enorme pelo trabalho da missão, junto das pessoas que fizeram parte desde o início deste trabalho, como o trabalho da saúde, pois a situação inicial desse grupo estava praticamente fadado a extinção (SOBRINHO, 2018).

A MEVA, atualmente, não se encontra presente na comunidade do Jatapuzinho, atua mais no apoio aos Wai Wai na cidade de Boa Vista. Atua ajudando em relação a algum material, consultas médicas, e na formação de pastores e missionários presentes na comunidade. Ainda segundo Milton Sobrinho, mesmo sem a presença da MEVA nas comunidades, eles se sentem bem melhores sendo cristãos. Ele diz que essa é uma escolha deles e que os Wai Wai são gratos pelos trabalhos da Missão em todos esses anos. Justifica, portanto, a relação dos Wai Wai junto do cristianismo através do bom resultado do IDH, reconhecido como um dos melhores índices se comparados com outras etnias indígenas, avaliando itens como a alfabetização, baixíssimo índice de alcoolismo, ausência de violência e boa expectativa de vida.

Na opinião pessoal do zootecnista Juvino Alba, membro da FUNAI, sobre a relação dos jovens Wai Wai entre a natureza e o acesso ao desenvolvimento atual:

> Percebemos através daquele trabalho que fizemos da castanha e ficamos muito preocupados com a competição, como disputa de um querer colher mais castanha que o outro, chegou a um ponto de eu pensar, "será que nós estamos fazendo a coisa certa em apoiar essa questão da produção da castanha", porque teve uns anos que uns indígenas invadiram a área de outros para colherem castanha, então isso gerou uma certa preocupação, mais agora parece que a coisa se equilibrou novamente, porque isso depende muito da liderança da comunidade área, às vezes você tem um tuxaua que não tem muita liderança e aí as pessoas não obedecem e isso também me dá preocupação. Mas com relação ao afastamento dos jovens da cultura, talvez Anauá e Xari estejam mais afastados, na região de Jatapu, tem uma liderança que tem um certo peso e manutenção, eles preservam muito ainda a questão da cultura, principalmente os mais antigos, a gente tem percebido que têm envolvidos eles nessas atividades culturais, na manutenção da cultura deles lá (ALBA, 2018).

É possível observar, através do relato, a preocupação relacionada à disputa e a concorrência entre os Wai Wai, assim como o papel fundamental da liderança da comunidade para equilibrar os desejos de consumo do mundo atual. Em relação à cultura tradicional, segundo Juvino Alba - que está presente nas comunidades Wai Wai de Roraima a serviço da FUNAI – RR (órgão de tutela ao indígena), há uma maior preocupação entre eles quanto a manutenção dos valores culturais na comunidade de Jatapuzinho.

O povo Wai Wai sempre foi adepto a transformações, sempre se adaptando às mudanças à sua maneira. Como um povo originário, os Wai Wai passaram por muitas experiências e, frente às pressões atuais ainda vivem mudanças decorrentes das tendências de políticas conservadoras em escala nacional e mundial. Graças a sua organização, estão cada vez mais preparados para defender e garantir os seus direitos constitucionais.

No próximo capítulo, tratarei sobre a cultura e os conhecimentos indígenas da Amazônia e de outras partes do mundo, sob o ponto de vista de pesquisadores do campo das Ciências Humanas. Partiremos, portanto, de um conhecimento mais geral para no capítulo 4 tratarmos da compreensão do conhecimento específico da caça.

3. WAI WAI, SUBSISTÊNCIA E NATUREZA

Esse capítulo apresenta os métodos de subsistência e a relação com a natureza do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho. Para tanto, usamos como suporte metodológico o trabalho teórico de Jorge Gasché, que apresenta o conceito "sociotureza", qual seja: o Método Indutivo Intercultural, e a Teoria da Atividade, de Vygostsky (1991). Estaremos trabalhando nesta parte também com Caixeta de Queiroz (2008) que trabalhou na demarcação da T.I estudada com "Trombetas Mapuera. Território Indígena"; Fernando Cançado (2003) que fez o "Relatório Técnico e Ambiental: Manejo de Recursos e Territorialidade dos Wai Wai" para a FUNAI, no projeto de demarcação da T.I. Trombetas Mapuera; Betty Meggers com "Amazonia, hombre e um paraíso ilusório"; Jorge Souza (1998), que estudou os Wai Wai em sua dissertação de mestrado: "Os Wai Wai do Jatapuzinho e o irresistível apelo à modernidade"; o professor Wai Wai Ignácio Gutierrez e a professora Eliane Souza (2015) que contribuiem em parceria com o livro "História, ambiente e educação em Jatapuzinho".

Identificarei e analisarei as atividades de subsistência da comunidade estudada, tratando sobre a agricultura, pesca, caçadas e coleta da castanha, através das entrevistas e da elaboração de um Calendário Geral Socionatural. Além disso, farei considerações sobre os conceitos e as relações entre cultura e natureza.

3.1. WAI WAI E A SUBSISTÊNCIA EM JATAPUZINHO-RORAIMA

Segundo Jorge Souza (1998) e Ignácio Gutierrez (2015), os homens e as mulheres na comunidade têm as suas atividades divididas de acordo com o gênero. Os homens se ocupam da confecção de instrumentos musicais, caça, pesca, derrubam árvores, constroem casas e colhem frutas silvestres na mata. Já as mulheres cuidam da casa, fazem fogo à lenha, cozinham e produzem artesanato, dentre outras ocupações. As atividades que envolvem homens e mulheres é a coivara, a capina, plantação das roças e a confecção de plumárias. Sobre essas atividades diárias, Caixeta de Queiroz conclui:

> As atividades produtivas dos diversos grupos indígenas Tarumã- Parukoto combinam a prática da agricultura de coivara- na qual o cultivo tem lugar de destaque-com a prática da caça e da coleta. Os vários estudos sobre o processo de formação desses grupos apontam que, no passado, muito provavelmente eles praticavam a caça e a coleta, adotando nomadismo como forma de organização social capaz de aproveitar os diversos recursos potenciais oferecidos pela natureza (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008, p.242).

A frente de atração organizada pela FUNAI e pelo PPTAL, junto com os Wai Wai, fez contato com os Karapawyana, que permaneciam isolados até o início da década de 1980. O autor afirma que esses índios "davam grande importância à agricultura, ainda que sua prática rudimentar, pois não tinham acesso aos instrumentos de metal e o machado de pedra constituía-se a única ferramenta para cortar árvores e abrir roças" (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008, p.242).

Os Wai Wai organizam-se como uma sociedade de caçadores-coletores-agricultores. As principais atividades que eles reconhecem como Unidade de Recurso são a Floresta, Curso D'Água, Fruteira, Castanhal e Terra Firme. Explicando as unidades citadas:

> Floresta: Sustenta direta ou indiretamente às atividades de coleta, caça e agricultura; Curso d'água: relaciona-se à unidade de paisagem de planícies fluviais, os recursos retirados, se desenvolvem através da atividade de caça, pesca e coleta; Fruteira e Castanhal, ocorrem em árvores frutíferas (buriti, bacaba, patuá, castanha) que fornecem frutos e ambiente para caça; Terra Firme: porções da floresta que já passaram por agradação e encontra-se protegida de inundações, ambiente onde os Wai Wai desenvolvem as atividades agrícolas (CANÇADO, 2003, p.21).

Tais unidades de recurso citados estão categorizadas nas principais atividades de subsistência para a sobrevivência Wai Wai. Assim sendo, analisarei ponto a ponto de como os Wai Wai se relacionam com a natureza para a subsistência. Os principais meios de sustento do povo Wai Wai são a agricultura, a pesca, a caça, a coleta da castanha, as plantas medicinais, as frutas e o comércio. Discutiremos cada item para que seja possível entender onde a caça se encaixa, assim como qual a sua importância na relação com a natureza para os Wai Wai.

3.1.1. Agricultura

A Terra Firme é o ambiente onde os Wai Wai abrem suas roças e dedicam-se a agricultura. A escolha da área do roçado é feita a partir de critérios bem claros que levam em conta a estabilidade do terreno frente às enchentes, a distância do rio, o tipo de solo, etc (CANÇADO, 2003, p.36). O processo de abertura da roça consiste basicamente na escolha do local, no qual ocorre a derrubada das árvores entre os meses de agosto e outubro. Após isso, de outubro a novembro, são feitas as queimadas, e em novembro a janeiro é feita a coivara para o plantio ser feito de novembro a fevereiro.

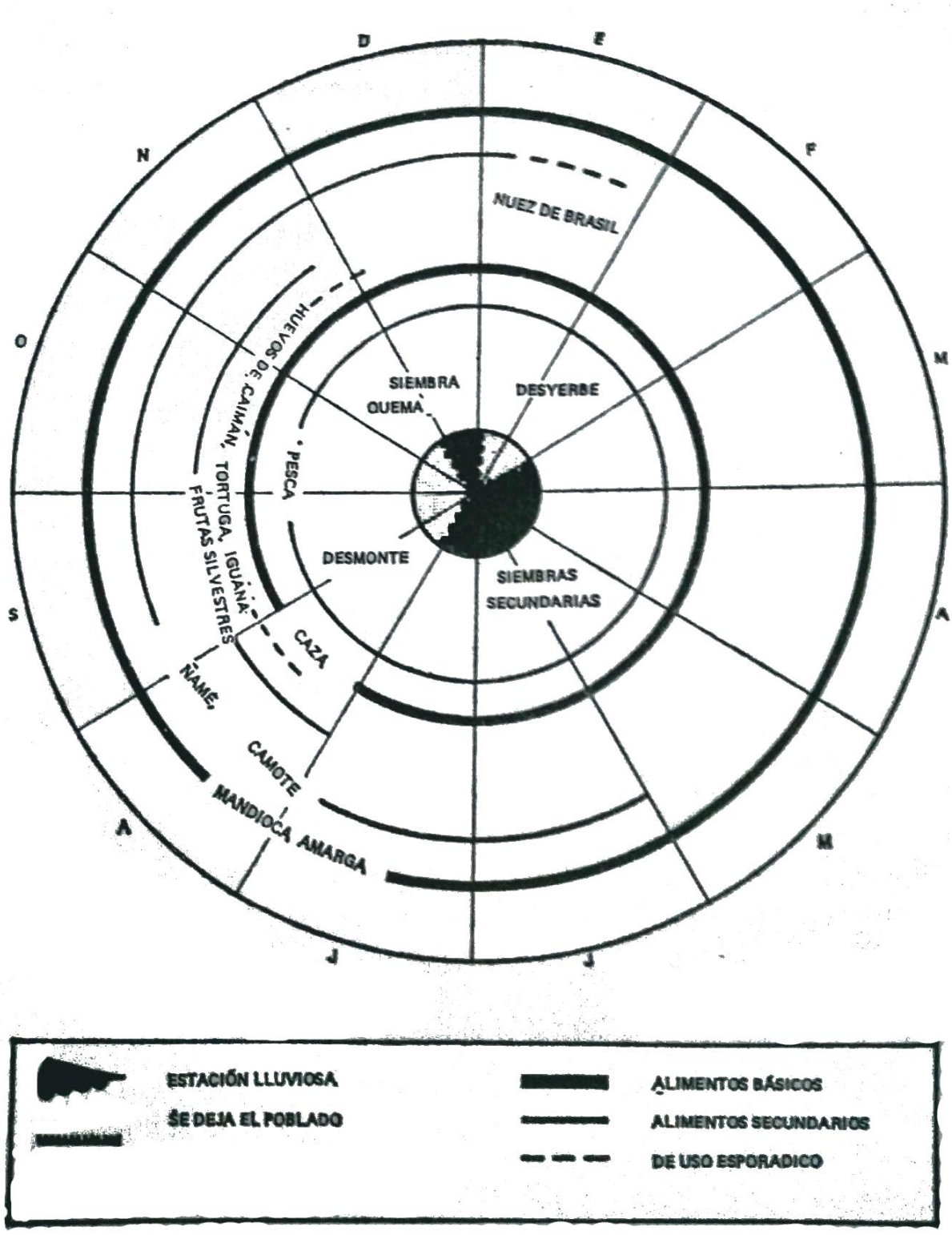
> O plantio se dá em meio a pedaços de troncos abatidos ou enraizados e queimados. Uma das roças comunitárias chama-se *tucuryam* (terra vermelha) em referência à cor do tipo de solo presente na roça: um latossolo arenoso. Eventualmente ocorrem cheias que alagam algumas roças, na estação do inverno chuvoso. Planta-se principalmente: mandioca, cará, batata; Frutas: banana, cana de açúcar, abacaxi, mamão (p.36); Temperos: pimenta; Cipós: *kreuet;* Palhas: *pîrî* (CANÇADO, 2003, pp.36-37).

Nas atividades agrícolas não é utilizado nenhum tipo de adubo ou defensivo. A roça Wai Wai é completamente ecológica e, segundo os critérios mercadológicos atuais, totalmente apta para receber o selo verde (CANÇADO, 2003, p.37).

> As roças são utilizadas ao longo de grande período (5 a 6 anos) observando-se a sazonalidade dos produtos. Ao longo deste período a roça vai se transformando em juquira (ewtotho), mas ainda com grande variedade de alimentos e utensílios. Após esse período o juquirão é derrubado e queimado, gerando nova roça. Plantios anuais são feitos em diferentes roças. As roças de forma geral são circulares e possuem disposição. Atualmente têm se adotado roças retangulares (CANÇADO,2003, p.37).

A mandioca é o principal recurso de subsistência dos Wai Wai. Dela é feita a farinha e o beiju que são produtos essenciais da dieta alimentar do grupo. A responsabilidade do plantio e coleta é coletiva (SOUZA, 1998; CANÇADO, 2003; GUTIERREZ, 2015; SOUZA, 2015).

Figura 06: Calendário do ciclo anual de subsistência Wai Wai



Fonte: MEGGERS, 1999, p.133.

Betty Meggers (1999), apresenta neste calendário, o ciclo de anual de subsistência Wai Wai, estudados na região do rio Essequibo na Amazônia Guienense e na região do rio Mapuera na Amazônia Brasileira. Demosntrando o ciclo da roça (derrubada, descanso,

queima, plantação e colheita), os alimentos básicos (mandioca e caça), secundários (pesca, frutas e carne de jacaré) e de uso esporádico (ovos de tartaruga e castanha) (MEGGERS, 1999).

Desta forma notamos como os Wai Wai organizam seu território, através da sua subsistência de acordo com a estação chuvosa em que há mais abundância de caça e o verão que há mais atividade de pesca e início das derrubadas de árvore para dar início ao ciclo da roça, principalmente para plantar mandioca.

O plantio da mandioca se faz colocando dois pedaços dela com aprox. 20 cm em covas de 50 cm de largura por 30 cm de profundidade. As covas são abertas com o auxílio de enxadas.

Tabela 01: Espécies de mandioca plantadas pelos Wai Wai

Nome das mandiocas na língua Wai Wai	Espécies de mandioca	Nome cietífico das mandiocas
Wyepu	Brava, utilizada na confecção da farinha	*Manihot*
Xereyepu	Brava, utilizada para confecção do beiju	*Manihot Aipi*
Tarsomyepu	Macaxeira, come-se cozida	*Manihot Esculenta*
Torowopo	Utilizada na confecção do beiju de goma	*Manihot Esculenta Crantz*

Fonte: CANÇADO, 2003, p.41.

Inácio Pereira Gutierrez (2015) afirma que o manejo das roças dos Wai Wai pode ser chamado de agricultura itinerante, visto que, de tempos em tempos, mudam de lugar. O mesmo ocorre com os locais das caçadas. A vantagem de tal estratégia se dá por uma solução ecológica racional, pois é uma solução para as adaptações físicas e climáticas, exercendo, portanto, cuidados necessário em relação a sua segurança alimentar.

> As principais espécies plantadas na comunidade do Jatapuzinho, são: o algodão, abacaxi, banana, cana de açúcar, mamão, diversas espécies de cará, batatas, macaxeiras, mandioca amarela, sobretudo a mandioca brava (SOUZA, 2015, p.84).

A roça é uma das principais fontes de alimentação. Quando chove demais e as roças ficam distantes, os principais elementos de fora que são consumidos na comunidade nesse período são arroz, feijão, açúcar, sal e o óleo (SOUZA, 2015, p.83). Esse é um exemplo das adaptações relacionadas à segurança alimentar, como a necessidade de correr atrás de caça, pesca ou mercadoria alimentar junto dos não índios.

O método de construção da roça através da queima e da coivara, está mais bem adaptado ao meio ambiente tropical do que a técnica da agricultura intensiva, pois esta implica a destruição do terreno e de toda vegetação. (MEGGERS, 1999)

Existem as roças individuais e as comunitárias. No âmbito comunitário, a derrubada das árvores e a coivara são feitas coletivamente. Após o processo, a colheita é dividida igualmente entre aqueles que participaram. Esse direito é reservado às famílias que participaram ativamente do trabalho na horta coletiva (SOUZA, 2015, p.83).

Atualmente, a terra boa para o plantio fica localizada perto da comunidade de Jatapuzinho e já mostra indícios de esgotamento. Por isso, na maior parte do ano, as famílias possuem roças distantes da aldeia, chegando a fazer roças nas terras de outras comunidades (SOUZA, 2015).

A atividade econômica de subsistência básica em Jatapuzinho, à maneira das demais aldeias, é a agricultura desenvolvida no modelo tradicional de roças. Sobre a localização dessas roças Souza discorre:

> O grupo local possui roças familiares e uma roça maior comunitária. Atualmente as roças da comunidade começam a ser desenvolvidas em locais distantes da aldeia. Muitas delas podem levar um dia inteiro até que sejam alcançadas a pé ou de canoa. O território que abriga as roças de Jatapuzinho expande-se em todas as direções. A aldeia funciona como centro referencial a partir do qual se irradiam inúmeras veredas por dentro da mata que dão acesso às roças. Muitas delas estão localizadas nas direções opostas à jusante e à montante do rio a partir da aldeia. Isto se deve às condições de transporte e mobilidade. Facilita o acesso das pessoas e o transporte dos produtos que são acondicionados em canoas, meio mais eficiente utilizado durante a fase da colheita sazonal, de mandioca e demais tubérculos coletados ao longo de quase todo o ano. Mas a tática de utilizar a canoa como meio e o rio como via para transportar os produtos faz com que cada vez mais as roças se distanciam da aldeia. Este distanciamento crescente da roça em relação à aldeia tem obrigado famílias waiwai a permanecerem por mais tempo longe do grupo local quando estão preparando suas roças. No sentido longitudinal paralelo ao curso do Jatapuzinho, as roças waiwai estão localizadas na zona compreendida entre o Jatapu à jusante, e à montante da foz do Jatapuzinho, até o curso médio deste rio, onde recebe o seu principal afluente, o rio Girão. Também existem roças espalhadas no sentido norte/sul em relação à aldeia. As primeiras estão localizadas às margens da picada que permite acesso ao Jatapu, as outras, entre a aldeia e a serra do Curupira (SOUZA, 1998, pp.173-174).

Visto o reconhecimento da roça como o principal meio de subsistência dos Wai Wai, o distanciamento das roças das aldeias faz com que o transporte até elas seja realizado de canoa, principalmente com motor de popa, fato que os torna extremamente dependentes de combustível. Tal carência faz os Wai Wai refletirem sobre a necessidade de fazer

revezamento de locais de roças, prática mantida com o objetivo de não desgastar excessivamente os solos.

3.1.2. Pesca

A principal unidade de recurso relacionada a prática da pesca é a curso d'água, que se constitui pelos leitos fluviais e, principalmente, os poções. Correspondem à unidade de paisagem planícies fluviais. Explicando:

> Poções no rio Cafona são unidades de recurso, pois são locais aos quais os Wai Wai sempre recorrem para pesca do trairão. O rio Jatapuzinho também é muito utilizado para a pesca com linha e anzol. As principais espécies pescadas são trairão, surubim, curimatã e piau (na cheia) e tucunaré, trairão, jandiá e piranha (na seca). Os mais apreciados são surubim, jandiá, piau e tucunaré (CANÇADO, 2003, p.24).

Dentre as técnicas Wai Wai de pesca,

> A pesca inclui variadas técnicas desenvolvidas para capturar peixes. Os rios, igarapés e lagos costumam oferecer abundância de pescado em determinadas épocas do ano, principalmente no período de vazante. Entre os recursos mais frequentes estão a utilização de arco e flecha, armadilhas submersas, jiqui, envenenamento, e mais recentemente utilizam linha de *nylon* com anzóis, tarrafas e pequenas redes (SOUZA, 1998, pp.144).

Os tipos de iscas coletados da floresta utilizados para pesca pelos Wai Wai:

> Na pesca com anzol e linha utiliza-se como isca larva (akrî) do coquinho da palmeira kuié, minhoca (kariwa) e buxo de arara. Destas iscas a mais utilizada é ao longo de todo ano é a *akrî.* A coleta de coquinhos da palmeira kuiê ocorre em locais bem definidos pelos waiwai que constituem-se de unidades de recurso. Para se pescar pacu e aracu, utiliza-se eventualmente a semente de kuxuwyi. Esta planta é um arbusto pequeno que nasce nos quintais das casas (CANÇADO,2003, p.24).

Há também um tipo de pesca realizada com o arco e flecha, técnica utilizada principalmente para pesca do trairão. As flechas possuem ponta de ferro para perfurarem a cartilagem do peixe (CANÇADO,2003).

Sobre a farta alimentação de peixes:

> A piscosidade dos rios permite aos waiwai uma alimentação farta, salvo algumas regiões onde os rios são demasiadamente tomados por grandes quedas d'água que dificultam o desenvolvimento da maioria das espécies de médio e grande portes, bem como impossibilita os ciclos reprodutivos regulares da piracema que não consegue atingir o alto curso desses rios, tornando-os pobres em peixes (SOUZA, 1998, p.145).

O período da Piracema, que é o momento da reprodução dos peixes, ocorre no início da cheia, no mês de maio/junho. Os Wai Wai se referem a ela como *eurutofoyîmaw*. Nesta época, pesca-se principalmente com linha e anzol e, eventualmente, com rede (CANÇADO, 2003, p.27).

Tabela 02: As espécies de peixes mais comuns na dieta dos Wai Wai

Nome dos Peixes em Português	**Nome dos Peixes em Wai Wai**	**Nome Científico**
Tucunaré	Parana	*Cichla*
Surubim	Okoropicho	*Pseudoplatystoma corruscans*
Jundiá	Karamuruku	*Rhandiam quelen*
Trairão	Aymara	*Hoplias*
Piranha	Poñe	*Serrasalmus nattereri*
Pacu	Kurwarî	*Myleinae*
Cascudo	Pore	*Loricariidae*
Aracu	Kotiso/bamu	*Leporonius friderici*
Poraquê	Kaxmi	*Electrophorus electricus*
Arraia	Xpari	*Batoidea*
Mandi	Marakara	*Pimelodus pohli*
Matrinxã	Puxa	*Brycon cephalus*
Curimatã	Poosu	*Prochilodus lineatus*

Fonte: SOUZA, 1998, p.148-E.

No que se refere à pesca, há muitos peixes no rio. Lá os principais rios de pescaria são o Jatapuzinho e o Jatapu. O período mais comum de se encontrar uma grande quantidade de peixe é no ciclo seco, que vai de setembro a fevereiro (SOUZA,1998; SOUZA, 2015). Os peixes mais comuns são o trairão, surubim, pacu, piranha, aracu, tucunaré, mandi e outros. O jacaré e a arraia também são animais de que os Wai Wai se alimentam. Dentre os tipos de peixes citados acima, o jacaré, o trairão e o surubim são os que estão diminuindo ultimamente nas proximidades da aldeia (SOUZA, 2015, pp.84- 85).

Os Wai Wai sabem da utilização de formas predatórias de pesca, como a explosão de botijões de gás, mas as rejeitam. Os Wai Wai se preocupam com seus impactos na natureza e discutem em assembléias como instruir a nova geração de estudantes, crianças e adolescentes sobre os danos causados à natureza proveniente pelo uso do timbó para pescar nos rios.

3.1.3. Caça

As principais unidades de recurso relacionadas à prática da caça são curso d'àgua (margens, barras e ilhas fluviais), Fruteira e Floresta.

Dentre a importância das caçadas para os Wai Wai:

> As atividades relacionadas à caça são de importância fundamental para os Wai Wai se reconhecerem como grupo. Grande parte das atividades rotineiras do grupo está relacionada à caça, envolvendo práticas que se iniciam na busca da árvore do arco krapayeupu), passa pela manufatura do arco e pelas técnicas de caça, abate e conservação do alimento. A caça constitui-se ainda da principal fonte de proteína. A atividade é exclusivamente masculina (CANÇADO, 2003, p. 22).

O inverno, período das chuvas, é a estação em que há maior abundância de presas. Ao longo deste período os rios e igarapés estão cheios e formam-se ilhas fluviais, que são verdadeiras ilhas de recurso abundantes em caça (SOUZA, 1998; CANÇADO, 2003; CAIXETA DE QUEIROZ, 2008; SOUZA, 2015).

Durante a época de seca, a caçada é realizada principalmente na madrugada. São utilizadas, portanto, técnicas de fastio: fachos de luz lançados a partir dos barcos em direção às margens de rios e igarapés a fim de surpreender os animais que por ali estejam. (CANÇADO,2003)

Dentre as técnicas e armas utilizada para as caçadas Wai Wai,

> Os informantes indígenas descreveram técnicas de tocaia próximo a fruteiras e em trilhas marcadas na floresta. A imitação de sons para atrair as presas é outra técnica utilizada. Observou-se a utilização de assobios para chamar a anta que resultou na caçada e abate do animal. Atualmente as caçadas são realizadas utilizando-se principalmente espingardas calibres 20, 22, e 32. Arco e flecha é utilizado basicamente para se matar peixes, aves e macacos (CANÇADO, 2003, p.22).

Além do estilo de caçada de tocaia, há o de percurso com o cachorro de caça; esta ocorre durante a manhã ou à noite; ou sem o cachorro, assim como a caçada na roça, no castanhal e de dentro do barco. Tais técnicas serão mais desenvolvidas no último capítulo deste trabalho.

Tabela 03: Animais de caça mais apreciados pelos Wai Wai

Nomes dos principais animais de Caça em Português	Nomes dos principais animais de Caça em Wai Wai	Nome científico dos principais animais de caça
Paca	Wira	*Cuniculus paca*
Porcão	Poniko	*Tayassu pecari*
Catitu	Pakria	*Pecari tajacu*
Anta	Yaipî	*Tapirus*
Jabuti	Wayamu	*Chelonoidis carbonaria*
Macaco	Poroto	*Primates*
Jacaré	Watwa	*Alligatoridae*
Mutum	Pawxy	*Cracinae*
Cutia	Aikrî	*Dasyprocta*
Tatu	Kapayo	*Dasypodidae*
Veado	Kooso	*Cervidae*

Fonte: HAWKINS, Robert. Dicionário Uaiuai-Português. MEVA, 2002.

As principais espécies caçadas são: paca, porcão, catitu, anta, jabuti, macaco, entre outras. Segundo informantes, a carne de paca é a mais apreciada. Os alimentos são consumidos assados, moqueados ou em caldeiradas. Prefere-se caçar Jabuti fêmea por este animal possuir ovos que são muito apreciados pelo grupo indígena (CANÇADO, 2003, p.22).

3.1.4. Frutas

A unidade de recurso Fruteira se insere no contexto da unidade de paisagem floresta ombrófila densa submontana.

Tabela 04: Os frutos apreciados pelos Wai Wai

Frutos	Utilização	Mês de coleta	Nome científico
Buriti (*you*)	Composição de sucos.	Novembro e Dezembro	*Mauritia flexuosa*
Bacaba (*kumu*)	Composição de sucos	Abril	*Oenocarpus bacaba*
Patuá (*Kwaanamari*)	Composição de sucos que são consumidos durante trabalhos distantes da aldeia	Todos os meses	*Oenocarpus bataua*
Maçaranduba (*ookoropo*)	Consumido in natura	Junho	*Manilkara bidentata*
Tatajuba (*Katwaru)*	Consumido in natura e como suco (semelhante a jabuticaba)	Setembro a Fevereiro	*Maclura tinctoria*
Açaí (*manaaka)*	Não é utilizado como alimento, utiliza-se o tronco na confecção de casas	Agosto à Novembro	*Euterpe oleracea*

Fonte: CANÇADO, 2003, pp.32-33.

3.1.5. Coleta da Castanha

O principal recurso retirado da unidade castanhal é a Castanha do Pará (Titko)[3] *(Bertholletia excelsa).* A castanha é fonte de alimento para os Wai Wai, sendo utilizada in natura ou para a preparação de um leite da própria oleaginosa.

Em relação a localização e os processos de coleta da castanha,

> Os castanhais são recorrentes na mata ombrófila densa, com árvores espaçadas aproximadamente cerca de 10 metros. O período de coleta se estende de março a julho, às vezes agosto. Os ouriços são coletados no chão e abertos com terçado (facão) coletando-se então as castanhas. Encontra-se em dezembro ouriços no chão com boa castanha. Em abril os ouriços caídos começam a brotar.O igarapé das Castanhas (Titkoyeuku), afluente da margem esquerda do Rio Jatapu é uma região especialmente importante para os Wai Wai. Devido à sua localização de abundância de castanheiras constituiu-se de uma unidade de recurso com valor comercial. O acesso ao Igarapé Castanha é feito de barco com motor, sendo necessário 3 dias a partir da confluência do referido igarapé com o rio Jatapu (CANÇADO, 2003, p.28).

A castanha é processada de diferentes formas e utilizada para o enriquecimento na preparação de alguns alimentos da dieta tradicional. É também o produto da atividade extrativa vegetal de maior valor econômico comercializado pelo grupo (SOUZA, 1998, p.145).

Cabe ressaltar que o transporte de sementes na floresta é realizado por animais, agentes responsáveis também pela transformação do ecossistema. Relacionando a castanha com os animais de caça em questão, Salvador Nogueira (2012) afirma que o ouriço da castanha (*bertholletia excelsa*) é difícil de ser quebrado e que a cutia, animal roedor, é capaz de fazê-lo. A cutia consegue quebrar o ouriço, transportá-lo e enterrá-lo junto com as sementes em um raio de até 1 km. Segundo o engenheiro agrônomo Evandro Ferreira e Izailene Saar (2013), o macaco prego *(sapajus apella)* também é importante, visto que esse animais sopram a abertura do ouriço e batem nele até quebrá-lo. Parte das sementes caem no solo da floresta, sendo, portanto, consumidas e espalhadas por outros animais.

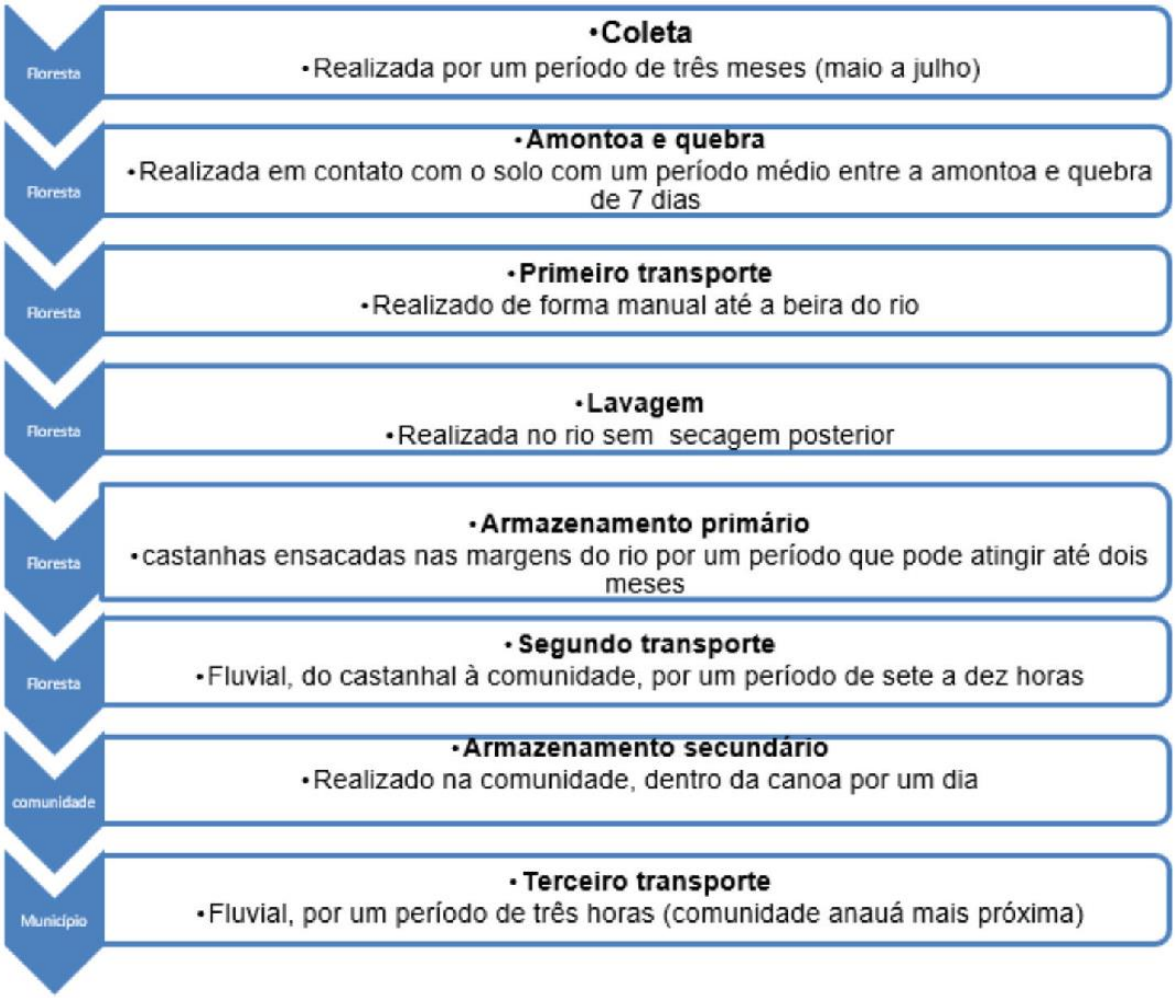
Os Wai Wai lutam por um projeto que melhore o preço de comercialização da castanha e assim consigam aumentar esta fonte de renda. Os castanhais ficam muito distantes da aldeia, portanto as famílias precisam acampar durante meses na mata durante a colheita da castanha. Além de ser um importante produto de comercialização a castanha também é bastante utilizada na alimentação: beiju, mingau e outros (SOUZA, 2015, p.86).

[3] Mesmo nome que hoje é designado a Castanha da Amazônia ou do Brasil.

Recentemente os Wai Wai se aproximaram de ONGS, como o ISA (Instituto Sócio Ambiental), que assessora o processo de comercialização e preço da Castanha e o IEPÉ (Instituto de Pesquisa e Formação Indígenas), que colabora em parceria com o ISA (LAPOLA; REPETTO, 2018, 161).

Podemos conferir abaixo, uma tabela que diz respeito a uma pesquisa realizada em 2014 pela Embrapa que mostra as fases de coleta de castanha dos Wai Wai no Estado de Roraima.

Tabela 05: Extrativismo da castanha dos Wai Wai em Roraima



Fonte: EMBRAPA RORAIMA. Extrativismo da Castanha Wai Wai, 2014.

Esta tabela agrega informações à pesquisa, visto que traz dados sobre as fases relacionadas a atividade de colheita de castanha de todas as comunidades Wai Wai. Inclusive, no caso específico de horas e dias de transporte da castanha por meio fluvial, é citado o da comunidade mais próxima da capital Boa Vista que é a Anauá, localizada na Terra Indígena Wai Wai.

Sobre a esta experiência vivida entre os Wai Wai, temos o depoimento de Juvino Alba, zootecnista da FUNAI que estava a campo junto com a EMBRAPA em 2014 durante a pesquisa sobre a castanha:

> Quando começamos com eles, identificamos que já era uma tradição antiga deles, era mais para consumo, alguma coisa eles comercializavam, mas não tinha nada de formação e qualificação. Então foram feitos treinamentos para colheita da castanha, manejo de castanhais, com corte de cipó, para que exatamente a castanha crescesse sua capacidade produtiva, demonstrar a maneira certa de limpar debaixo dos castanhais, a fórmula de amontoar a castanha para não infectar, problemas de acidente na hora em que está cortando o ouriço, isto são motivos de preocupação e também pelo manejo da colheita e do pós colheita, por exemplo de não ficar cortando o ouriço no chão, para não contaminar a castanha e aí todas estas orientações foram feitas com o pessoal da EMBRAPA, que tinha técnicos da castanha, aí quando a EMBRAPA se afastou, a gente fez uma parceria com o SEBRAE, que contratou a consultoria do Acre que trabalhou com castanha lá, então foi feito. O SEBRAE entrou com pagamento de consultoria e uma empresa do Acre. Isso aconteceu em 2011 (ALBA, 2018).

Em relação ao transporte da Castanha, segundo informações provenientes do diálogo com os Wai Wai, é possível perceber que eles se preocupam com a cobrança de pedágios feita quando passam obrigados pelas terras de fazendeiros vizinhos carregando a produção de castanha (LAPOLA; REPETTO, 2018). No caso, o pedágio é pago em sacas de castanha.

Os Wai Wai são os maiores produtores de castanha do Estado de Roraima, visto que a FUNAI desde a década de 80 esteve presente no projeto da castanha junto deles estimulando a comercialização. Mesmo no momento atual contando com ajuda de ONG'S, uma reclamação geral é a falta de empresas na região que comprem o produto. Com isso, há a necessidade delas serem vendidas a outros Estados e parte da produção acaba estragando. Necessita-se de vontade política e de gestão empresarial em Roraima.

3.1.6. Recurso Planta Medicinal

O acesso a planta medicinal ocorre nas unidades de recurso de Floresta e Terra firme. Os Wai Wai utilizam pouco de plantas para fins medicinais. Tal situação decorre de dois fatores:

> 1º -A existência de um posto de saúde da FUNASA que fornece os medicamentos mais necessários; 2º fato da utilização destas plantas ser considerada arcaica, sendo mal vista e extremamente desencorajada pelos pastores. Em situações extremas os Wai Wai, usam as plantas medicinais junto aos remédios de natureza alopática e também de maneira isolada (CANÇADO, 2003).

O Wai Wai Miguel Wepaxi comenta sobre a utilização de remédios de plantas da floresta

> Se usa muitos remédios da mata, como para curar ferida, leishmaniose se cura com um cipó, para curar diarreia faz-se um remédio de casca de caju, o caju da mata né, usa-se também casca de árvore, muito bom para diarréia, para malária nós não conseguimos curar com remédio da mata, assim como dor de cabeça, antigamente pajé curava, hoje não existe mais, só remédio alopático mesmo (WEPAXI, 2018).

Miguel Wepaxi afirma que, de certa forma, os Wai Wai utilizam remédios de plantas da mata, mas, para doenças mais graves, acabam recorrendo a medicina com tratamentos e medicamentos de brancos.

Tabela 06: Principais espécies vegetais medicinais

Planta Medicinal	Utilização	Nome científico
Wataaky (quina-quina)	Tratamento de Malária	*Cinchona officinalis*
Xixinatî ou Waynamukaynîntopu (cipó escada de jabuti)	Tratamento de disenteria	*Bauhinia rutilans Spruce*
Kuxpayepu (Óleo de copaíba)	Tratamentos de dores de garganta	*Copaifera*
Katawere (casca do tronco)	Tratamento de disenteria	*Luehea divaricata*
Timbó	Utiliza-se o leite do cipó sobre o local em que ocorreu ferroada de arraia a fim de cicatrizar rapidamente a diminuir a dor.	*Serjania laruotteana Cambess*
Caldo de cana	Utilizado para cortar o efeito do veneno de cobra.	*Saccharum officinarum*
Gordura da barriga de Sucuri (Oikoimo)	Tratamento de reumatismo	*Eunects*
Casca batida de makwawru	Tratamento Anticaspa	*Cyntharexyllum myrianthum*

Fonte: CANÇADO, 2003, pp.33-34.

Notamos na tabela acima algumas espécies da grande variedade de plantas medicinais advindas da Floresta que fazem parte do conhecimento dos Wai Wai. Em uso, é normal e mais comum a utilização de remédios alopáticos, mas os Wai Wai também continuam utilizando de plantas medicinais, mesmo com a restrição religiosa e a introdução de medicamentos pelo posto de saúde.

3.1.7. Comércio

Desde o século XIX que os Wai Wai são descritos como um povo indígena que faz trocas comerciais na região do sul da atual Guiana com o Brasil. São bastante hábeis na confecção de raladores de mandioca, no treinamento de cães de caça e de papagaios falantes (HOWARD, 2002).

Segundo Eliane Souza (2015), a fonte de renda dos Wai Wai de Jatapuzinho se baseia principalmente

> Na venda da Castanha do Pará, da farinha, do artesanato, da galinha e de canoas. A canoa é vendida principalmente entre os Wai Wai. Em Jatapuzinho não existem muitas criações de animais domésticos que servem como fonte de alimento. Apenas a galinha caipira serve de alimento e é vendida quando os Wai Wai vão às vilas. Com o dinheiro desses produtos são comprado motor de popa, roupas calçados, anzóis, linha de pesca, munição, espingarda, malhador, gasolina, sal, sabonete, sabão, redes e às vezes alimentos quando ocorre o alagamento das roças (SOUZA, 2015, p.88).

Segundo Eliane de Souza (2015), a castanha do Pará ou da Amazônia (bertholletia excelsa), é um dos produtos mais importantes na fonte de renda dos Wai Wai. Geralmente é coletada para ser comercializada em Manaus e Boa Vista e muitas das vezes é comercializam com atravessadores, que desvalorizam o produto devido à questão da dificuldade da distância da comunidade do Jatapuzinho.

Catherine Howard (2002) relata que para os Wai Wai sempre há um espaço para driblar a dominação dos brancos, visto que fingem certa acomodação negociando as mercadorias. O intercâmbio desses bens, longe de ser apenas uma troca de objetos, gera novos significados e poderes cristalizados em forma material (HOWARD, 2002, p.25).

Dentro do sistema de relações interétnicas, os Wai Wai abrem caminhos de protesto junto ao símbolos dos brancos, criando novos significados. As práticas que preenchem esse espaço subvertem o projeto colonizador de modo sutil e multifacetado (HOWARD, 2002, p.28). Se submetem a negociação comercial com os não índios de acordo com as suas necessidades, impondo suas condições.

Dentro das relações Wai Wai, na próxima parte deste capítulo, estaremos tratando da relação entre cultura e natureza nos conhecimentos indígenas da Amazônia e de outras partes do mundo. O embasamento da discussão será feito através de pesquisadores do campo da ciências humanas, dentro de um conhecimento mais geral, para no próximo capítulo compreendermos o conhecimento específico da caça.

3.2. CULTURA E NATUREZA

Trataremos nesta última parte do terceiro capítulo de fazer uma análise sobre os conceitos de Cultura e Natureza e como essa relação se dá dentro do conhecimento indígena sob a perspectiva das Ciências Humanas.

Sobre natureza e cultura, Lévi Strauss (2012) visa conciliar equilíbrio entre diversidade e a unidade

> Quando natureza e cultura são concebidas como dois sistemas de diferenças entre os quais existe uma analogia formal, é o caráter sistemático próprio a cada domínio que se encontra em primeiro plano. Os grupos sociais são distintos uns dos outros mas permanecem solidários como parte de um mesmo todo, e a lei de exogamia proporciona o meio de conciliar essa oposição equilibrada entre a diversidade e a unidade. Mas, se os grupos sociais são encarados menos sob o ângulo de suas relações recíprocas na vida social do que cada um por sua conta, em relação a uma realidade de ordem diferente da sociológica, então se pode prever que o ponto de vista da diversidade prevalecerá sobre o da unidade (LÉVI STRAUSS, 2012, p.141).

Natureza e cultura são concebidas como dois sistemas, de diferença a diversidade. No caso da cultura, a diversidade prevalece sobre a unidade, enquanto no caso da natureza, ao aproximar os dois conceitos, percebemos no pensamento de Lévi Strauss que cultura é variedade, enquanto natureza é uma só unidade.

Lévi Strauss, em seu livro “O pensamento selvagem”, se dedica e dá prioridade à ideologia das superestruturas: “a concepção que os homens têm das relações entre natureza e cultura é função da maneira pela qual suas próprias relações sociais se modificam” (LÉVI STRAUSS, 2012, p.142). A cultura é vivida em sua plenitude quando vivenciada, se manifestando na prática.

Lévi Strauss explica a vida social da relação entre homem e natureza da seguinte forma:

> Ainda aqui não queremos dizer que a vida social, as relações entre o homem e a natureza são uma projeção senão mesmo um resultado de um jogo conceitual que se desenrolava no espírito. "As ideias [escreveu Balzac] são, em nós, um sistema completo, semelhante a um dos reinos da natureza, uma espécie de floração cuja iconografia será descrita por um homem de gênio que passará por louco, talvez". Mas a quem tentar essa empresa sem dúvida será necessário mais loucura do que gênio. Se afirmamos que o esquema conceitual comanda e define as práticas, é que estas, objeto de estudo do etnólogo sob a forma de realidades discretas, idealizadas no tempo e no espaço e distintivas de gêneros de vida e de formas de civilização, não se confundem com a práxis que - ao menos nesse ponto estamos de acordo com Sartre - constitui para as ciências do homem a totalidade fundamental. O marxismo, senão o próprio Marx, raciocinou muitas vezes como se as práticas decorrem imediatamente da práxis. Sem colocar em questão o incontestável primado das

> infraestruturas, acreditamos que entre práxis e práticas sempre se intercala um mediador, que é o esquema conceitual por obra do qual uma matéria e uma forma, uma e outra desprovidas de existência independente, realizam-se como estruturas, isto é, como seres ao mesmo tempo empíricos e inteligíveis. (LÉVI STRAUSS, 2012, pp.155-156).

Lévi Strauss reconhece através de Balzac, Sartre e Marx, que o homem é parte da natureza e, através da prática, é o mediador nas mudanças sociais naturais, pois não há cultura sem pessoas. Como exemplo, Luis Cayón (2012) observa na paisagem ambiental as influências das ações humanas na floresta Amazônica:

> De fato, a paisagem que observamos atualmente foi selecionada, em grande medida, pelos humanos e não é um jardim prístino herdado da criação. As ações humanas sobre a selva amazônica permitiram muitos processos naturais, como as atividades agrícolas indígenas de derrubar, cultivar e abandonar os terrenos para facilitar a recomposição da floresta, selecionando e fomentando a proliferação de palmeiras e árvores que produzem frutos comestíveis dos quais se alimentam os peixes, os animais e as pessoas (CAYÓN, 2012, p.180).

Essa perspectiva replica, em outro nível, a oposição natureza/cultura que funda a ontologia ocidental e, por isso mesmo, explica a contradição de tais visões antropológicas (CAYÓN, 2012, p.180). Luis Cayón (2012) demonstra a importância do método de Tim Ingold (2002) que visa aproximar a interação entre homem e ambiente. Portanto,

> Na visão dos autores descritos, parece que falar de ecologia é cair unicamente no olhar científico, no entanto, a visão interacionista de Ingold (2000) oferece uma saída, pois, ao analisar a ontologia dos grupos caçadores coletores, considera que o que existe são interações entre humanos e seu ambiente, em que não apenas estão em jogo as trocas materiais e energéticas das quais depende cada organismo para subsistir, mas, também, a capacidade ou habilidade (*skill*) perceptiva que as pessoas têm para viver e atuar em um mundo compartilhado com outros seres com capacidades agentivas iguais. Isso dilui a oposição corpo/mente (e natureza/cultura) e remete à existência de seres indivisíveis ou organismos-pessoas que interagem entre si (CAYÓN, 2012, p. 180).

A noção de socialização entre humanos e não humanos dissolve a oposição entre sociedade e Natureza. Um exemplo disso é a natureza doméstica dos Achuars, formulada por Philippe Descola (1989):

> Para os achuars do Equador ressalta a unidade entre essas duas habilidades, visto que as formas de utilização (práxis) e representação(simbolismo) do meio ambiente, para entender os processos de socialização da natureza, centram se no espaço doméstico a partir do qual se constroem todas as relações sociais entre os humanos e a natureza, e que são idênticas às existentes entre diferentes casas ou grupos vizinhos, sustentadas na organização social (CAYÓN, 2012, p.184).

Nos espaços domésticos se constroem as relações entre homem e natureza, socializados com a sociedade e natureza, se sustenta a organização social. Os conceitos de cultura e natureza são também aproximados em estudo sobre os povos da floresta, por

estudiosos como Manuela Carneiro da Cunha & Mauro Barbosa de Almeida (2002), que publicaram a Enciclopédia da Floresta, o alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações, como os seringueiros colonos e índios.

Há um excesso de conhecimentos somente justificado pelo mero prazer de saber, pelo gosto do detalhe e pela tentativa de ordenar o mundo de forma intelectualmente satisfatória. Dentre os apetites, o apetite de saber é dos mais poderosos. Por sua vez, as verdades culturais não impedem a prática da observação, ao contrário, estimulam-a e orientam a especulação (CARNEIRO DA CUNHA; ALMEIDA, 2002, p. 13-14).

Jorge Gasché (2008), suíço que estudou as comunidades indígenas rurais na Amazônia peruana, sugere a utilização do conceito de "sociotureza" para referir-se a relação indissociável entre sociedade e natureza, na qual aspectos simbólicos, estruturais e ecológicos são indissociáveis. O uso do conceito "sociotureza" é fundamental e prático para compreendermos como os indígenas da Amazônia desenvolvem suas atividades sociais que se relacionam diretamente com a natureza.

O conceito de cultura para Jorge Gasché (2008) é o resultado da relação entre sociedade e natureza que se revela nas atividades sociais. Portanto, a cultura está nas coisas simples como pescar de linha, caçar, fazer damurida e etc.

Para este autor, o termo "propósito" aponta como o ator alvo desenvolve uma atividade, relacionando como foi planejada e realizada na mente do ator, com base em sua experiência sociocultural e designado por um dado idioma. O final sempre tem uma função e valores sociais (como é feito nas relações sociais), uma forma cultural (o que chamamos de seu estilo), um sentido linguístico (Com o que chamamos de universo significativo associado ao nome) e um material de conteúdo (GASHÉ & VELA, 2012, p.124).

Jorge Gasché e Napoleón Vela (2012), nos seus estudos com a "Sociedade dos Bosquesinos", comunidade rural de indígenas no Peru, acharam de extrema importância conceber incentivos que mudem o comportamento da população rural amazônica. Transformando práticas conservadoras de dominação, com as propícias no uso sustentável da floresta, acompanhando o ritmo de atividade do nativo, aliando seus conhecimentos para organização do seu ecossistema. Jorge Gasché (2014) parte pela definição "trabalho", que define toda atividade que seja a de adquirir recursos naturais e transformá-los, situando sempre com a metalinguagem (diferentes vozes), que serão instrumentos do meio de trabalho.

Através das atividades diárias, nas quais a cultura se cria, é possível compreender a dinâmica cultural das populações indígenas e camponesas. Para tal, é necessário relacionar as práticas de subsistência de um povo com os conceitos de Sociedade e Natureza e escutar a voz do povo para compreender seus costumes, pois somente através da convivência e diálogo respeitoso é que o trabalho de campo com as comunidades terá sucesso e sustentabilidade.

Confirmamos essas informações com Viveiros de Castro (2002), que afirma ser necessário recombinar

> para em seguida dessubstancialização, pois as categorias de Natureza e Cultura, no pensamento ameríndio, não só não subsumem os mesmos conteúdos, como não possuem o mesmo estatuto de seus análogos ocidentais; elas não assinalam regiões do ser, mas antes configurações relacionais, perspectivas móveis, em suma – pontos de vista" (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.241).

O ocidentalismo - mais especificamente norte americano e europeu - impõe regras em condutas visando dominação cultural, portanto o método tende a ser adaptado junto do pensamento indígena para compreensão e finalidade do projeto.

Buscando entendimento entre cultura e natureza na Amazônia, através de Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida (2002), com a "Enciclopédia da Floresta", e de Berta Ribeiro (1990), autora de "Amazônia Urgente", é possível observar visões muito diversas sobre a Amazônia junto dos denominados povos da floresta, como indígenas, ribeirinhos, colonos agrícolas e seringueiros a partir de uma preocupação social e ecológica, com o discurso de defesa dos ecossistemas e das populações amazônicas.

Segundo Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida (2002), são as práticas e verdades culturais que comandam a observação e a experimentação; e, no dia em que não existir mais a floresta, um mundo de conhecimentos e de possibilidades de descobertas terá sido perdido. Portanto, "é na caçada é no marisco, na agricultura e no corte da seringa, nas práticas em geral, que se transmite e se amplia o conhecimento da floresta. Não existe e não persiste um saber desvinculado da prática" (CARNEIRO DA CUNHA e ALMEIDA, 2002, p.13).

Berta Ribeiro (1990) focaliza a problemática ambiental no contexto geral do desenvolvimento de região. Para tal, ela registra o impacto da ação humana sobre ecossistemas amazônicos e os fatores de degradação que devem ser evitados para que a destruição dessa grande biomassa não se torne irreversível.

Notamos que além da preocupação com a floresta entre esses pesquisadores, através de um discurso de defesa dos povos da floresta, há a preocupação com o humano e a sua sabedoria sobre a floresta, como é o caso das atividades de práticas de manejo das populações indígenas. Portanto, se a floresta morrer, morre junto toda a sabedoria. O impacto climático já vivido nos dias de hoje é apenas um dos exemplos, sentimos que toda a humanidade e os demais seres vivos têm muito a perder. A consciência ecológica se faz urgente.

A importância de observar a cultura e a natureza como algo ligado à sabedoria dos povos da floresta - como indígenas, colonos e ribeirinhos -, é fundamental para respeitar os conhecimentos desses povos e ajudar a preservá-la dos projetos de desenvolvimento movidos por ambições políticas e financeiras. Querem tirar direitos destes povos para explorar as riquezas da floresta, devastando-a, trazendo sérias consequências climáticas e ambientais não só para a região Amazônica, como para todas as partes do mundo.

Neste capítulo, através do método de Jorge Gasché, reconhecemos as principais atividades Wai Wai junto ao Calendário Socionatural, mas também através de entrevistas e diálogos com indígenas Wai Wai experientes nas caçadas, assim como o presidente da MEVA e o zootecnista da FUNAI na cidade de Boa Vista-RR, tratando sobre as caçadas e o contexto atual Wai Wai. Identificamos as principais atividades de subsistência para a partir delas entendermos especificamente sobre a atividade da caça, mais especificamente sobre o lugar e a importância dela dentro do conhecimento indígena na Amazônia, análise que será feita no próximo capítulo.

Para obtermos um levantamento sobre as principais atividades dos Wai Wai nos 12 meses do ano utilizamos como ferramenta metodológica o Calendário Socionatural Geral, como veremos a seguir.

3.3. CALENDÁRIO SOCIONATURAL GERAL

Através do Método Indutivo Intercultural de Jorge Gasché e da teoria da atividade de Vygotsky, que se respalda no Materialismo Histórico, estaremos buscando compreender as atividades humanas, para localizarmos e analisarmos as principais atividades sociais desenvolvidas pelos Wai Wai na comunidade Jatapuzinho-RR. Trataremos nesta parte sobre a importância do Calendário Socionatural para desenvolvimento da minha pesquisa. Para tal,

utilizei do Método Indutivo Intercultural e a da tabela que compõe o Calendário Socionatural com os meses do ano, na qual, através de sete indicativos, é possível localizar as principais atividades sociais desenvolvidas pelos Wai Wai da comunidade Jatapuzinho.

3.3.1. Importância do Calendário Socionatural

Aloisio Cabalzar (2010) relata a importância da organização do ecossistema de manejo na Amazônia. Portanto, é importante a realização do calendário anual que descreve as atividades gerais realizadas mensalmente pela comunidade estudada, reunindo o conceito de Jorge Gasché (2008) em que o termo sociedade-natureza é indissociável.

Para entender as atividades sociais dos Wai Wai, utilizo o método de Jorge Gasché (2008) de confecção do Calendário Socionatural, que

> se desenvolve na prática social da atividade, utilizando como instrumento pedagógico o Calendário Socionatural, que através de pesquisas colaborativas, faz-se um levantamento detalhado para identificar as atividades sociais anuais mais significativas, de cada comunidade, elas são estudadas, refletidas e sistematizadas .Os Calendários são construídos a partir dos dados surgidos da pesquisa e apontam para um diagnóstico de como está a comunidade e a relação sociedade e natureza (REPETTO; SILVA, 2016, p.46).

Jorge Gasché (2008) passa pelo conceito sintático de cultura para o calendário socionatural, no qual

> Propõe uma perspectiva sintática do conceito de cultura, o que deve ser compreendido como uma visão integrada do ser humano com o mundo, onde a cultura é o resultado da ação do ser humano, e ainda considerando a relação com a natureza. Reconhece-se assim a indissociabilidade entre sociedade e natureza, a qual evidencia-se nas atividades humanas conjugadas nas pesquisas colaborativas, na identificação das atividades sociais e no *fazer* das atividades. Nesse sentido, o conceito de cultura poderia ser mais bem explicado como 'sociotureza' (REPETTO; SILVA, 2016, p.45).

Reconhecemos, portanto, a integração entre Sociedade e Natureza dentro do conceito de cultura para Jorge Gasché, para então fazer uma análise mais apurada das atividades sociais dos indígenas na Amazônia através do Calendário Socionatural.

3.3.2. Método Indutivo Intercultural

Segundo Maxim Repetto e Lucilene da Silva (2016), o Método Indutivo Intercultural (MII) surgiu a partir dos estudos de Jorge Gasché e colaboradores na Amazônia peruana e consolida-se no México. É um método que não traz apenas propostas metodológicas, mas, sobretudo, teóricas, epistemológicas, políticas e pedagógicas. Em poucas palavras, trata-se de uma reflexão que constantemente se verifica na experiência própria da realidade sociocultural do indígena (GASCHÉ, 2008, p. 23).

O MII cria as condições para um diálogo mais igualitário entre indígenas e não indígenas, valorizando o saber indígena e abrindo caminhos para superação da dominação e submissão (GASCHÉ, 2008). Jorge Gasché utiliza deste conceito para discutir propostas educativas para escolas indígenas, embora este não seja o foco do nosso projeto estaremos utilizando como método de análise devido a sua relevância.

Segundo Jorge Gasché (2008), é no MII que as atividades sociais necessitam ser investigadas, interpretadas, refletidas, traduzidas e reaprendidas. E, para isso, como posto anteriormente, o ‘fazer’, ou seja, a prática da atividade social, torna-se crucial para o ensino e aprendizado (como interculturalidade). Ou seja, reconhecer o saber, o saber - fazer. Reconhecer que há conhecimento indígena, como identificar os tempos, identificar as atividades sociais, que os povos indígenas já praticam e já sabem.

Jorge Gasché (2008) estrutura a fundamentação teórica e metodológica do MII, na linha de pensamento vygotskyana, manifestado pela opção de enfoque da Teoria Histórico-Cultural da Atividade Humana, fundamentada no Materialismo Histórico (DANIELS, 2003, p. 16). De acordo com Daniels, a Teoria da atividade se alicerçava na atividade humana como princípio explicativo da construção da consciência, que seria arquitetada por meio das relações sociais historicamente contextualizadas (REPETTO; SILVA, 2016).

Partindo de uma perspectiva materialista histórica (Marx e Engels) e dos autores da escola histórico cultural de Vygotsky, desenvolve-se MII a práxis-político pedagógica, como teoria da atividade social e o fazer na prática dessa atividade social (GASCHÉ, 2008). Cada atividade depende do material com o qual opera, o desenvolvimento da consciência é o desenvolvimento de um conjunto de determinadas capacidades independentes ou de um conjunto de hábitos específicos.

A observação prática influenciou os outros teóricos citados aqui neste trabalho, pois através dela iremos conhecer o terreno e termos consistência na pesquisa. Dentro da relação da atividade material e da consciência, Karl Marx & Friedrich Engels explicam que

> A produção das ideias, das representações e da consciência está a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda como a emanação de seu comportamento da vida real (MARX e ENGELS, 1998, p.18).

A teoria marxista da sociedade também teve um papel fundamental no pensamento de Vygotsky. De acordo com Marx, mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na "natureza humana" (COLE; SCRIBNER, 1991, p.10). Lev Vygotsky (1991) foi o primeiro a tentar correlacionar tais mudanças com questões psicológicas concretas. Segundo Lev Vygotsky (1991), o aprendizado desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção, portanto:

> Isso leva à conclusão de que, pelo fato de cada atividade depender do material com o qual opera, o desenvolvimento da consciência é o desenvolvimento de um conjunto de determinadas capacidades independentes ou de um conjunto de hábitos específicos. A melhora de uma função da consciência ou de um aspecto da sua atividade só pode afetar o desenvolvimento de outra na medida em que haja elementos comuns a ambas as funções ou atividades (VYGOTSKY, 1991, p.51).

Podemos pensar nas "atividades humanas" como categorias de análises, para compreender este complexo processo de apropriação de mundo, pois por meio delas a natureza é transformada e a cultura se manifesta. Portanto, a teoria da atividade nos orienta a compreender que o desenvolvimento humano se expressa através das ações de transformação da natureza (VYGOTSKY,1991; ASBAHR, 2005; NÚÑEZ, 2009; LIBERALI, MATEUS, DAMIANOVIC, 2012).

Jorge Gasché (2014) parte pela definição do conceito de trabalho, que define toda atividade que seja a de adquirir recursos naturais e transformá-los, situando sempre com a metalinguagem (diferentes vozes), que serão instrumentos do meio de trabalho. Utilizando o método de Jorge Gasché (2014) temos base para entender as atividades de subsistências dos índios Wai Wai, mais especificamente como eles organizam os seus processos de subsistência e de segurança alimentar.

Em sequência, utilizarei o Calendário Socionatural para identificar as principais atividades dos Wai Wai durante o ano, através de sete indicadores: atividades da comunidade,

atividades dos jovens, clima, astronomia, animais, vegetais e problemas socioambientais e saúde.

3.3.3. Calendário Socionatural da Comunidade Jatapuzinho-RR

Observando a tabela do Calendário Socionatural que se encontra abaixo, notamos a diferença nas atividades da comunidade do Jatapuzinho de acordo com as estações do ano. O inverno tem como características a abundância de água, ser rico em animais de caça e ser a época da coleta da castanha, enquanto o verão é estação mais seca, propícia a pesca, a queima da roça, plantação e colheita da mandioca e de outros produtos agrícolas, assim como é o momento da coleta de ovos.

Eliane de Souza (2015) traz as principais atividades sociais dos Wai Wai relacionando com as estações da natureza. Em suas palavras:

> O inverno é anunciado segundo eles pelo canto de um sapo chamado *sunawî*, em que março é o mês de caçar macaco gordo, abril o mês da festa de páscoa, maio, junho e julho a época da colheita da castanha e de sua comercialização e agosto o período da derrubada da roça; e o verão, anunciado por um meio do canto de um tipo de cigarra chamada *taritari*, sendo que em setembro são queimadas as roças, de novembro a janeiro as roças são plantadas, de dezembro a abril ocorre o período de coleta do patoá, bacaba, buriti e é época de festa e em fevereiro ocorrem reuniões gerais dos Wai Wai (SOUZA, 2015, p.81).

Dentre os problemas e dificuldades, o inverno, período das chuvas que vai de março a agosto, é o momento em que as famílias Wai Wai se dispersam em roças mais distantes, com significativa redução das atividades agrícolas. Isso faz com que procurem recursos alimentares de sua subsistência nas caçadas, na pesca e de alimentos oriundos das cidades.

O verão, época de seca que acontece de setembro a fevereiro, é o período que ocorre o maior número de problemas socioambientais. Sobretudo entre outubro e dezembro, pois ocorre a maior falta de água encanada na comunidade, devido à escassez de chuva. É um momento de muitos problemas de saúde e os enfermos são atendidos na unidade básica da saúde. Os Wai Wai encontram dificuldades para se locomoverem nos rios.

Notamos que no indicativo clima as duas estações - tanto o inverno e o verão - são bastante extremas e definem as atividades dos Wai Wai. O período escolar ocorre de março a novembro, contando também com as formaturas em dezembro e o intervalo escolar na época de coleta da castanha. Em relação à astronomia os pontos principais são: no mês de fevereiro,

durante a lua escura, planta-se banana e abacaxi e entre abril e maio as sete estrelas prenunciam a chuva às 4h da manhã.

É notável que os períodos de abundância e de falta de água são definitivos na definição das atividades sociais dos Wai Wai, com exceção ao período escolar que perpassa os dois momentos.

Em suma, neste capítulo, através do método de Jorge Gasché, mapeamos as principais atividades do povo Wai Wai com o auxílio do Calendário Socionatural. Somado a essa ferramenta, também contamos com entrevistas e diálogos com indígenas Wai Wai experientes nas caçadas, o presidente da MEVA e o zootecnista da FUNAI na cidade de Boa Vista-RR. A partir da identificação feita das principais atividades de subsistência partiremos para a atividade específica da caça, aprofundando nela e na sua importância no contexto do conhecimento indígena dos povos da Amazônia.

Tabela 07: Calendário Socionatural da Comunidade Jatapuzinho-RR

Atividade /Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Atividades da Comunidade	-Construindo Igreja -Derrubando roça -Brocando Capoeira -Pesca -Caçada -Limpeza de Roça	-Queima -Coivara -Planta -Colheita da Mandioca -Fazer farinha	-Planta -Colheita da Mandioca -Fazer farinha	-Colhe: Taperebá, buriti(suco), tawará, buritiwara, Batata, cara, milho e abóbora -Páscoa (Semana Santa).	-Matar na ilha -Colheita da Castanha -Dia das mães	-Matar na ilha -Colheita da Castanha	-Conferência da Igreja -Venda da Castanha	-Fazer Canoa -Limpeza da Roça -Colheita do cara, caua e inhame	-Fazer Canoa -Limpeza de Roça -Colheita Cara -Colhe Mandioca para vender farinha -Coleta de ovos do camaleão -Assembleia da Associação APIW	-Colheita Cara -Colhe Mandioca para vender farinha -Coleta de ovos do camaleão -Pesca de Mergulho	-Colheita do Abacaxi -Artesanato -Pesca de Mergulho	-Natal - Coletivo -Homens: Caçada e Pesca -Mulheres: Beiju e farinha (antes dos homens caçar)
Atividades Jovens	-Férias Escolar -Ajudam os pais na roça -Capinar roça -Meninos: pescam mergulhão -Meninas ajudam a fazer: beiju, farinha, goma, carregam lenha e plantam	-Férias	- Escola	- Escola	-Escola	-Escola	-Escola	-Escola -Ajudar a fazer canoa	-Escola -Ajudar a fazer canoa	-Escola -Pesca	-Escola -Pesca	-Formatura da Escola -Pesca
Clima	-Mudando do calor para chuva	-Mudando do calor para chuva	-Começa a chuva	-Começa a chuva	-Chuva	-Frio	-Chuva	-Fim da Chuva	-Calor	-Calor -Seca	-Calor -Seca	-Calor -Seca
Astronomia		-Na Lua escura, planta-se Banana e Abacaxi.		-7 estrelas avisa a chuva às 4hs da manhã	-7 estrelas avisa chuva as 4 hs da madrugada.							
Animais	-Traira, Aracu, Bodo, Caititu, Maudil, Curimata. -Poroto: Macaco Aranha			-Anta, surubim, porcão com filhotes, caititu com filhos e maruim	-Trairão nos igarapés -Anta -Newretu	-Ilha: Cutia, tatu, paca, veado, mutum, naimbu, jabuti, caititu, porcão, anta e onça			-Camaleão com Ovos	-Camaleão com ovos	-Arara vermelha e azul -Tucano, papagaio, mutum e Cujubim	
Vegetais		-Começa a cair castanha -Planta Mauiva: Mandioca -Final de Fev: Taima, cara, cana, abacaxi, nhame, milho e ruumu	-Abóbora -Pimenta	-Abóbora, -Pimenta, -Taperebá, makara, tawara, cajuri e buriti	-Castanha	-Castanha	-Castanha	-Tatajuba	-Colheita de Maudina: Mandioca	-Colheita de Maudina: Mandioca		
Problemas Socioambientais e Saúde	-Falta de água -Seca	-Falta de Água -Seca	-Gripe -Inverno	-Diarreia -Inverno -Lixo	-Diarréia -Inverno -Lixo	-Problemas Sanitários na Beira do Rio				-Falta Água encanada	-Falta de Água encanada -Diarreias -Rio Abaixo: Problema de navegar no rio até fevereiro	-Falta de Água encanada -Diarreias -Rio Abaixo: Problema de navegar no rio até fevereiro

Fonte: PEREIRA, 2018.

4. A CAÇA

Com a finalidade de contribuir para uma compreensão mais profunda sobre os peculiares modos de ser dos indígenas habitantes da Floresta Amazônica, no presente capítulo, abordo a atividade da caçada a partir de diferentes elementos e aspectos. São eles: o processo de formação e as qualidades dos caçadores indígenas, as armas empregadas, os estilos de caçadas, as formas e tipos de relações mantidas com os animais caçados, as condições e características dos lugares de caça, os remédios para livrar o caçador de enrascos, os conhecimentos que envolvem a prática das caçadas com as atividades xamânicas indígenas, dentre outros.

Para tanto, devemos recorrer ao conhecimento acumulado, principalmente pelos campos de conhecimento da Antropologia (com destaque para o conhecimento acumulado pela Etnologia Ameríndia) e da História que dão suporte a abordagem teórico-metodológica, mediante o aproveitamento da contribuição de vários pensadores. Dentre estes se destaca Jorge Gasché (2008), que propõe não apenas a desconstrução da dissociação clássica entre sociedade e natureza, por meio da noção de "sociotureza", como também a impertinência da separação entre homem e natureza na cosmovisão das sociedades indígenas. A partir dele, uso o Método Indutivo Intercultural como uma ferramenta que possibilita um conhecimento profundo sobre as relações estabelecidas entre as atividades humanas para entender os modos de ser dos indígenas.

Também recorremos a Philippe Descola (1998) por sua abordagem sobre as relações entre homens e animais na Amazônia; a Tim Ingold (2012), que trabalha a caçada enquanto habilidade do caçador; a Peter Rivière (2001), que discute sobre o *status* do bom caçador em comunidades indígenas da mesma região etnográfica em estudo; a Mauro Almeida (2002) e a outros estudiosos que propõem classificações para os estilos de caçadas a partir de elementos como as armas utilizadas, os lugares das caçadas, os remédios e regras para formar um bom caçador, etc; a Fabiano Bechelany (2012), que trabalha com a revisão de conceitos antropológicos sobre a caça; a Eduardo Viveiros de Castro (2002), que se apoia no perspectivismo ameríndio para desenvolver o conceito de predação; ao jornalista Homer Dowdy (1997) e o historiador Alfredo Souza (2008), que discutem a importância fundamental da caça nas práticas tradicionais xamânicas dos indígenas Wai Wai utilizadas antes deste povo ter se convertido definitivamente ao cristianismo.

Tenho a convicção de que, com o apoio dos conhecimentos formulados por esses autores, é possível criar condições favoráveis ao entendimento da função social da atividade de caça na dinâmica de vida das sociedades tradicionais da Amazônia.

4.1. A CAÇA INDÍGENA NA AMAZÔNIA

A caçada enquanto atividade cultural tem sido objeto de muitos estudiosos de diferentes sociedades humanas. Em nossos dias, tem-se destacado, dentre outros, o já citado antropólogo suíço Jorge Gasché (2008), que estudou em profundidade as comunidades indígenas bosquesinos da Amazônia peruana. Ele concluiu que, na concepção das sociedades da floresta amazônica, o que envolve indígenas e outras populações como ribeirinhos, seringueiros, dentre outras, não se faz uma dissociação de tipo simplista entre as noções de natureza e cultura. Para este autor, os modos de vida e existência das populações indígenas não distinguem em campos opostos a Sociedade e a Natureza como pressupõe a concepção antropológica clássica; antes, e pelo contrário, a concepção indígena de mundo, ou das sociedades da floresta, pressupõe um só mundo, que envolve dimensões diversas. Para dar conta desse estado de coisas, em que homens e demais animais fazem parte de um todo complementar, o autor cunhou a noção de "sociotureza" para referir-se à relação indissolúvel entre sociedade e natureza.

Conforme Jorge Gasché (2014), para que possa ter êxito em sua atividade qualquer caçador ou pescador têm de dispor de um conjunto de conhecimentos que possibilitem-o conhecer o comportamento e as habilidades do animal de caça, a fim de impedir as suas estratégias de fuga e defesa e, ao contrário, atraí-lo, imitando sua voz ou enganando-o por outros meios e ardis. Para a caça de animais, todo caçador tem que se dispor de conhecimentos dos conceitos de *habitat* - lugares nos quais uma espécie se desenvolve - e de *nicho* - funções dentro do ecossistema. (GASCHÉ, 2014)

Tratando do aspecto da ordem ecológica dentro dos valores ocidentais em relação ao mundo animal, comparado com os indígenas, Gasché afirma que

> La mayor diferencia reside en el hecho de que en la sociedade occidental se consome, con excepciones marginales, animales domésticos y que la crianza de estos es asunto de especialistas, mientras que los indígenas amazónicos consumen, con pocas excepeciones hasta hoy, animales silvestres que los hombres y en mucho

> menor escala las mujeres, consiguen para su família. De ahí podemos derivar una serie de diferencias inherentes a las relaciones que vinculan as los miembros de la sociedade occidental al mundo animal y las que mantienen los miembros de las sociedades indígenas con éste: mundo domesticado, consumo general de unas pocas especies y actividad especializada en el primer caso; mundo silvestre, consumo diversificado y normado y actividad generalizada, en el segundo (GASCHÉ, 2014, pp.218-219)[4].

Para o autor, nas sociedades ocidentais há um consumo menor de animais domesticados, enquanto nas sociedades indígenas mantém-se um consumo diversificado, generalizado, com regras. Dentro das categorias da ordem e do sistema de valores amarrados ao mundo na terminologia animal dos índios Bora da Amazônia do Peru, através de relatos míticos, dentro do perspectivismo, Gasché afirma:

> Este uso refleja una categoriazación que, desde outro punto de vista, distingue a los seres vivos en uma dimensíon temporal que se expressa em frases como "antiguamente, los animales eran gente (íhdéuvúváa iámé míamúnaa)". Esta manera de ver, que los relatos míticos y outras formas de discurso nos ilustran y precisam, invierte la visíon evolucionista darviniana según la cual los animales han precedido la aparición del Hombre: los seres vivos se han diversificado a o largo de la historia natural y la espécie humana no és mas que uno de los produtos de este proceso evolutivo que va del animal al hombre. Una afirmación que choca desde luego con la concepción creacionista bora y su orden de sucesión (GASCHÉ, 2014, p.224)[5].

Para Jorge Gasché (2014), dentro das relações mantidas no ecossistema entre o predador e presa, ao mesmo tempo, pode ocorrer de certa espécie ser alimento de outra espécie e ser presa em relação a outra. Descola (1998), reconhece que as relações entre natureza e animal na Amazônia se dão de uma forma diferente do pensamento ocidental:

> Quando a natureza não existe sob a forma de uma esfera autônoma, a relação com os animais só pode ser diferente da nossa, e a questão sobre matar um animal só pode se colocar em termos muito distintos daqueles que nos são familiares. É isso que um desvio pela Amazônia poderia permitir estabelecer (DESCOLA, 1998, p.25).

---

[4] Tradução livre do autor do presente trabalho: A maior diferença reside no feito de que a sociedade ocidental se consome, com exceções marginais, animais domésticos e que a reprodução disso é assunto de especialistas, enquanto que os indígenas amazônicos consomem, com poucas exceções até hoje, animais silvestres que os homens, e em muito menor escala as mulheres, conseguem para sua família. Daí pode resultar uma série de diferenças inerentes das relações que vinculam a dos membros da sociedade ocidental ao mundo animal e as que mantêm os membros das sociedades indígenas com este: mundo domesticado, consumo geral de umas poucas espécies e atividade especializada em primeiro caso, mundo silvestre, consumo diversificado e regrado e atividade generalizada, no segundo (GASCHÉ, 2014, pp.218-219).

[5] Tradução livre do autor do presente trabalho: Este uso reflete uma categorização que, de outro ponto de vista, distingue os seres vivos em uma dimensão temporal que se expressa em frases como "antigamente os animais eram gente (íhdéuvúváa iámé míamúnaa)". Esta maneira de enxergar, que nos relatos míticos e outras formas de discurso nos ilustram e requerem, inverte a visão evolucionista darwiniana, segundo a qual os animais se têm diversificado ao longo da história natural e a espécie humana que é mais do que um produto deste processo evolutivo que vai do animal ao homem. Uma afirmação que choca desde logo com a concepção criacionista bora e sua ordem de sucessão (GASCHÉ, 2014, p.224).

A relações entre natureza e animal não ocorrem de forma isolada no conhecimento indígena da Amazônia sobre a caça. Para Fabiano Bechelany (2012), a caça é uma atividade em que as relações entre humanos e não humanos se dão, portanto, ele sugere uma abordagem que ligue as análises contemporâneas da etnologia com a Ecologia, abrindo assim, possibilidades mais sugestivas de análise.

A caça, segundo o ponto de vista de Fabiano Bechelany (2012), é simbolicamente pregnante[6] e sociologicamente estruturante, um dado fundamental na Amazônia revelado na etnologia regional através da centralidade da atividade entre os coletivos amazônicos.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao fato de que a atividade é complexa e extensa, uma vez que abrange aspectos, ritos e atividades que vão da floresta à cozinha, do preparo do corpo ao preparo dos artefatos, do mito ao contato com os brancos (BECHELANY, 2012, p.4).

Sobre histórias de caça, como fuga, sofrimento, morte do animal e virar comida:

> Graças às intermináveis histórias de caça que os homens gostam de contar, todo mundo também sabe qual foi o comportamento do animal antes de morrer, o medo, a tentativa de fuga abortada, o sofrimento, as manifestações de aflição dos seus companheiros. Em suma, ninguém pode ignorar de que maneira um ser vivo se torna comida (DESCOLA, 1998, p.29).

Dentro das etapas das caçadas, notamos que não podemos deixar de pensar nas etapas de sacrifício, sofrimento rápido ou lento, passado pelo animal.

Estudo na Antropologia sobre a caça, revela o significado da quantidade de proteína gasta pelo caçador nas caçadas, comparado ao que ele consome: Como figura de captura e importância para os povos ameríndios a partir de dados quantitativos do consumo de proteínas ao longo do ano, do tempo gasto na realização dessa atividade, no montante de carne abatida (BECHELANY, 2012, p.1).

No que diz respeito a morte do animal e as etapas de preparos para cozinhar:

> A morte dos animais e sua preparação não é dissimulada em recintos afastados da visão dos profanos, como ocorre entre nós atualmente, e todo mundo na Amazônia é familiarizado desde a mais tenra idade com aqueles corpos ainda quentes que se vão esfolar, estripar e cortar para cozinhar (DESCOLA, 1998, p.29).

[6] Pregnante: que apresenta alto grau de pregnância na percepção de um conjunto de elementos (diz-se da forma).

Descola (1998) demonstra a familiarização dos indígenas desde o período da infância com os animais abatidos no chão e os processos de cortar para cozinhar e se alimentar.

Quanto à tentativa de definição das caçadas:

> A atividade da caça é ela mesma múltipla e se interconecta com um sem-número de fenômenos, seres, instituições, práticas e conceitos no universo indígena, sendo difícil saber onde interromper as conexões. Multiplicidade que também desafia qualquer tentativa de definição. A caça se espraia pelos mais diversos domínios (o xamanismo, o parentesco, a guerra, a história, o ritual etc.) e a etnografia descreve muitos dos casos que os comunicam (BECHELANY, 2012, p.4).

Notamos os diversos domínios em conexão com a caça, como o xamanismo, o parentesco em que o caçador divide o consumo da caça entre seus familiares e vizinhos, as histórias, e as comunicações entre seres humanos e não humanos.

Portanto, cabe ressaltar que

> O objetivo é buscar realçar a complexidade da caça e dimensionar sua presença na vida social dos povos amazônicos. Muita coisa mudou nas sociedades indígenas, especialmente quanto às práticas de caça, vide a introdução de armas de fogo, a restrição de áreas de caça, a redução dos animais disponíveis etc. Em geral, as transformações apontam para a precarização das condições dos povos caçadores (BECHELANY, 2012, p.7).

Tal precarização da caça indígena ocorre devido os sistemas de mudança, no qual algumas foram aceitas e outras impostas. Portanto, como afirma João Pacheco de Oliveira (2016), é necessário reconhecer os atores sociais e não deixar de entender as relações sociais entre eles, como no caso, indígenas e não indígenas.

Passamos pelo dilema moral dos críticos ambientais que pregam a moral da proibição, pois não compreendem as relações indígenas com a caça, como:

> Fundamentar a relação com os animais caçados na generalização de um dilema moral é proibir-se de compreender as modalidades muito diversas que a relação entre caçadores e presas pode assumir na Amazônia. Com efeito, uma vez que se conferem propriedades culturais aos animais, as relações estabelecidas com eles são antes de tudo relações de pessoa a pessoa, ou seja, são relações sociais, e me parece que é esse aspecto social que deve ser privilegiado na análise (DESCOLA, 1998, pp.35-36).

Para Descola é importante destacar mais a importâncias da caça para as relações sociais, pois isso envolve principalmente a relação de caça e caçador.

Nessa revisão teórica de estudos de antropólogos destacados sobre o conhecimentos da caça na Amazônia, notamos a importância de compreendermos os conhecimentos que se

aproximam e se distanciam entre os métodos utilizados. Refletindo, portanto, dentro de um contexto social e de conhecimento tradicional indígena, através da observação dos pontos de vistas relacionados à caça na Amazônia, dentro das diferentes abordagens.

Os conceitos elaborados pelos antropólogos citados ao longo desse capítulo são suporte para a construção de uma visão ampla dos métodos da Antropologia. Aprofundando, portanto, o entendimento em relação ao conhecimento da caça indígena, não se detendo apenas ao aspecto simbólico ou sociológico, mas aproximando os dois para entender como eles se relacionam nas permanências, mudanças, transformações e adaptações dos indígenas na atualidade.

4.2. O CAÇADOR INDÍGENA

A caça, segundo o ponto de vista de Tim Ingold (2002), é uma habilidade clássica que opera dentro de uma economia de sociedades de caçadores e coletores. Tais povos vivem da caça, da agricultura e da coleta em seus ambientes.

Os caçadores não abordam, como regra, seu ambiente como um mundo externo, porque a natureza que tem de ser "compreendida" simbolicamente dentro dos termos de um modelo cultural imposto (INGOLD, 2002). Portanto, Ingold sugere que sigamos a liderança dos caçadores em levar a condição humana a começar com outras criaturas, um envolvimento ativo, prático e perceptivo constituinte do mundo habitado (INGOLD, 2012).

Dentro da relação da visão ocidental sobre caçadores e coletores:

> First, I shall consider how certain tropical hunter-gatherer peoples perceive their relations to their forest environment. Secondly, I shall look at the way northern hunters, in particular the Cree of northeastern Canada, understand their relations to the animals they hunt. Thirdly, drawing on ethnographic material from Aboriginal Australia and subarctic Alaska, I shall consider the way hunters and gatherers perceive the landscape. I conclude by showing how anthropological attempts to depict the mode of practical engagement of hunter-gatherers with the world as a mode of cultural construction of it have had the effect, quite contrary to stated intentions, of perpetuating a naturalistic vision of the hunter-gatherer economy (INGOLD, 2002, p. 43)[7].

[7] Tradução livre do autor do presente trabalho: Primeiro, considero como certos povos tropicais de caçadores-coletores percebem suas relações com seu ambiente florestal. Em segundo lugar, eu olho para os caçadores do norte, em particular os Cree do Nordeste do Canadá, entendem suas relações com os animais que caçam. Em terceiro lugar, com base em material etnográfico dos aborígenes da Austrália e subártico do Alasca, considerarei a maneira como os caçadores e os coletores percebem a paisagem. Concluo, mostrando como as tentativas

Tim Ingold (2002) observa a relação dos caçadores com a floresta e com os animais que caçam. Para tal, ele trabalha a etnografia para compreender como os caçadores percebem a paisagem natural na qual estão inseridos, descrevendo o modo que a construção cultural obteve efeito. Dessa perspectiva, os fatos referentes a animais particulares são reinterpretados como se mantivessem relações sociais entre si, assim como os animais são pensados como se também mantivessem relações pessoais com os caçadores (INGOLD, 2002).

Dentro das relações pessoais entre o caçador e o animal:

> The idealized form of these latter relations is often that the hunter pays respect to an animal; that is, he acknowledges the animal's superior position, and following this the animal 'gives itself ' to the hunter, that is, allows itself to assume a position of equality, or even inferiority, with respect to the Hunter (TANNER, 1979, p.136 apud INGOLD, 2002, p.48)[8].

. O caçador respeita sua caça e a considera superior, para que ela possa ser atraída e se entregue a ele, atingindo a posição de igualdade ou de inferioridade.

Os animais se apresentam com o mesmo padrão tanto para os caçadores do norte, quanto como para os da floresta tropical do sul. Eles são parceiros com humanos em uma "economia cósmica abrangente de compartilhamento" (INGOLD, 2002).

No aspecto da singularidade humana, Ingold atesta que:

> Now Western thought, as is well known, drives an absolute division between the contrary conditions of humanity and animality, a division that is aligned with a series of others such as between subjects and objects, persons and things, morality and physicality, reason and instinct, and, above all, society and nature. Underwriting the Western view of the uniqueness of the human species is the fundamental axiom that personhood as a state of being is not open to non-human animal kinds (INGOLD, 2002, p.48)[9].

O pensamento ocidental separa sociedade e natureza, razão e instinto. Um caçador influenciado por este estado moral não aceita os animais de tipos não humanos. Muito do

---

antropológicas para descrever o modo de prática do engajamento de caçadores-coletores com o mundo como um modo de construção cultural teve o efeito, bastante contrário às intenções declaradas, de perpetuar uma visão naturalista da economia do caçador-coletor (INGOLD, 2002, p. 43).

[8] Tradução livre do autor do presente trabalho: A forma idealizada destas últimas relações é muitas vezes que o caçador pega respeito a um animal; Ou seja, ele reconhece a posição superior do animal, e depois disso o animal 'se entrega' ao caçador, isto é, permite-se assumir uma posição de igualdade, ou mesmo inferioridade, em relação ao caçador (TANNER, 1979, p.136 apud INGOLD, 2002, p.48).

[9] Tradução livre do autor do presente trabalho: O pensamento ocidental conduz uma divisão absoluta entre condições contrárias de humanidade e animalidade, uma divisão alinhada com uma série de outros, como entre assuntos e objetos, pessoas e coisas, moral e física, razão e instinto, e, sobretudo, da sociedade e da natureza. Subscrever a visão ocidental da singularidade das espécies humanas é o axioma fundamental que a pessoa como um estado do ser não está aberto a tipos de animais não humanos (INGOLD, 2002, p.48).

curso das relações práticas diárias são desenvolvidas por eles. A este respeito, lidar com animais não humanos não é fundamentalmente diferente de lidar com os outros humanos (INGOLD, 2002).

Sobre o nível social e ecológico Ingold afirma que:

> Human existence is conceived to be conducted simultaneously on two levels, the social level of interpersonal, intersubjective relations and the natural ecological level of organism–environment interactions, where as animal existence is wholly confined within the natural domain. Humans are both persons *and* organisms, animals are all organismo (INGOLD, 2002, p.48)[10].

A existência ocorre em dois níveis: social e interpessoal, de relações intersubjetivas e relações ecológicas de organismos ao ambiente. Não pode haver uma ruptura radical entre as relações sociais e ecológicas, isso sugere a possibilidade de uma antropologia que tomaria como ponto de partida o engajamento de seres humanos e seus ambientes (INGOLD, 2002).

A Austrália e outros continentes de caçadores são cheios de semelhanças genuínas nas formas como aprendem sobre a paisagem em que estão inseridos e seu lugar dentro dela. (INGOLD, 2002,). A visão da paisagem como espaço cultural implica a naturalização da caça. Somente o representado no pensamento é o ambiente atraído para o mundo humano das pessoas (INGOLD, 2002, p.57).

O desejo da ideia de habitar o mundo permite Ingold aproximar de algumas das atividades dos povos caçadores, através do habitar uma paisagem e das atividades práticas no ambiente que o mundo se abre como revelação (BECHELANY, 2012).

Luis Cayón (2012) comenta como Ingold trata sobre a ideia dos caçadores e coletores habitarem a paisagem.

> Na sua perspectiva, a vida social é um movimento na paisagem, e a caça e a coleta, juntamente com os mitos, as histórias e os rituais são parte do equipamento (*skill*) para atuar no ambiente. Apesar de ter a vantagem de diluir as oposições ontológicas ocidentais e fazer pensar de que por si só a interação com o ambiente é transformadora, Ingold não parece estar interessado nas concepções nativas de como conceber tal interação, deixando um espaço aberto para a interpretação científica, nesse caso, sobre a percepção e a cognição (CAYÓN, 2012, p.180).

[10] Tradução livre do autor do presente trabalho: A existência humana é concebida a ser conduzido simultaneamente em dois níveis, o nível social interpessoal, intersubjetivo as relações e o nível ecológico natural das interações organismo-ambiente, enquanto a existência animal é totalmente confinada no domínio natural. Os seres humanos são pessoas e organismos, os animais são todos organismos (INGOLD, 2002, p.48).

Notamos que Ingold deixa um espaço aberto para a interpretação científica das explicações nativas, criando uma reflexão sobre a interação da habilidade do caçador com o ambiente. Tal interação é transformadora. Um exemplo disso é a relação entre a consciência do caçador dos períodos em que as plantas têm flores e frutos, fato que funciona como indicador de animais silvestres de caças. Sobre isso, Souza comenta que

> O caçador se orienta pelos fenômenos da natureza como o formato das folhas: secas, se estão caindo dos galhos, se estão verdes, se as flores estão fechadas ou abertas, se as frutas estão amadurecendo, se estão caindo. Cada tipo de planta silvestre possui o seu período de florir e produzir frutas. Esses indicadores anunciam a presença em abundância de cada espécie de animal. Gasché denomina "Indicadores" os elementos que são interpretados pelos caçadores, orientações para realizar as suas atividades (SOUZA, 2017, p.26).

O termo denominado por Jorge Gasché (2012) de indicadores, facilita muito analisarmos elementos da natureza que são interpretados pelos caçadores orientando o tipo de atividade de caça a ser desenvolvido.

Outro exemplo é sobre o conhecimento e sabedoria das plantas dos caçadores indígenas Yanomamis da Amazônia:

> Os caçadores Yanomami têm um conhecimento excepcional da ecologia do seu habitat, competência de vital importância para seu êxito na caça. O conhecimento sobre as plantas das quais suas presas se alimentam, aliado ao conhecimento sobre fenologia e a distribuição desses vegetais, faz, assim, com que os caçadores Yanomami possam prever, com certa segurança, quais os animais propensos a ser encontrados em determinados lugares, e em diferentes estações do ano. Em certos casos as plantas têm propriedades que afetam diretamente os animais que as ingerem, e assim modificam seu comportamento frente aos caçadores (ALBERT, 2009, p.64).

Em "O pensamento selvagem", Lévi Strauss fornece exemplos interessantes e esclarecedores de técnicas desenvolvidas por caçadores para capturar águias na América do Norte:

> Os hidatsa caçam águia escondendo-se em covas; a águia é atraída por uma isca colocada em cima e, quando a ave pousa para pegá-Ia, o caçador a agarra com as mãos nuas. Essa técnica tem, portanto, um caráter paradoxal: o homem é a armadilha, mas para cumprir esse papel deve descer a uma cova, isto é, assumir a posição do animal preso na armadilha; ele é, ao mesmo tempo, caça e caçador. Dentre todos os animais, o carcaju é o único que sabe superar essa situação contraditória: não somente não teme as armadilhas que lhe são preparadas como rivaliza com o caçador roubando-lhe as presas e às vezes as próprias armadilhas (LÉVI STRAUSS, 2012, p.67).

O exemplo de Lévi Strauss(2012) é interessante porque se coloca como um paradoxo, visto que, no caso, a armadilha é o caçador: a águia rivaliza com o caçador, pois vem com a

intenção de capturar a sua presa; mas no momento da captura, ela se coloca, então, na condição de presa, e tentar deseperadamente fugir das mão sufocantes que a aprisionam ou matam.

Peter Rivière tratando sobre os méritos do caçador em seu livro "O Indivíduo e a Sociedade da Guiana", relata:

> A caça não é apenas proteína indiferenciada, e diferenças quanto à relativa escassez de vários tipos de carne, a habilidade que se requer para obtê-la e as preferências das pessoas quanto ao gosto constituem os meios pelos quais são julgados os méritos relativos dos caçadores (RIVIÈRE, 2001, p.124 e 125).

Nesse passo, torna-se de suma importância ressaltar o fato de que a atividade da caça é um bem em processo de escassez cada vez maior. Há todo um conjunto de saberes envolvidos na atividade e, por isso, não é à toa que os caçadores são reconhecidos na e pela sua comunidade, visto que o alimento proveniente da caça tem a importância de uma proteína diferenciada para as comunidades indígenas.

Em "O Pajé de Cristo", Homer Dowdy (1997) conta a interessante história de como Ewká, o último xamã Wai Wai, se converteu ao cristianismo. A história, vale chamara atenção, é contada do ponto de vista missionário cristão. Em algumas passagens, a narrativa destaca as habilidades do caçador e como tal figura é admirada e reconhecida na comunidade. Segundo Dowdy, "se fosse tão importante conquistar a admiração de outras pessoas, Ewká poderia esforçar-se para ser o melhor caçador, o mais hábil com o arco"(DOWDY, 1997, p. 47).

O bom caçador é reconhecido em sua comunidade pelo seu talento e habilidade. A explicação clássica sobre a vantagem política do bom caçador é o fato de ele fornecer uma quantidade maior de carne, o que lhe proporciona melhor acesso às mulheres do que um caçador menos bem sucedido (RIVIÈRE, 2001, p.125). Isto ocorre pelo fato do sogro perceber que a sua filha será bem auxiliada, podendo contar com bons alimentos caçados, pois, caso contrário, pode passar por necessidades alimentares. Tal condição pode ser confirmada entre os Wai Wai: "Quando Ewká lhe trouxe carne de porcos selvagens e mutuns, ela os cozinhou em seu fogo e os devolveu a ele, apesar de ser casada. Isto era abertamente uma sedução; e afrontava um costume reservado ao marido da esposa" (DOWDY, 1997, p.66).

Nesse âmbito, é importante ressaltar a explicação de Jorge Souza (1998) para compreender as práticas de parentesco entre os Wai Wai. Segundo esse autor, para eles, os Wai Wai, o casamento que une primos cruzados é o preferencial, seguindo a tendência de manutenção a uxorilocalidade, principalmente nos casos envolvendo uniões interétnicas. No caso o esposo se une a família da esposa e fica sob a autoridade do sogro.

Tomando como referência o primeiro grau ascendente, o indivíduo casadouro é identificado como o filho da irmã do pai ou do irmão da mãe, que é a forma pela qual as relações matrimoniais se expressam normalmente (RIVIÈRE, 2001).

Dentro das relações sociais mantidas pelo caçador como chefe de família, a carne de caça é um objeto significante de troca:

> A importância da carne de caça pode ser notada na sociabilidade indígena, onde possuem uma significância considerável como objeto de troca. Um caçador oferece a suas esposas a carne como meio de estabelecer seu estatuto de chefe da família e troca pedaços de carne com outros parentes quando quer obter favores. A partilha da carne é uma espécie de cimento intercomunitário essencial, sendo que os afins a trocam como forma de exprimir obrigações de reciprocidade (BECHELANY, 2012, p.3).

A partilha da carne é necessária, pois através da Dádiva da troca se estabelecem as noções de crédito e de generosidade recíproca, mas também os sentidos de alianças, que por ela são estabelecidos e se tornam relativamente indissolúveis (MAUSS, 2003). A comida que vem da mata é sempre repartida. Diferentremente da carne de criação doméstica, a carne silvestre é dada, sempre sem pagamento (ALMEIDA; LIMA; AQUINO; IGLESIAS, 2002, p.314).

Para Philippe Descola (1998), a harmonia conjugal indígena traz um bom entendimento entre parentes e vizinhos através do sucesso na caça. Mas isso depende, como se pode depreender, de caçadores conseguirem estabelecer uma variedade grande de interlocutores humanos e não-humanos.

Tal é o que acontece entre os indígenas e equatorianos Achuar, o entendimento entre os vizinhos e parentes para o sucesso na caça depende da relação de convivência entre humanos e não humanos:

> A harmonia conjugal, um bom entendimento com parentes e vizinhos, o sucesso na caça, a fabricação de uma cerâmica bonita ou um curare eficaz, uma roça com plantas variadas e viçosas, tudo isso depende das relações de conivência que os

> Achuar conseguirem estabelecer com uma variedade grande de interlocutores humanos e não-humanos (DESCOLA,1998, p.26).

No caso, as relações sociais entre humanos e a natureza são idênticas entre os diferentes grupos vizinhos, e isso se torna elemento de sustentação da organização social (CAYÓN, 2012).

Para obter sucesso na caça depende, o caçador precisa de vivenciar a experiência de passar por sortilégios. Para se tornar bom caçador, um indivíduo deve ter sonhos eróticos. Sonhos de relações sexuais com mulheres atraentes, desde que não sejam revelados a alguém, asseguram uma caça fácil e abundante, sobretudo de animais grandes. (ALMEIDA, LIMA, AQUINO e IGLESIAS, 2002, p.328). O sonho é um grande localizador de caça para o caçador, muita das vezes alcançado pelo xamã (autoridade religiosa da comunidade) ou pelo próprio caçador.

Portanto, o bom caçador, aquele que é reconhecido por sua habilidade, desfruta da possibilidade de fazer bons casamentos, de ter prestígio e de ocupar posições de liderança dentro de uma comunidade indígena. E o sucesso disso dita, por sua vez, o sucesso do entendimento entre parentes e vizinhos. Tal equilíbrio é conseguido mediante a performance e o desempenho obtido nas caçadas, ou seja, no momento em que se estabelece de fato o rol de relações entre humanos e não humanos. É disso que se fala quando se fala de perspectivismo indígena.

4.3. ARMAS E ESTILOS DE CAÇADAS

Nesse trecho, analisarei os tipos de armas e os estilos de caçadas utilizados pelos indígenas na Amazônia, inclusive os Wai Wai. Para tanto, empregarei os exemplos de conhecimento categorizados nos "estilos" de caçadas, tal como mencionados por antropólogos referentes a diferentes e curiosas formas de caçadas. O foco será: o arco e flecha, a espingarda, as armadilhas como armas de caça, assim como as várias maneiras de caçar, como a caçada de curso com o cachorro, a de espera ou tocaia com ou sem a lanterna e com armadilha (de arapuca ou espingarda).

4.3.1. Arco e Flecha

Dentro do projeto de identificação e delimitação da Terra Indígena Trombetas Mapuera, organizado pela FUNAI a PPTAL GT, encontramos o Relatório Técnico Ambiental: Manejo de Recursos Naturais e Territorialidade Wai Wai, feito por Fernando Cançado (2003), que descreve como se fabrica o arco e flecha entre os Wai Wai:

> Vários homens da aldeia seguem até o seio da floresta (90min de caminhada) para retirada do tronco Krapayepu (árvore do arco) para confecção do arco. O processo consiste na escolha da árvore, posteriormente na derrubada e retirada do miolo do tronco. Esta madeira de miolo possui cor avermelhada rajada de preto com aspecto trigado. Posteriormente as lascas de tronco recebem um tratamento grosseiro com facão/terçado reduzindo sua espessura e retirando defeitos, sendo então transportados para a aldeia. Neste local os mais habilidosos tratam a madeira com facão e posteriormente com os dentes da mandíbula inferior do porcão, realizando o tratamento mais fino de desbaste com seu utensílio. Posteriormente trança-se o kreutê e o amarra ao arco, por fim são colocados os enfeites de pena e pinturas. As flechas são feitas utilizando-se de taboca (*waymî*) como corpo com pontas e penas amarradas com o cipó kreutê tratado com breu. As pontas das flechas são feitas de osso de macaco prego, madeira ou metal. Breu é utilizado para dar maior resistência e adesão do cipó que amarra as pontas e penas. Coleta-se breu aproximadamente 2 vezes por ano. É utilizado para colar a ponta da flecha e o corpo da flecha e sobre o kreute para dar maior firmeza na fixação de pontas das lanças e na corda do arco. O breu é utilizado também como verniz em panelas de barro (eripó) (CANÇADO, 2003, p.47).

Isto se confirma em trecho do livro "O pajé de Cristo", escrito por Homer Dowdy (1997): "No fim do dia foi ao canteiro de bambus cortar hastes para as novas flechas, e ainda cantava. Os bambus lisos e rijos eram muito altos para que Ewká pudesse ver o velho Curum (DOWDY,1997, p.42)".

Os Wai Wai confeccionam um tipo de flecha específica para caçar macaco. Em detalhes específicos:

> A ponta da flecha utilizada para matar macaco é feita de Taru, que acredito seja o nome do caule de uma folhagem. A manufatura do galho produz uma ponta de flecha sobre a qual espalha-se o veneno (barawetî). Esta ponta é guardada até o momento em que se avista um macaco (poroto), então são feitas ranhuras anelares permitindo que a flecha envenenada se quebre dentro do corpo do animal quando este tenta com as mãos retirá-las. O requinte da técnica de caça de macacos demonstram o quanto os waiwai se esmeraram na caça deste animal e o quanto apreciam como alimentação (CANÇADO, 2003, p.56).

As técnicas utilizadas e produzidas pelos Wai Wai são apuradas, baseadas em costumes de sabedorias tradicionais para se obter sucesso nas caçadas. As armas de caçadas são elaboradas através de produtos retirados da própria natureza. Porém, apesar do arco e flecha ser uma arma muito importante para o indígena Wai Wai, a arma mais usada foi

introduzida através do contato com os não indígenas, sendo ela a arma de fogo, mais especificamente a espingarda.

4.3.2. Espingarda

Segundo relatos de viajantes, missionários e antropólogos, a espingarda foi introduzida pelos europeus e, no caso dos Wai Wai, através da rede de trocas com os Wapichanas e missionários da UFM. Eliandro Souza (2017) descreve em seu trabalho sobre a caça entre os Wapichanas com a espingarda. Ela explica que, com a introdução da espingarda, são produzidas diferentes formas de caçar; e acrescenta também que a espingarda é arma bastante usada para abater veados, sendo a espingarda o instrumento que é utilizado para abater a caça a longa distância (SOUZA, 2017).

A espingarda é utilizada para matar preferencialmente animais de grande porte. Ela acabou, em muitos casos, substituindo o arco e flecha, sendo que estas são de grande utilidade quando ocorre falta de munição.

Segundo a descrição de Homer Dowdy sobre a primeira vez que o líder dos Wai Wai viu uma espingarda em encontro com Wapichanas: “Ewká tinha visto uma espingarda na canoa, como a que os uapixanas usavam para caçar, mas os visitantes não se preocuparam em trazê-las para cima” (DOWDY, 1997, p.84).

Os Wai Wai vão ter acesso a arma de fogo junto dos missionários cristãos da UFM:

> Bam e Mistoquim ajudaram os homens a conseguir espingardas para caça. Mas limitaram a munição a seis cartuchos por mês para cada homem. Isto os forçava a conservar sua habilidade com o arco e flecha e permitia-lhes poupar sua magra receita para as necessidades mais essenciais (DOWDY, 1997, p.174).

Os limites e desperdícios de munição de espingardas não são cuidados só da época em que os missionários introduziram para ajudar os Wai Wai nas caçadas, mas até os dias de hoje, visto que mesmo sendo a arma que mais usam, tomam muito cuidado para não errar tiros nas caçadas.

4.3.3. Armadilhas

A seguir, como os Wai Wai só utilizam armadilhas para pesca, tratarei de alguns tipos de armadilhas para caça, como a que dá uma pancada na cabeça do animal com um galho de madeira. Tal armadilha é chamada de "Quebra Cabeça", feita por indígenas Wapichanas:

> A outra forma de caçar eram com o uso de armadilhas como "quebra cabeça*"* que é armado no local por onde passavam os animais. Essa armadilha é disparada pelo próprio animal que recebe uma pancada na cabeça por um galho de madeira que foi posta em forma de arco e preso com um pedaço de fibra resistente; essa fibra é posta no caminho do animal que, ao tocar na fibra com o corpo, solta o galho, realizando a pancada. Geralmente a paca e o tatu são os mais abatidos com a "quebra cabeça" (SOUZA, 2017, p.27).

Outra armadilha utilizada pelos Wapichanas é a Badogue, uma armadilha com a espingarda. Souza explica que

> As armadilhas também variam conforme o animal a ser abatido: a armadilha com badogue (espingarda caseira) é armada no caminho por onde passam os animais que a disparam ao tocarem na linha presa no gatilho. O badogue terá que ser armado em um local estratégico e seguro, onde não haja risco de uma pessoa disparar a armadilha (SOUZA, 2017, p.27).

Os indígenas Wai Wai não tem costume de utilizar armadilhas para as caçadas, utilizam mais para pesca de trairão e de peixes pequenos, como a Kaminaque, que é um tipo de jequi grande utilizado para pegar trairão e é feito de palha de kuie e a Xiika, um tipo de jequi pequeno utilizado para pegar peixes pequenos, feito de palha de kuie (CAIXETA DE QUEIROZ, 2004, p.56).

4.3.4. Estilos de Caçada

Há várias maneiras de caçar, e elas podem ser agrupadas em quatro modalidades: a caçada a curso, com o cachorro, a de espera ou tocaia (com ou sem lanterna) e com a armadilha de arapuca, mondé e principalmente, espingarda (ALMEIDA; LIMA; AQUINO; IGLESIAS, 2002, p.317).

Mauro Almeida, Edilene Lima, Terri Aquino e Marcelo Iglesias (2002) afirmam que há diferentes lugares de caças, como na beira do rio e no meio da mata. Animais perambulantes que não possuem território fixo, como os queixadas, a paca e o tatu, fazem

trilhas na mata, por onde costumam se deslocar à procura de alimentos, principalmente no local onde caem frutas silvestres.

Sobre os animais que não possuem território fixo:

> A escolha pela forma e local da caça vai acontecer pela leitura dos indicadores que o caçador realiza nos períodos dos meses e também pelas pegadas que os animais deixam. Assim, ele consegue identificar, através das pegadas que diferentes tipos de animais que estão se alimentando das flores e frutas deixam no terreno por onde passam. Visto isso, o caçador decide a melhor forma de realizar a caçada: se é espera/moita, a ceva, a varrida ou facheada (SOUZA, 2017).

Locais como os castanhais, onde há frutas e flores, são locais estratégicos para ter acesso aos animais de caça. Esses são diferentes exemplos de tipos de caçadas na Amazônia e em diferentes regiões do mundo. Um exemplo é a região do Alto Juruá no estado do Acre, por meio de relatos indígenas:

> Os meninos Ashaninkas começam a andar nos arredores de sua casa para caçar entre oito e doze anos, só saindo para mais longe acompanhados. Os jovens caçadores, quando estão iniciando, não podem comer a carne dos primeiros animais que matam, sob pena de ficarem preguiçosos. Nunca podem comer o pescoço e a cabeça, especialmente de pássaros, porque os animais ficam bravos, cismados com eles. O coração é proibido para os homens, desde que nascem até se tornarem adultos, sob pena de se tornarem medrosos, de ficarem com medo dos animais (ALMEIDA; LIMA; AQUINO; IGLESIAS, 2002, p.326).

A caçada de curso é uma estratégia extenuante, pois exige manobras e evasivas dos animais, assim como grande esforço físico. As caminhadas podem exceder de três a quatro horas, precisando até rastejar para encontrar a presa (ALMEIDA; LIMA; AQUINO e IGLESIAS, 2002).

Já na modalidade que usa cachorros de caça, os cachorros localizam os vestígios dos animais pelo faro - fenômeno sintetizado pela expressão indígena “tirar o veado”. Os cachorros farejadores perseguem os animais até suas tocas e esconderijos - “acuar a paca” - ou leva os caçadores a rotas de fuga conhecidas - “botar o veado n’água”. (ALMEIDA; LIMA; AQUINO e IGLESIAS, 2002, pp. 318-319).

> Os latidos dos cachorros tanto indicam o caçador o rumo de seus cães quanto alertam a caça, por isso se diz que “cachorro, quando não mata, espanta”. A caçada com cachorros às vezes é decidida pela exaustão da presa, razão pela qual muitos reconhecem a carne do veado caçado com cachorros a dureza e o gosto desagradável. O veado pode escapar de cachorros, mas a anta tem poucas chances; e os porcos (caititus) e queixadas abandonam áreas povoadas por cães (ALMEIDA; LIMA; AQUINO e IGLESIAS, 2002, p.319).

A armadilha conhecido como Espera ou Tocaia é feita onde há frutos dos quais os animais se alimentam. Elas geralmente são feitas no barreiro, onde os animais vão lamber barro salgado, ou nas proximidades do roçado, frequentado por pacas e cutias (ALMEIDA; LIMA; AQUINO e IGLESIAS, 2002, p.321).

Caçadas com armadilhas são feitas com espingardas velhas, com jequi (espécie de cesto colocado na boca do buraco do tatu), com arapucas (feita para passarinhos e pequenos animais), com mondés (galhos que caem sobre o animal) (ALMEIDA; LIMA; AQUINO e IGLESIAS, 2002, p.323).

Usamos como exemplo Jorge Gasché (2014), que estudou a importância da armadilha dos indígenas Bora, do Peru, que caçam macacos. Jorge Gasché atenta para a relação aos conjuntos de conhecimentos que implicam a fabricação e uso de tais armas, além da função aquisitiva de alimento. Macacos, em seu conjunto, são hoje em dia tratados como animais comestíveis, com algumas reservas de diferença aos de porte maior, como é o caso da onça, do bicho preguiça e do cachorro. A carne dos macacos não pertence à categoria de alimento mais valorizada pelo consumidor Bora, mas, apesar disso, constituem uma presa relativamente apreciada para o cardápio diário e festivo (GASCHÉ, 2014).

A maior parte de espécies de macacos tem hábitos diurnos, há animais de parentesco próximos a eles com hábitos noturnos, como os Jupará (da família do Quati) e o macaco noturno Musmuqui, que anda em bando. Para os indígenas Bora obterem sucesso na caçada noturna:

> El cazador nocturno los distingue por el brillo de sus ojos: los de la chosna tienen um brillo mayor y rojizo cuando se los alumbra com la linterna, y eso a tal punto que el cazador mirando hacia la copa de los árboles puede confundirlos com una estrella y disparar en vano; para identificar al musmuqui, el cazador observa fuera del brillo menos intenso se sus ojos, los pelos más claros en su pecho, y estos le sierven de blanco para disparar (GASCHÉ, 2014, p.220).[11]

Jorge Gasché se empenha em compreender as diferentes fases da atividade da caça dos indígenas amazônicos peruanos Bora a partir de um diálogo, sem tentar impor suas concepções científicas. Para ele, o pesquisador tem de trabalhar em prol de entender os estilos

[11] Tradução livre do Autor do presente trabalho: o caçador noturno distingue-os pelo brilho dos seus olhos: os jupará tem um brilho maior e avermelhado quando se ilumina com a lanterna, e isso a tal ponto que o caçador mirando para o topo das árvores pode confundi-los como uma estrela e atirar em vão, para identificar o musmuqui, o caçador observa fora do brilho menos intenso dos seus olhos, os pelos são mais claros em seu peito, e estes irão servir de alvo para disparar (GASCHÉ, 2014, p.220).

de caçadas, as espécies de animais caçados e sempre ouvir com atenção as experiências dos nativos.

Philippe Descola (1998) discute sobre a caça de focas entre os indígenas Inuit, da América do Norte. O autor trata de discutir a realidade de que a caçada praticada pelos Inuit fere a sensibilidade ecológica comum em nossos dias:

> Por outro lado, tais convergências rapidamente encontram seus limites, especialmente quando certas formas locais de caça ferem a sensibilidade de militantes ecológicos pouco inclinados a encarar com indulgência os particularismos culturais que prejudicarem o bem-estar dos animais. Então, a caça de focas entre os Inuit ou aquela de grandes animais entre os Masai aparece como bárbara sobrevivência que uma boa dose de educação em proteção do ambiente permitiria erradicar (DESCOLA,1998, p.24).

O autor atenta para o fato de que militantes ecológicos que vivem empenhados em proteger o meio ambiente e as espécies têm bastantes dificuldades de compreender determinados particularismos culturais, como o do caso Inuit.

Lévi Strauss (2012) trata da mediação através do estilo de caça de atração por isca na América do Norte:

> Na caça às águias, concebida como a redução de um afastamento máximo entre caçador e caça, no plano técnico a mediação se estabelece por intermédio da isca, pedaço de carne ou pequena peça de caça, portanto corpo sanguinolento destinado à rápida putrefação. Uma caça primária (a que procura a isca) condiciona uma caça secundária; uma é sanguinolenta (por meio do arco e das flechas), a outra não-sanguinolenta (as águias serão estranguladas, sem derramamento de sangue); uma, que consiste numa conjunção próxima de caça e caçador, fornece o termo mediador de uma conjunção tão longínqua, que primeiro se apresenta como uma disjunção insuperável, salvo exatamente pelo sangue (LÉVI STRAUSS,2012, p.69).

Uma caça morta, em estado de putrefação e sanguinolenta se torna isca para uma espécie de animal predadora, que acaba se tornando presa para o homem, na relação presa (isca)-predador-presa-caçador.

4.3.5. Regras das Caçadas

Dentro dos aspectos relacionados às regras e proibições:

> A proibição de matar e de comer os totens comestíveis está sempre ligada aos cultos maternos e ao totemismo social em linha materna. Os tabus são mais variáveis no que concerne os totens culturais transmitidos em linha paterna e são encontrados,

> então mais frequentemente no plano dos totens de metade que nos totens de clã (LÉVI STRAUSS, 2012, p.119).

Os tabus ligados a figura da mulher e aos cultos maternos relacionados a caça são muito presentes nas comunidades indígenas, que evitam ao máximo infringi-los.

Há conhecimentos indígenas para tirar o enrasco do caçador, se ele não tem sucesso na caça, pois:

> Dentro da ciência da mata, existe o caçador enrascado, que é o famoso panema, então precisa – se seguir diversas regras, como: o caçador pode ficar enrascado por ter levado o cachorro para caçar nas quintas feiras, dia que pertence ao caipora (considerado o dono ou a dona das caças, transformando em vulto), respeitar fases da lua ou então ficar enrascado quando os ossos ou o sangue do animal que trouxe da mata, entra em contato com substâncias como fezes, urina ou sangue humano, e particularmente se o animal for consumido por mulheres grávidas ou menstruadas (ALMEIDA; LIMA; AQUINO; IGLESIAS, 2002).

Todavia, há remédios na mata destinados a livrar o caçador do enrasco, usados na quinta-feira e na sexta-feira. O principal remédio são as defumações aplicadas no caçador, em sua espingarda e nos seus cachorros (ALMEIDA; LIMA; AQUINO e IGLESIAS, 2002, p.324).

Quanto às regras de caça relacionadas a mulher:

> Toda caça morta com arco é proibida, *soxa*, até que o chefe tenha comido um pedaço. A proibição não se aplica ao fígado, que os caçadores comem no lugar, mas que, em todas as circunstâncias**,** continua *soxa* para as mulheres. Além dessas regras gerais, existem *soxa* permanentes para determinadas categorias funcionais ou sociais. Assim, a esposa do caçador só pode comer a carne e a gordura superficial do quarto traseiro, as entranhas e as patas. Esses pedaços constituem a porção reservada às mulheres e às crianças. Os adolescentes masculinos têm direito à parede abdominal, aos rins, aos órgãos genitais e às mamas; o caçador, ao quarto dianteiro e às costelas, retiradas de uma das metades do animal. A parte do chefe consiste numa grossa fatia de cada quarto e de cada filé e numa costela retirada de cada lado (FOURIE, 1925-26 apud STRAUSS, 2012, pp.122-123).

A importância da relação da mulher e a regra (soxa) da caça é muito forte na cosmologia indígena. Em cada caso, o corte natural e o corte social são homólogos, e a escolha de um corte dentro de uma ordem implica a adoção do corte correspondente em outra, pelo menos como forma privilegiada (LÉVI STRAUSS, 2012, p.123). Através destas práticas que constroem as alianças sociais de parentesco, a mulher e a caça são visto como um dos principais elementos da dádiva da troca.

4.4. A CAÇA E O XAMANISMO INDÍGENA

A caça, segundo Viveiros de Castro (2002), é trabalhada numa relação com a predação. Ou seja, a condição predador e presa - quem come quem. Para o ameríndio, o ponto de vista sobre o corpo está na base da relação que se estabele entre o homem, o animal e noção que ambos tem sobre quem seja a presa. O animal se vê da mesma forma que nós, ou seja, como humano, uma vez que todo corpo é humano e é revestido por uma roupa que cobre e esconde o espírito humano de cada indivíduo

A partir da cosmologia indígena, fica portanto, a seguinte pergunta: como esses povos podem conciliar a violência que exercem cotidianamente contra os animais com a ideia de que esses seres são, de algum modo, humanos disfarçados? (DESCOLA, 1998, p. 29).

Respondendo à pergunta formulada por Philippe Descola (1999), Viveiros de Castro (2002) argumenta que a caça é, ao mesmo tempo, humanizada e canibalizada, e que assim ocorre em razão de que tanto animais e humanos concorrem por alimentos, quanto devido ao fato de que, da mesma forma que nós, humanos, os enxergamos como presas, eles, os animais, se veem como humanos ao mesmo tempo em que nos enxergam como presas. Portanto, dessa perspectiva, aquele que é caça é também caçador, pois é também caça de um outro caçador. Um exemplo pode ser fornecido pelo modo que o indígena vê o porco selvagem, ou seja, como caça, ao passo que o jaguar pode os vê, aos porcos, da mesma forma. Dessa perspectiva, o sangue para o jaguar é como se fosse a bebida fermentada para nós.

Philippe Descola (1998) concorda com Viveiros de Castro, e, por isso explica que:

> Em condições normais um caçador não verá, por exemplo, que sua presa animal se vê a si mesma como um humano, nem que ela o vê como um jaguar. Do mesmo modo, o jaguar vê o sangue que está bebendo como cauim; o macaco-aranha que o pássaro cassico acredita caçar é apenas um gafanhoto para o homem; e as antas de que a serpente pensa fazer sua presa principal na realidade são humanos (DESCOLA,1998, p.28).

Tais condições dependem da maneira que o caçador humano se coloca em relação ao lugar do animal e na forma de ver, pois ambas se relacionam na explicação perspectivista. Nos estudos sobre predação, as relações dependem do ponto de vista.

Fabiano Bechelany (2012) explica a noção de predação da seguinte forma:

> Um modo relacional mais amplo nas sociabilidades indígenas. Especialmente os problemas que coloca para a interação entre humanos e animais na caça. A noção de

> ponto de vista é uma das linhas de força mestras desse discurso e acarreta um jogo complexo de transformações no ato da caça (BECHELANY, 2012, p.5).

Há o Multinaturalismo - várias naturezas e uma cultura - e o multiculturalismo - várias culturas e uma só natureza. Experimentar a natureza de modo simbólico, através do sonho, captar a cultura dos não humanos, é importante para o indígena, pois é a partir de ponto de vista (perspectiva) que se cria o sujeito (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

> Na medida em que a categoria das "pessoas" engloba espíritos, plantas e animais, todos dotados de uma alma, essa cosmologia não diferencia os humanos e os não-humanos; ela somente introduz uma escala de ordenação segundo os níveis de troca de informação tidos como possíveis (DESCOLA, 1998, p.26).

Explicando o perspectivismo e as suas características:

> O perspectivismo não é um relativismo, mas um multinaturalismo. O relativismo cultural, um multiculturalismo, supõe uma diversidade de representações subjetivas parciais, incidentes sobre uma natureza externa, uma e total, indiferente à representação; os ameríndios propõe o oposto. Uma só "cultura", múltiplas "naturezas" (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.58).

No etnocentrismo Ocidental, desde a era colonial predomina o multiculturalismo, trazendo dúvidas se o mesmo corpo tenha alma. Com multinaturalismo há dúvidas de que as mesmas almas tenham o mesmo corpo, o contexto é invertido revertendo o preconceito colonial (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

> Embora difiram em sua arquitetura interna, a característica comum a todas essas cosmologias é não separar o universo da cultura, que seria apanágio exclusivo dos humanos, do universo da natureza, no qual estaria incluído o restante das entidades que constituem o mundo. Os animais, e as plantas em menor medida, são aí percebidos como sujeitos sociais, dotados de instituições e de comportamentos perfeitamente simétricos àqueles dos homens (DESCOLA, 1998, p.27).

Para fundar a noção de perspectivismo enquanto elemento prório da estruturação das relações sociais e cósmicas do universo ameríndio, Viveiros de Castro (2002) parte de uma concepção do corpo como unidade. Conforme a visão de mundo perspectivista, no pensamento ameríndio todos os seres se consideram igualmente humanos, ou seja, a condição humana é comum a todos, porque todos se veem a si próprios como humanos e a todos os demais como não-humanos (como animais ou espíritos). Desse modo, todos os seres transitam entre a condição humana e a condição não-humana, em razão de que todos são aloespecíficos, ou seja, todos ocupam posição de caçador ou presa, conforme as relações que estabelecem com os demais.

Assim, por exemplo, a onça percebe a si mesma como humano, enquanto vê o caçador como presa-animal, aquele que ocupa uma posição que se presta a virar sua comida. A humanidade se manifesta, então, no âmbito do espírito, enquanto os corpos são formalmente diferenciados. Desse modo é que, apesar de apresentar diferente compleição física, de morfologia corporal, a onça se percebe igualmente humana, e isso faz com que ela beba sangue sem que perceba que se trata de sangue: ela pensa que é cauim; da perspectiva do homem, ele percebe tratar-se, na verdade, de sangue. O perspectivismo, portanto, dá ênfase ao aspecto relacional e fundamenta na relação com a manutenção alimentar a condição que cada espécie e indivíduo ocupar no repertório das relações cósmicas e sociais.

Em relação aos Wai Wai, podemos acrescentar que:

> O antagonismo é claro para com o perspectivismo Wai Wai, mais especificamente pela atribuição de outros seres (animais, por exemplo) da capacidade de refletirem e de interpretar o mundo ao redor. O que valia era o ponto de vista, fazendo com que os animais se vissem como gente ao mesmo tempo em que viam os seres humanos como animais. Para os missionários, o corpo (a matéria) era, em certa medida, o que igualava e o elemento diferenciador entre o humano e o animal estava no espírito (alma ou raciocínio), nesse aspecto estava a importância do tipo de espírito que habitava o corpo. As representações Wai Wai eram praticamente o contrário, na medida em que o espírito era o elemento igualitário; logo, o diferenciador era o corpo, não como uma estrutura biológica iniciada na fecundação, mas considerando em sua manifestação hodierna por meio da sua língua, da sua "roupa" do que se alimentava e como se alimentava, de como se locomovia, da "aldeia" onde vivia etc (SOUZA, 2008, p.267-268).

Assim sendo, para os Wai Wai o espírito é igualitário, enquanto o corpo é o diferenciador, funcionando como uma roupa. Já entre os missionários cristãos, o corpo é o igual e a alma é o diferenciador. Ao se converterem para o cristianismo, os Wai Wai vão seguir o ponto de vista referente ao corpo junto dos ideais dos missionários norte-americanos.

A identidade de cada um está, então, sujeita a mutações ou metamorfoses, já que é fundada em campos de relacionais que variam segundo os tipos de percepção recíproca ou não recíproca, mutuamente atribuídos às entidades em jogo (DESCOLA, 1998, pp.27-28).

O texto antropológico se coloca como tentativa de tradução de experiências do corpo, de saídas a campo, aprendizados, interlocução dos sentidos, de subjetividades e de conhecimentos (BECHELANY, 2012, p.7).

Segundo Tânia Lima (1996) e Viveiros de Castro (1996), tanto os animais como os humanos têm o mesmo espírito, apenas com uma roupagem diferente, que seria o corpo. Os

animais podem se humanizar e os humanos se animalizar, criando uma lógica perspectivista da alteridade/identidade (SOUZA; SOUZA, 2016).

Na cosmologia indígena, humanidade é uma categoria que recebe concepções diferentes, uma vez que a noção de pessoas não é igual em todas as sociedades (SOUZA; SOUZA, 2016, p.260). Segundo Viveiros de Castro (2002), o perspectivismo ameríndio está associado a suas características recorrentes na Amazônia: a valorização simbólica da caça e a importância do xamanismo. Portanto,

> Ideologia de caçadores, esta é também e sobretudo uma ideologia de xamãs. O xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais. Vendo os seres não humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico, sobretudo eles são capazes de voltar para a contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.246).

Para o antropólogo Caixeta de Queiroz (1999), entre os Wai Wai:

> O xamã exerce um papel fundamental na importância na sociedade tradicional Wai Wai. Além de exercer uma certa liderança política nas tarefas relacionadas à organização de festas e projetos coletivos (caçadas, plantio de roças etc.) é responsável pela condução de diversos rituais e práticas de cura (CAIXETA DE QUEIROZ, 1999, p.261).

É possível fazer uma conexão com Marcel Mauss (2003), que, teorizando sobre os esquimós asiáticos que se dirigem à terra de origem, levando consigo os animais caçados mortos naquele ano. Os caçadores voltarão no ano seguinte e, sobre tal fenômeno, Mauss afirma:

> A relação desses contratos e trocas entre homens, e desses contratos entre homens e deuses, esclarece todo um aspecto da Teoria do Sacrifício. Em primeiro lugar, compreende-se perfeitamente que elas existam, sobretudo em sociedades nas quais esses rituais contratuais e econômicos se praticam entre homens que são encarnações mascaradas, geralmente xamanísticas, possuídas do espírito do qual têm o nome: na verdade, eles agem apenas enquanto representantes dos espíritos (MAUSS, 2003, p.205).

Ele demarca, portanto, contratos e trocas como um aspecto da Teoria do Sacrifício. Este fator se evidencia na história de Ewka, o último xamã (pajé) Wai Wai que além de trabalhar com processo de cura tinha uma relação muito forte com a caça. Nas palavras de Dowdy,

> Agora que pajé, Ewká via constantemente seus sonhos com porcos selvagens. E nunca falhava: enquanto dormia podia localizá-los; no dia seguinte podia guiar os caçadores para onde os porcos estavam. Devido ao seu voto, Ewká deixava a

> matança para os outros. Os uai-uais cada vez mais buscavam sua ajuda (DOWDY, 1999, p.95).

Ewká entoava os cânticos para curar. Cantava-os para o beija-flor, para a abelha sem ferrão e, especialmente, para o porco-do-mato. Esses porcos selvagens eram seus animais favoritos (DOWDY, 1997, p.42).

Alguns exemplos de cânticos que faziam parte do ritual de cura:

"Vem cãozinho d'água, vem, vem, Espírito da lontra, vem, Ah iai, ah iai, ah iai, Vem me leva embora a dor do meu irmão" (DOWDY, 1997, p.41)!

"Cutia da floresta, criatura amada, Venha com sua pele avermelhada; Deitar-se no íntimo dessa criança; Espírito da cutia, oculte seu mal, e traga a cura, traga a saúde afinal" (DOWDY, 1997, p.181)!

Ewká era um pajé muito forte. Ele fazia todo tipo de pajelança, curandeirismo, xamanismo, etc. Ele era o chefe e o pajé. Isso indicava que ele era o líder civil e o líder religioso. Ele tinha 18 anos, era bem jovem. (CAIXETA DE QUEIROZ,1999, p.273).

Quando Ewká adormecia a noite em sua rede, os espíritos dos porcos selvagens vinham até ele. Ewká sonhava que ele e seu porco rastreavam os porcos-do-mato até os buritizeiros, onde os porcos eram cercados (DOWDY, 1997, p.72). Ele dava a localização dos porcos aos caçadores de sua aldeia, não podendo matar o porco favorito, sua mulher e seus filhos.

Dentre as regras do xamanismo Wai Wai em relação a caça,

> Ewká, como pajé, nunca podia comer carne de porco do mato (maior); esse era o seu espírito especial. Depois que ele fez a decisão (de abandonar a pajelança), os porcos sumiram da região e todo mundo ficou com raiva dele: "olha, antigamente estes porcos eram especiais para você, eles chegavam e a gente comia muito, agora eles sumiram e nós estamos sofrendo muito" (CAIXETA DE QUEIROZ,1999, p.274).

A partir do momento em que Ewká resolve abandonar as práticas do xamanismo, os porcos sumiram e a comunidade começou a cobrá-lo e culpá-lo, pois interpretaram o fenômeno como um castigo por ele ter abandonado as práticas xamânicas.

Figura 07: Foto do porco selvagem



Fonte: Blog da meva, 2009.[12]

Explicando detalhadamente sobre a relação do xamã com o animal favorito, no caso, de Ewká com o porco do mato:

> Já em relação ao Poinko- Yin, o qual é um Hyasiri de muitos xamãs (inclusive de Ewká), o contato se dá sobretudo em função do auxílio da caça.Tal se estabelece uma "conversação", também à noite e na shutepana, por meio da seguinte técnica: o xamã toca uma pequena flauta (kukuwi), em seguida morde uma pedra (Poinko - Eremu) relativas ao espírito em questão. Então concretiza-se um "acordo" pelo qual o xamã não deve nunca matar um porco selvagem (Poinko) ou comer de sua carne. Em troca, o Poinko-Yin lhe conta onde existem muitos Poinko disponíveis à caça para os demais índios. Por isso a caça desses porcos jamais pode ser realizada sem uma consulta ao xamã, portanto, sem a intermediação do Poinko - Yin. Caso se descubra que o Yaskomo participou diretamente da caça ou comeu da carne de Poinko, ele pode ficar com muita raiva e levar consigo o Ekati do Yaskomo para a montanha do Poinko, ele pode ficar com muita raiva e levar consigo o Ekati do Yaskomo para a montanha do Poinko (onde habita o Poinko-Yin); sem a sua alma, o Yaskomo em breve fica doente e finalmente morre, enquanto seu Ekati vai viver nas montanhas transformado em um Poinko. Além disso, nessa situação o Poinko-Yin provoca o desaparecimento para sempre de todos os Poinko nas redondezas (CAIXETA DE QUEIROZ,1999, p.262).

O jovem líder Ewká, devido ao seu poder e prestígio junto ao seu povo, foi o alvo escolhido pelos missionários com o intuito de usá-lo para através dele propagar a palavra de Deus católico (CAIXETA DE QUEIROZ,1999, p. 271).

Como prova de fé em Deus, durante sua conversão ao cristianismo que se deu por ele não estar conseguindo curar os enfermos das epidemias graves nas aldeias Wai Wai, Ewká faz a seguinte ação:

> No fim do ano, quando as pessoas já estavam pensando se era possível deixar a pajelança e não morrer, os porcos apareceram na área. Ewká pegou um arco e duas flechas, pulou numa canoa e atravessou o rio. Chegando lá Ewká tinha matado dois

[12] Disponível em: https://blogdameva.wordpress.com/2009/10/27/porco-selvagem-interrompe-aula-do-micali/

> porcos. Ele não podia matar e nem podia comer carne, apenas podia sonhar e dizer para os outros onde os porcos estavam (CAIXETA DE QUEIROZ,1999, p.274).

Logo, a notícia de que Ewká estava abandonando os espíritos da floresta se espalhou pela tribo. (DOWDY, 1997, p.154). Mesmo convertido ao cristianismo, ele procurou ser um exemplo através do sacrifício para convencer os indígenas Wai Wai a conversão cristã:

> Ewká achou que estava tudo bem passado e orou: meu Pai, eu não tenho medo mais, eu acho que não vou morrer; para mostrar para este povo ao meu redor, eu vou comer essa carne e peço agora que você me proteja de qualquer coisa". Ele comeu, e ele não morreu e foi bem lá que o seu poder de pajelança foi quebrado (CAIXETA DE QUEIROZ,1999, p.274).

Os dois sacrifícios, que na Lei do Sacrifício poderiam levar a morte certa o xamã Ewká são matar o seu animal favorito e se alimentar da carne dele. Ambos são feitos em prol do apoio à fé cristã. Ewká se tornou a maior liderança entre os Wai Wai após esses dois importantes atos.

Caixeta de Queiroz (1999), numa reflexão sobre a sociedade Wai Wai para tentar compreender o homem, a natureza e a sobrenatureza, por meio do ritual de cura, pois nele encontra-se um diálogo constante e evidente entre os xamãs e os seres sobrenaturais; entidades estas responsáveis pela manutenção e equilíbrio da ordem social e natural.

> No entanto, uma vez chegando na aldeia percebi que este diálogo tinha sido de alguma maneira interrompido. Não mais existia a figura do xamã, os mitos não eram mais contados e no lugar de utilização de plantas medicinais, encontrei uma farmácia cheia de remédios alopáticos. Essa transformação ocorreu em virtude da ação de uma missão protestante norte- americana – a Missão Evangélica da Amazônia (MEVA) – que aí está presente desde o final da década de quarenta (CAIXETA DE QUEIROZ, 1999, p. 257).

O aparecimento dos remédios alopáticos como a penicilina, analgésicos e demais vacinas, trazidos pelos missionários cristãos dos Estados Unidos, foram fundamentais na cura de doenças que o xamanismo não conseguia curar. Por isso o desespero do xamã Ewká, que ficou com a consciência pesada devido a mortes ocorridas entre os Wai Wai. Ele vê uma oportunidade no ato de conversão e um exemplo de sacrifício, para, com o apoio dos missionários, se tornar a maior liderança.

Os Wai Wai estavam curiosos para conhecer o mundo dos brancos, pois os xamãs não conseguiam curar os doentes. Os missionários prometiam salvá-los com remédios de medicina ocidental e com uma nova religião (CAIXETA DE QUEIROZ, 1999). Hoje em dia é difícil obter dos próprios Wai Wai informações acerca dos eventos que precederam e

seguiram à chegada da missão, é tarefa difícil: "eles preferem esquecer" esse passado e agora se consideram crentes (CAIXETA DE QUEIROZ, 1999, p.257).

Caixeta de Queiroz (1999) não conseguiu entrevistar Ewká, por este se encontrar bastante doente e não querer comentar o passado. As memórias sobre tal passado foram escritas e publicadas pelos missionários cristãos.

A interpretação que a missão construiu sobre os índios a partir de Ewká era a que os índios desejavam imitar o estilo de vida cristão ocidental, principalmente no uso de bens de consumo (SOUZA, 2008, p.210). Com a maneira ocidental de se portar em relação à caça, os Wai Wai estão ainda envolvidos na cosmologias dos conhecimentos tradicionais por manterem contato e a prática de casamento com outros subgrupos étnicos (SOUZA, 2008).

Há dois períodos em que a caça é celebrada até os dias de hoje nas comunidades Wai Wai: no período da páscoa e no natal (comemorações cristã); nessas ocasiões, são caçados diversos tipos de animais e é também produzida integração entre homens e mulheres (SOUZA, 2008; SOUZA, 2015; HOWARD, 2002).

Assim sendo, é de fundamental importância darmos relevância para os conhecimento indígenas sobre as caçadas, compreendendo seus valores e tradições para nos situarmos nesse bem tão precioso e valioso dos indígenas amazônicos e de outras regiões do mundo. A caça, o caçador, as armas, os estilos de caçadas e o xamanismo são elementos analisados e discutidos na na última parte desta dissertação a importância do lugar da atividade social de caçar na subsistência, na relação com a natureza e a confecção do calendário específico de tal atividade junto dos indígenas Wai Wai da comunidade do Jatapuzinho-Caroebe/Roraima.

4.5. A ATIVIDADE DE CAÇA E O CONHECIMENTO DOS ANIMAIS DOS WAI WAI

"Demonstra-se a importância de que a atividade da caça é um bem em escassez além de ser uma proteína diferenciada, por isso o mérito aos caçadores" (BECHELANY, 2012). Nesta frase notamos o reconhecimento da caça como complemento proteico de subsistência alimentar indígena. Cabe destacar também o mérito do caçador como agente da transformação do ambiente.

Os principais animais de caça dos Wai Wai são: anta, veado, porco do mato, macaco (aranha, guariba e prego), cujubim, mutum, jacamim, cutia, paca, tatu, jabuti, tucano, arara, etc. As armadilhas e armas de caça variam conforme o tamanho e o peso do animal, como local, estação do ano e quando há munição para o uso de armas de fogo.

Figura 08: Foto de animais de caça e de peixes de pesca Wai Wai



Fonte: VIA AMAZÔNIA, 2016.[13]

A partir do Calendário Socionatural, é possível fazer um mapeamento para criação de um calendário específico sobre as caçada, ferramenta que auxilia na identificação dos tipos e locais prósperos de caçadas dos Wai Wai do Jatapuzinho. Como é o exemplo da estação seca e a chuvosa, na qual a caça é feita na mata ou na beira de rios e lagos.

Os cachorros são vistos como um dos principais bens do indígena, especialmente para os Wai Wai que têm o costume secular de treinar cães de caça. Os cachorros são necessários, visto que auxiliam na caçada de animais de grande e pequeno porte, além de serem usados para a comercialização e troca.

Para finalizar este capítulo, três atores sociais trazem informações sobre como se comporta as caçadas Wai Wai. São eles: um estudante de direito Wai Wai, o presidente da MEVA e um zootecnista da FUNAI.

[13] Disponível em: http://revistaviaamazonia.blogspot.com.br/2016/01/costumes-e-cultura-da-tribo-wai-wai-em.html

4.6. A ATIVIDADE DE CAÇA WAI WAI

Os vários estudos sobre o processo de atividades produtivas do grupo indígena Wai Wai referem-se a carne abatida pela caça e aos apontamentos que levam a entender que: no passado, os Wai Wai adotavam o nomadismo como forma de organização social, aproveitando os recursos naturais da floresta (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008).

Como já dito, as principais unidades de recursos relacionadas à prática da caça são curso d'água (margens, barras e ilhas fluviais), fruteira e floresta. A atividade da caça Wai Wai é importantíssima para subsistência alimentar desse grupo, sendo a terceira mais importante; a agricultura é a primeira, a pesca ocupa o segundo lugar e, em quarto lugar, estão os alimentos obtidos na cidade (WEPAXI, 2018).

Num mapeamento do uso do território dos indígenas Wai Wai de Jatapuzinho, é possível afirmar que, além da prática das roças de mandioca e da pesca, permanece até os dias de hoje a prática das caçadas. A partir disso, é possível observar a região em que acontece a importante atividade:

> O território de caça Wai Wai se estende a uma zona bem maior que a dominada pela Agricultura. Seus limites básicos de perambulação permanente costumam ser referenciados pelos índios como sendo a serra do Curupira ao sul da aldeia e ao norte toda extensão que vai ao encontro da BR210. A leste, o território atinge o alto Jatapuzinho e regiões do baixo Girão. A jusante da aldeia, se estende até a foz do Jatapuzinho. Essa mesma zona também é considerada como área permanente utilizada pelo grupo para a pesca (SOUZA, 1998, p.174).

Sobre o território de caça, o Wai Wai Miguel, Wepaxi (2018) comenta: "Com o avanço do desmatamento, os animais se afastam, pois acabam as árvores que dá frutos bons para eles se alimentarem, em Jatapuzinho não tem caça boa parte do ano, tem que caçar distante".

Para Miguel Wepaxi (2018), um bom caçador Wai Wai se faz "através de habilidade, coragem e conhecimento dos locais frequentados pelos animais de caça, caçador tem que sair cedo para caçar, as 5:30 da manhã, pois os animais andam cedo, a partir das 10 da manhã se escondem. Durante a tarde das 14 às 15hs, a noite das 20hs, até de madrugada".

Dentre os estilos de caçadas, o Wai Wai Miguel Wepaxi descreve alguns com que teve experiência. A vivência a seguir é referente a um percurso à noite. Nas palavras do entrevistado:

> Eu caçava mais à noite sem cachorro. A noite a gente caça aonde não tem mais água, no igarapé seco, pois neles têm animais que vêm buscar e comer alguns bichos. É no Igarapé seco que a gente caça a noite, aí vem animal, tipo paca e tatu. A caçada de espera a noite é realizada com animais que tem mais costumes de viver no chão, pode ser tipo paca e tatu, para caçar a anta tem que subir uns 7 a 10 metros de altura na árvore para esperar ela (WEPAXI, 2018).

Ele também relata uma experiência com caçada na roça:

> Às vezes a gente caça nas roças a noite, pois as pacas vêm para comer mandioca, já o veado vem à noite na roça para comer as folhas, tipo folhas de batata, atrai muito o veado, então às vezes nós caçamos à noite quando observamos isso. Podemos dizer que há a caçada na roça Wai Wai também (WEPAXI, 2018) .

Em relação a caçada de atração, ele relata que: "a gente atrai o mutum, jacamim, cutia e macaco-aranha, assobiando e imitando seus sons, escondido" (WEPAXI, 2018).

Sobre as caçadas no Castanhal:

> O grupo de pessoas que vão quebrar castanha leva junto o cachorro, claro para proteger né, para latir e servir como um tipo de segurança. Então, cada pai de família leva o cachorro como segurança. A caça que nós consumimos na mata são os animais que passam no castanhal, como por exemplo o macaco passa e agente mata, para ter carne para o jantar e o almoço. Geralmente macaco prego, aranha e guariba. Ás vezes nós vamos encontrar o porcão queixada, matamos uns dois ou três, moqueia a carne e depois assamos, fazemos mesma coisa com os macacos. Consumimos também caititu, jabuti, de repente aparece um mutum de dia, aí nós acabamos caçando, Só matamos onça quando ela vem atacar a gente ou o nosso cachorro (WEPAXI, 2018).

Tradicionalmente, os Wai Wai comem macacos; no entanto, devido à pressão proveniente do contato com não indígenas, esse hábito tem se tornado mais restrito. A espécie de macaco mais apreciado é o *poroto*, utilizado como alimento durante o mês de junho. Esse é o momento em que ele está gordo (CANÇADO, 2003). Em relação ao que atrai esses animais para o castanhal,

> Os animais eles são muito curiosos, a cutia vem comer a castanha, ela é atraída quando assobiamos. Às vezes o grupo de família avisa que não vai poder trabalhar no dia pois vão caçar. Eles tiram o dia todo só para caçar mesmo quando não vão trabalhar, vão caçar para buscar carne para se alimentar (WEPAXI, 2018).

Sobre as armas para caçar utilizadas pelos Wai Wai, Eliane de Souza (2015) afirma que, por volta de 1950, homens Wai Wai se acostumaram a caçar usando espingardas; mas a autora acrescenta que, quando falta munição, os caçadores seguem usando arcos e flechas envenenadas. Antes de terem acesso à espingarda, eles dominavam várias técnicas para matar animais maiores, como por exemplo, a anta, que era capturada por meio de armadilhas e morta com pontas de flechas envenenadas com uma planta da mata. As armas utilizadas na

caça são geralmente a espingarda, o facão, o terçado, a lança e o arco e flecha. Os Wai Wai são exímios caçadores.

Quase todos os homens possuem uma espingarda com a qual praticam a caça; porém, quando há necessidade, eles utilizam o tradicional arco e flecha. Isso se dá devido ao barulho alto da espingarda, que espanta os animais de caça, e à carência de munição (CAIXETA DE QUEIROZ, 2004).

Ao ser introduzida a espingarda entre os indígenas, havia a expectativa de que houvesse aumento no número de abatimento de animais, mas isso não ocorreu. O mesmo ocorreu também na região do rio Negro, o que talvez se explique devido à dificuldade de acesso a munições (CABALZAR, 2010).

A partir dos relatos coletados dos entrevistados do povo Wai Wai é possível notar que não são utilizadas armadilhas para caçar animais, ocorrendo o uso delas apenas nas atividades da pesca.

Dentre as regras e valores relativos às caçadas Wai Wai, temos por exemplo

> Não chegar perto de mulher menstruada e gravida é utilizada ainda pelos caçadores mais antigos, atualmente utilizam se das regras como não poder urinar no local quando estiver esperando a caça, andar em silêncio, ter boa lanterna, não caçar quando a lua estiver mais clara, conhecer os locais dos animais e não passar perfume da cidade (WEPAXI, 2018).

A proibição de urinar no local de espera da caça e de usar perfume da cidade ocorre porque o animal sente o cheiro e se afasta do caçador.

Segundo o calendário socionatural elaborado para esta pesquisa, o clima em Jatapuzinho se define em duas estações marcadas: o inverno chuvoso e o verão seco. O melhor mês para caça é junho, durante o inverno, pois Jatapuzinho fica cercado por água. Já nos meses de novembro e dezembro são os piores, visto que é o momento em que “os rios abaixam” (WEPAXI, 2018). Caixeta de Queiroz (2014) afirma que o inverno, período das chuvas, é a estação em que há a maior abundância de presas, pois ao longo desse período os rios e igarapés estão cheios e formam-se ilhas fluviais que são abundantes em recurso de caça.

As divisões de trabalho em relação a caça se dão assim: o homem sai para caçar e a mulher cuida da preparação da carne. Os alimentos são consumidos, assados, moqueados ou em caldeiradas (CAIXETA DE QUEIROZ, 2004).

Um fato presenciado no complexo denominado Tarumã-Parukoto, onde se encontra a atual Terra Indígena Trombetas Mapuera, homologada em 2009, chama atenção. São os relatos sobre o encontro com etnias indígenas consideradas "isoladas" pela frente de atração no final do século XX e início do XXI, como os Karapawyana, que se juntaram aos Wai Wai. Foi observado que os Karapawyana não tinham acesso a instrumentos de metal e utilizavam arco e flecha para caçar, machado de pedra para cortar árvores e abrir roças. Isto nos faz refletir sobre as armas e estilos de caçadas que eram utilizados antes do processo de troca com os não indígenas e do uso de instrumentos de metal da modernidade.

Caixeta de Queiroz (2008) se refere aos indígenas encontrados pela frente de atração (composta da FUNAI, PPTAL e indígenas Wai Wai), os Karapawyana, como "isolados"; em contraponto, segundo a opinião do estudante de direito Wai Wai, Miguel Wepaxi (2018), "Não existe indígenas isolados, mas sim aqueles que são autônomos, que querem se locomover e viverem livres".

Sobre se a evangelização cristã, fenômeno que restringiu o uso dos conhecimentos tradicionais das caçadas Wai Wai, há duas entrevistas que carreiam posicionamentos bem diferentes. Uma fornecida por um Wai Wai, e a outra pelo presidente da MEVA.

Sobre a questão de a evangelização cristã ter inibido o uso dos conhecimentos tradicionais de caçadas Wai Wai, Miguel Wepaxi, afirma que

> Os conhecimentos tradicionais sobre as caçadas eram e ainda é utilizado mais pelos antigos, nós comemos muitos tipos de peixes e de caças, não tem proibição para comer, mas adorar os animais e fazer xamanismo com os animais isto acabou. Está proibido de fazer a brincadeira tradicional de ficar imitando os animais, pois isso é interpretado pelos pastores como uma adoração aos animais como no passado (WEPAXI, 2018).

Já o posicionamento do Presidente da MEVA sobre as restrições a conhecimentos tradicionais das caçadas Wai Wai, é o de que

> Nunca parei para pensar nisso em relação à missão evangélica, mas nunca teve restrições da evangelização bíblica, da alimentação dos animais, não tem nenhuma restrição. O que acontece na verdade em relação a caça é o que tem acontecido em todos os lugares, introdução de arma de fogo, mudanças de algumas técnicas de caçadas, no início eu vi isso pessoalmente com o outro grupo, é a extrema habilidade de saber os hábitos dos animais, das épocas, isso pode ser interessante para a sua pesquisa, o que vai enriquecer é o seguinte, é um ciclo muito visível de caça e pesca durante um período de chuvas, quando os rios sobem e a pesca diminui sensivelmente, é o período de caça maior, mais produtiva, e a razão disso é o ciclo da natureza, quando os rios estão baixos e que tem mais peixe, é a época de reprodução, principalmente de porco do mato, anta, mamíferos em geral, inclusive

> aves, é a época que eles estão se alimentando mais de peixe e quando os rios sobem que é também época de desova na Amazônia que se tem maior resistência à caça. Nunca houve uma relação direta de proibição ou de incentivo dentro desta sua pergunta. Outra coisa que a gente vê claramente são os tamanho das roças dos Wai Wai, geralmente grande, ao contrários de outros, fazendo uma relação. Talvez no livro "o Pajé de Cristo", você vai ver a história de Ewká com o porco do mato, tem uma história comprida sobre (SOBRINHO, 2018).

Analisando os dois posicionamentos, é possível notar que Miguel Wepaxi problematiza o fato de que os conhecimentos tradicionais são seguidos apenas pelos antigos e que parte das brincadeiras, como brincar de imitar animais, foi restringido pelos pastores que entendiam que estão adorando os animais, visto que nas práticas xamânicas Wai Wai existiam os cantos de adoração aos animais. O presidente da MEVA, Milton Sobrinho, argumenta sobre a questão da caça dando importância a subsistência, dizendo que nunca houve restrições diretas impostas as caçadas Wai Wai e, demais, elogia a habilidade e conhecimento Wai Wai. Ele reforça seus argumentos dizendo para buscarmos o entendimento do posicionamento religioso, indicando o livro "O pajé de Cristo", que foi estudado e trabalhado nessa dissertação.

Juvino Alba, zootecnista da FUNAI, afirma, sobre as caçadas Wai Wai, que

> Pelo que a gente tem acompanhado caça é mais subsistência, toda caça que eles trazem é em função de suprir a questão da alimentação deles, tanto que quando eles vão para o castanhal eles não levam carne, eles usam a caça como fonte de alimento, proteína animal, nesse processo que a gente acompanha tem uma planilha dos materiais que eles levam e usam para a alimentação e a carne não entra nessas relações, toda ela da extração da caça. A questão de Jatapuzinho eles tem uma oferta muito grande de peixes, é diferente dos Wai Wai que tem a piscicultura que seus rios não tem tantos peixes (ALBA, 2018).

Quanto a questão da segurança alimentar entre os Wai Wai do Jatapuzinho:

> Acredito que sim, no Jatapuzinho eles têm abundância de caça, não tem problema de alimentos até mesmo pela pressão com a caça não ser grande, porque eles produzem outros alimentos, eles têm uma produção muito grande de alimentos. Hoje com a produção da castanha e da farinha e o acesso a cidade eles tem comprado muitos alimentos da cidade, tem comprado frango, devido a isso a pressão tem sido menor em cima da caça (ALBA, 2018).

Juvino Alba afirma que os Wai Wai caçam exclusivamente para a sua subsistência e que possuem grande produção agrícola em suas roças. Ele completa afirmando que em Jatapuzinho não há problemas de pressão com as caçadas e destaca que, com a venda da castanha e da farinha, atividades que criam acesso às cidades, os Wai Wai tem consumido mais alimentos industrializados.

Comparando as caçadas feitas na região próxima a Jatapuzinho com outras feitas em regiões mais distantes, Miguel Wepaxi comenta:

> A realidade é que em Jatapuzinho não tem mais caça, se confirma entre os caçadores por exemplo se há animais caça por exemplo na região ou próximo a uma determinada comunidade, daí combinamos de ir caçar lá. Tem regiões próximas ao Pará que tem animais de grande porte, que tem muitas cobras, inclusive uma cobra com patas parecido com um dragão que comentam que soltam raio pela boca, perigoso, amigos meus já viram, eu já escutei na mata o barulho dele, não cheguei a vê-lo, a gente não invade território de alta florestas e serras que tem onça grande, a gente não aguenta, é problemático matar que quando vai atirar ela levanta alto, pesado e vem pra cima, a gente não invade esses territórios (WEPAXI, 2018).

Miguel Wepaxi afirma que não há animais de caça em Jatapuzinho, que eles se encontram mais distantes e que quando um grupo de caçadores avista os animais, combinam de ir caçar no local. Comentou também sobre locais perigosos na floresta dentro da T.I. Trombetas Mapuera, próximo do Pará, onde há uma área de floresta densa que tem animais de maior porte que não são fáceis de enfrentar. Um fato curioso presente em relatos Wai Wai é a história de uma serpente mística, com patas parecidas com um dragão e que solta raio pela boca (*urpere*[14]) e que vive nessa região de floresta densa. Mito ou realidade?

Na próxima parte deste capítulo, a pesquisa foca na atividade de caça dos Wai Wai, utilizando como método o calendário específico e as explicitações para tornar possível uma melhor identificação dos conhecimentos indígenas Wai Wai sobre a atividade.

4.7. CALENDÁRIO ESPECÍFICO DE CAÇA WAI WAI

Os dados apresentados nessa seção foram colhidos por meio de entrevistas feitas na cidade de Boa Vista-RR, com três indígenas experientes, caçadores e maiores de 18 anos, com o fim de estruturarmos o "Calendário Específico de caça Wai Wai" e fazer as explicitações de suas atividades: Renato Pereira (35 anos), Geraldo Silva (61 anos), Miguel Wepaxi (31 anos). Essas entrevistas trataram sobre os conhecimentos de caçadas dos Wai Wai: os animais, técnicas e estilos de caçada e, ainda, sobre o cachorro de caça.

O calendário específico de caça Wai Wai em relação ao calendário socionatural geral vem destacar a atividade de caça, que é uma das maiores atividades de subsistência deste povo. Como o objetivo geral trabalhei com o calendário geral para apresentar e analisar as

[14] Serpente mística que supostamente matava pessoas (HAWKINS, 2002, p.52).

principais atividades gerais e de subsistência da comunidade Jatapuzinho na organização de seu território, pois neste a atividade de caça é um coadjuvante. Já na elaboração de um calendário específico a atividade de caça se torna protagonista, servindo como objetivo específico, para entendermos detalhadamente, como se organiza em relação aos animais, aos estilos de caçada, armas utilizadas, local e o clima relacionado ao mês e a estacão do ano.

Passamos a entender o território Wai Wai através de sua organização sobre a relação sociedade natureza onde a estação do ano e o clima determina á época certa de derrubar, secar a vegetação, queimar e plantar mandioca, pescar com mais sucesso no verão. Já em relação a caça nota-se uma abundância maior na estação chuvosa em que Jatapuzinho fica ilhada, com isso os animais ficam cercados pelas águas, e em outros períodos precisam ir distantes da comunidade para caçar.

Analisar para compreender as caçadas é descobrir como através da atividade social os Wai Wai de Jatapuzinho se organizam no presente em relação aos animais e a sua subsistência alimentar, administrando conhecimento, técnica, habilidade, conhecimento da paisagem, seguimento de regras com atenção para não desperdiçar munição e obter sucesso, pois o bom caçador é sempre bem visto em sua comunidade. Para descrevermos e analisarmos melhor, no calendário específico de caçadas Wai Wai destacamos:

01-a sequência lógica ou passo a passo das atividades de caça;

02-a identificação dos diferentes animais de caça, os estilos de caçadas, as armas utilizadas, o local e o clima, durante os 12 meses do ano.

03-tabela de atividade de caçadas

04- análise da sequência lógica de ações de cada uma dessas etapas.

Tabela 08: Calendário Específico de Caça Wai Wai do Jatapuzinho de 2018

Atividade / Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro (Mês de pouca caça)	Dezembro (Festejo, tem de ir distante para caçar)
Animais de caça	-Peixe -Anta -Porcão -Nambú -Jacamim -Cutia -Paca -Tatu -Mutum	-Peixe -Anta -Porcão -Nambú -Jacamim -Cutia -Paca -Tatu -Mutum	-Macaco Ara-nha (pouco) -Anta (muito) -Porco do Mato -Cutia	-Arara -Tucano -Macaco Guariba e Aranha -Veado -Cutia -Catitu	-Macaco -Catitu -Porco do Mato -Paca	-Macaco -Catitu -Cutia -Jacamim -Mutum	-Macaco Aranha -Cujubim -Papagaio -Arara -Paca -Catitu	-Veado -Anta -Porco do Mato -Macaco Prego	-Macaco Prego -Veado -Porco do Mato	-Mutum -Anta -Porco do Mato -Camaleão	-Paca -Tatu -Anta	-Mutum -Anta -Jacaré -Porco do Mato
Estilo de caçada	Pesca com timbó - De espera a noite - De percurso com o cachorro de dia	-Pesca com timbó - De espera a noite - De percurso (com o cachorro de dia)	-Atração (imitar a Anta, perto do rio a noite) -Percurso (com o cachorro de dia)	-Percurso (para caçar aves) -Atração (Imita o som do macaco aranha) -Percurso (Caçada sem o cachorro	-Percurso -Tocaia no Castanhal - Matar na ilha	-Percurso (de dia, com o cachorro -Tocaia (Espera) -Melhor mês de caça	-Percurso (de dia, com o cachorro) -Espera (a noite, tocaia, para caçar Paca, sem cachor-ro)	Percurso dia, com o Cachorro -Percurso a noite sem cachorro	-Percurso de dia, com cachorro -Espera a noite, sem cachorro -Atração, imitação ao Macaco Prego	-Espera (Tocaia) - Atração - De dia caça com o cachorro e a noite sem	-Falta de Caça -Tem de ir longe - Percurso -De dia (cachorro) - A noite (sem cachorro	-Percurso -Atração -Espera (Tocaia) -De dia (cachorro) - A noite (sem cachorro)
Arma	-Espingarda -Arco e Flecha	-Espingarda -Timbó -Arco e Flecha	-Espingarda	-Espingarda -Arco e Flecha	- Espingarda	-Espingarda -Arco e Flecha	-Espingarda -Arco e Flecha	-Espingarda -Arco e Flecha	-Espingarda -Arco e Flecha	-Espingarda -Arco e Flecha	-Espingarda	-Espingarda
Local	-Fundo da Floresta -Beira do Rio	-Fundo da Floresta -Beira do Rio	-Perto das árvores frutíferas	-Fundo da Floresta (arara e macaco) -Beira do Rio (veado, cutia e catitu)	-Fundo da Floresta -Buritizal -Flores -Beira de Rio -Perto de árvores frutíferas	-Fundo da Floresta -Comunidade do Jatapuzinho fica cercado de água -Castanhal	-Fundo da Floresta -Beira de Rio (Cujubim) -Castanhal	-Fundo da Floresta -Beira do rio (macaco prego)	-Fundo da Floresta -Beira de Rio -Próximo a Árvore	-Perto do Rio -Fundo da Floresta	- Rio acima e rio a-Baixo -Perto do Rio -Fundo da Floresta -Pouca caça	-Tem de ir distante para caçar -Rio acima -Rio abaixo
Clima	-Verão Seco	-Verão Seco	-Final do Verão	-Inverno, início das chuvas	-Inverno -Chuvas	-Auge do Inverno e das Chuvas	-Inverno -Chuvas	-Final do Inverno e das chuvas	-Início do Verão	-Verão -Rio diminui -Clima seco	-Verão -Tempo seco	-Verão -Tempo seco

Fonte: WEPAXI, 2018; PEREIRA, 2018.

Segue abaixo as explicitações quanto aos tipos de atividades de caçadas utilizados pelos Wai Wai da comunidade de Jatapuzinho-Caroebe/RR, para entendermos através da análise as caçadas com suas estratégias, quem realiza, o tempo destinado para que serve e as armas utilizadas, o resultado e as regras seguidas para se ter sucesso nas caçadas, para resultar na relação social familiar e de vizinhos.

Tabela 09: Atividade de Caçadas

Atividade ou Trabalho	**Caçadas**
Quem realiza?	-Homem
Tempo Destinado?	-Dependendo da estação e o tipo de caçada, de um dia ou até cinco dias.
Para que serve?	-Alimentação -Artesanato -Comércio
Ferramentas, Materiais	-Arco e Flecha -Espingarda
Qual é o resultado?	-O caçador deve sair cedo para caçar, como por exemplo às 5:30hs da manhã. -Traz caça para dividir com a família e vizinhos
Regras	-Andar em silêncio -Conhecer os locais dos animais -Lua Clara é ruim para caçar -Não passar com a caça perto de locais com urina -Não urinar quando estiver esperando a caça -Não passar perfume da cidade -Regras e valores são usados pelos caçadores mais antigos

Fonte: WEPAXI, 2018.

Na próxima tabela estaremos descrevendo os estilos de caçadas, passo a passo, para entendermos as habilidades técnicas do caçador para conseguir ter acesso e sucesso através da junção da ação e conhecimento Wai Wai que define a relação sociedade natureza.

Tabela 10: Estilos de caçadas - Passo a Passo

AÇÃO	**CONHECIMENTO WAI WAI**
Percurso de dia	-Com cachorro, cerca o animal
Percurso a noite	-Sem cachorro, com lanterna
Espera (Tocaia)	-Durante a noite com lanterna
Atração	-Anta, macaco aranha, mutum, jacamim e cutia (imitação)
Caçada no Castanhal	-Coleta da Castanha -Cachorro (segurança e proteção) -Espera (Tocaia)
Caçada na Roça	- A noite as pacas e veados vem comer flores e mandioca
Caçada de dentro do Barco	-Espingarda ou Arco e Flecha -De noite com lanterna
Caçada com o Cachorro	-9 meses o cachorro inexperiente acompanha o experiente -Entre 1 ano a 1 ano e meio começa a caçar -Passa-se veneno de rã ou cebola no faro, para apurar -a onça enxerga de longe e mata cachorros brancos e marrom avermelhado - O Cachorro da caçada ficar sempre com uma parte da carne da caça.

Fonte: WEPAXI, 2018.

Notamos na tabela os conhecimentos relacionados a caçar de percurso durante o dia com o cachorro e durante a noite com lanterna, a de tocaia durante a noite sem lanterna, caçada no castanhal e na roça em que os animais se atraem por flores ou mandioca, caçada de dentro do barco com arco e flecha ou espingarda a noite e a importância do cachorro para caça, a idade para ele se tornar um caçador, a durabilidade para se caçar e os cuidados com a sua cor do pelo e com o faro para conseguir encontrar os animais de caça. No entanto passamos a analisar os animais de caça importantes para a dieta dos Wai Wai de Jatapuzinho.

4.8. ANIMAIS DE CAÇA

Conforme o porte do animal e espécie, se desenvolve um tipo de estratégia de caçada, armadilha ou arma de caça. Como já identificado, os Wai Wai tem o costume de utilizar a armadilha apenas para a pesca e não para as caçadas.

Dentre os animais de caça, o macaco, a arara, o camaleão, o mutum e a anta estão diminuindo nos últimos anos, já não sendo possível encontrá-los nas proximidades da aldeia, o que era comum na época em que ela foi fundada (SOUZA, 2015). Elaine de Souza (2015) relata a sua preocupação em relação à caça de animais, visto que a cutia e os macacos, por exemplo, já são animais que se encontram em processo de extinção e são fundamentais para a floresta.

O período em que as caçadas mais se destacam em Jatapuzinho é durante as festas religiosas, sendo elas a páscoa e o natal. Os caçadores saem em busca de alimentos distante da aldeia, o que faz com que essa atividade dure de cinco a sete dias (SOUZA, 2015, p.75).

O Wai Wai Renato Pereira, diretor da escola de ensino fundamental e médio do Jatapuzinho, concedeu uma entrevista para a realização dessa pesquisa. A entrevista aconteceu na cidade de Boa Vista em 2018. Na ocasião, ele disse que está sempre instruindo os alunos a caçar somente o necessário, pois: "seria ótimo os Wai Wai terem um controle melhor com os animais de caça, como os Waimiri Atroari, pois é necessário estar pensando sempre nas novas gerações" (PEREIRA, 2018).

A partir das entrevistas com os três indígenas Wai Wai, caçadores experientes e maiores de idade, estruturamos uma tabela que contém as seguintes informações: principais tipos de animais de caça consumidos pelos Wai Wai, a maneira como é realizada a divisão de trabalho entre homens e mulheres na atividade da caça, as armas utilizadas pelos caçadores e o objetivo da atividade.

Notamos que a caça é um meio de subsistência alimentar e de consumo econômico. Animais de pequeno, médio e grande porte são usados para a alimentação, assim como as aves são utilizadas como alimento e suas penas servem para produzir artesanatos para vender. Os répteis (jacaré e cobra), segundo os Wai Wai, são caçados para a alimentação como os animais mamíferos (onça, ariranha e a lontra). É importante ressaltar que o comércio de pele desses animais é proibido e não é praticado nos dias atuais. No entanto, segue tabela abaixo a explicitação de animais de caça, divisão de trabalho, armas e objetivos da atividade dos Wai Wai de Jatapuzinho.

Tabela 11: Animais de caça, divisão de trabalho, arma e objetivos da atividade das caçadas Wai Wai

Animal de Caça	Divisão de trabalho	Arma	Objetivo da atividade
Macaco: Aranha, Prego e Guariba	Homem: Caça Mulher: Prepara (Moqueia e assa)	-Flecha com veneno -Espingarda (mais frequente -Atrair, se esconder e atirar	-Alimentação
Cutia	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Arco e Flecha -Espingarda	-Alimentação
Porco do Mato	Homem: Caça Mulher: Prepara (Moqueia e assa)	-Lança -Arco e Flecha -Espingarda (atirar a 20 metros de distância) -Matar os últimos que passam	-Alimentação
Paca	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Arco e Flecha -Lança -Espingarda	-Alimentação
Catitu	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Arco e Flecha -Lança -Espingarda	-Alimentação
Veado	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Espingarda	-Alimentação
Anta	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Espingarda -Arco e Flecha -Se esconder contra o vento	-Alimentação
Jacaré **Cobra**	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Arco e Flecha -Espingarda	-Alimentação -Vendiam a pele para comprar arma de fogo, atualmente é proibido
Onça **Lontra** **Ariranha**	Homem: Caça e prepara	-Espingarda	-Alimentação -Vendiam a pele para comprar arma de fogo, atualmente é proibido
Arara	Homem: Caça Homem e Mulher fazem artesanato	-Arco e Flecha -Espingarda -Come fruto debaixo da árvore, escolhe e atira	-Fazer artesanato com as penas e vender
Mutum	Homem: Caça Homem e Mulher fazem artesanato	-Arco e Flecha	-Fazer artesanato com as penas e vender - Alimentação
Jabuti	Homem: Caça Mulher: Prepara	-Sufocando -Arco e Flecha -Espingarda	-Alimentação

Fonte: SILVA, 2018; PEREIRA, 2018; WEPAXI, 2018.

Como complemento segue a explicitação de técnicas para caçar alguns animais, segundo o Wai Wai Miguel Wepaxi (2018):

Tabela 12: Técnicas para caçar alguns animais, segundo a experiência do caçador Wai Wai

Animal de caça	Técnica
Macaco	Você tem que se esconder, imitar, atrair, e se esconder debaixo da árvore, pois eles vem comer frutas embaixo da árvore, você escolhe o espaço e atira.
Arara	Quando as araras vêm comer fruta embaixo da árvore, você escolhe um espaço mais limpo e atira.
Veado	Não tem atração, atira quando ele levanta, e quando ele se locomover, o caçador tem que ter técnica para atirar, não pode desperdiçar munição da espingarda.
Porcão do mato	Tem que tomar muito cuidado, pois eles são agressivos e atacam, tem que atirar numa distância de 10 a 20 metros, geralmente matam os últimos da manada que passa.
Anta	Ela é caçada por atração, assobiando, imitando ela, a noite e de dia tem que se esconder contra o vento, se não ela percebe.

Fonte: WEPAXI, 2018.

Observamos, portanto, que para cada animal há uma técnica particular para obter sucesso no tipo específico de caçada, seguindo a experiência prática do conhecimento indígena. No próximo item tratarei sobre a importância do cachorro nas caçadas e na segurança dos Wai Wai.

4.9. CACHORROS CAÇADORES

O cachorro é um precioso bem dos Wai Wai, visto que este povo possui costumes seculares de treinar e caçar com ele. São necessários para auxiliar nas caçadas de animais de grande e pequeno porte, na segurança através do seu latido, assim como também são usados para a comercialização e troca quando necessário.

Os Wai Wai são reconhecidos como especialistas em adestrar cães para caça. Adestram cães para diferentes tipos de perseguições e captura de animais, variando entre animais de grande e pequeno portes, pois:

> O adestramento agrega valor econômico ao animal que passa a ser visto pelos outros como produto de um eficiente trabalho de adequação do animal às necessidades de seus donos, isto é, está pronto para contribuir economicamente, e é um coadjuvante na busca de alimentos para o local. O animal pode ser trocado ou envolvido em negócios que compreendem desde a aquisição de canoas, até armas ou ferramentas produzidas pelos brancos (SOUZA, 1998, p.143).

Para o Wai Wai Miguel Wepaxi:

> O treinamento de cachorro de caça se dá por nove meses, tempo em que o cachorro inexperiente acompanha o experiente, entre um ano a um ano e meio o cachorro que passou pelo aprendizado começa a caçar. Para de caçar depois dos dez anos de vida. Em alguns momentos os cachorros em treinamento ficam com medo e acabam falhando, como no caso da caçada ao porcão, acabam o matando, o cachorro treinado late e sobe alto na árvore, os novos falham em treinamento, se machucam por causa do porcão (WEPAXI, 2018).

Os cachorros desempenham a função de ajudantes na caça dos Wai Wai e avisam quando há algum animal ou humano se aproximando através do latido. Os mais novos acompanham os mais experientes para aprender. Desde a primeira vez que os Wai Wai foram reconhecidos e relatados por viajantes em expedição científica a serviço da europa no século XIX, os cachorros são reconhecidos nestes escritos como um bem precioso de troca e de auxílio a caça (RIVIÈRE, 2001; HOWARD, 2002).

Dentro de regras para obter um bom desempenho do cachorro na caça:

> Tem cachorros que treinam, passam algum produto da mata no focinho deles, é uma folha que tem um cheiro forte, tipo cebola e também costuma-se passar veneno da rã da mata, não é qualquer tipo de rã, passa se veneno da rã no focinho do cachorro de apurar o seu faro para caçar e evitar caçar com cachorro de cor branca e marrom avermelhada, pois a onça vê de longe e mata (WEPAXI, 2018).

Como se depreende, são utilizadas folhas da natureza para melhorar o faro do cachorro durante a caça, sensibilizando-o para sentir o cheiro da urina de outros animais. É costume dos Wai Wai sair para caçar na floresta e no castanhal com cachorros da cor preta, mais escuros, para animais de grande porte. A onça, por exemplo, não os enxerga à noite e de longe. Wepaxi complementa: “quando os cachorros que têm uma boa performance são recompensados através de um pedaço da carne que ajudou a conseguir para nós. Ele se alimenta muito bem, depois da caçada, deita e descansa” (WEPAXI, 2018).

Quanto ao tempo de vida do cachorro em que ele está apto para caçar e os cuidados para a sua durabilidade:

> Em dois anos o cachorro fica grande, em um ano e meio na verdade ele já fica fera. Depois que fica velho não serve mais, caça até mais ou menos os dez anos de idade, chega até isso quando o dono cuida bem né, senão morre rápido. Alguns caçadores cuidam muito bem dos cachorros, eles lavam muito bem (WEPAXI, 2018).

O bom tratamento e o cuidado com o cachorro é fundamental para a sua utilidade como fiel companheiro de caçadas. Através da análise feita ao longo desta pesquisa, chegamos ao dado de que os Wai Wai têm o hábito de caçar com cachorro durante o período da manhã e da tarde. Entre os povos indígenas, os Wai Wai são conhecidos no estado de

Roraima como a etnia que tem os melhores cuidados com os cachorros, porque eles são valiosos para a sobrevivência na natureza. Neste sentido, a seguir, é feita uma reflexão sobre a relação sociedade e natureza para os Wai Wai.

4.10. SOCIEDADE NATUREZA

Considerando que os Wai Wai têm uma relação direta com a natureza, esta pesquisa analisa as atividades sociais da comunidade. Isto é feito através do entendimento de como os moradores da comunidade Jatapuzinho organizam seu tempo, bem como através das características do espaço que ocupam e de suas necessidades Partimos, portanto, dos indicativos-base para organizar as atividades diárias da comunidade, das mais específicas para as mais grandiosas, sejam elas individuais ou coletiva.

Como orientação, esta pesquisa utiliza o Método Indutivo Intercultural apresentado por Jorge Gasché (2008), o qual organiza os conhecimentos a partir da vivência, das situações concretas do cotidiano dos indígenas de sua relação com a natureza.

Parte-se do pressuposto de que há uma indissociabilidade entre sociedade e natureza, relação que se evidencia nas atividades humanas conjugadas nas pesquisas colaborativas, na identificação das atividades sociais e no fazer das atividades (REPETTO; SILVA, 2016, p. 45). Isto explica o conceito *sociotureza* e a importância através dos conhecimento dos Wai Wai sobre as atividades desenvolvidas.

O estudo das atividades de subsistência, assim como dados etnográficos sobre a caça, a religião, e a história dos Wai Wai, desenvolvidos neste trabalho, são muito ricos e interessantes para alimentar uma reflexão sobre a relação sociedade e natureza e sobre a gestão de território de uma forma mais ampla, visto que é uma abstração das visões de mundo Wai Wai sobre a natureza.

Após ter analisado as atividades sociais e a relação entre sociedade e natureza dos Wai Wai de Jatapuzinho, “podemos pensar en las “actividades humanas” como categorías de análisis para comprender este complejo proceso de apropiación del mundo, pues por medio de ellas se transforma la naturaleza y la cultura se manifiesta” (REPETTO; CARVALHO, 2015,

p.52)[15]. A manifestação cultural se transforma e se apropria a sua maneira em relação a utilização dos recursos naturais trabalhados pelos indígenas da Amazônia, como Jorge Gasché e Napoleón Vela (2012) salientam:

> La estructura de las *actividades* contiene el proceso vivencial y social — flujos de materia, energía e información— que la fuerza humana realiza en el medio natural, entendido como totalidad de las disponibilidades de recursos naturales (labiodiversidad)y de su funcionamiento eco-sistémico, eventualmente modificado por el ser humano (GASCHÉ; VELA, 2012, p.117)[16].

Por meio do manejo de roça, ocorre a transformação da natureza, onde percebemos cuidado e preservação com a natureza. No entanto "la sociedad se relaciona con la naturaleza mediante diversas herramientas de transformación, mientras que la cultura es el resultado de esta mediación" (REPETTO; CARVALHO, 2015, pp.52-53)[17].

Comparando com o sistema tradicional de manejo roça da floresta maia, tirado do livro "The Maya Forest Garden", através da mediação cultural, observamos que, em se tratando do problema da compatibilidade da agricultura e da floresta, é possível constatar "como qualquer sistema agrícola, esse sistema de roça perturba o ambiente natural, mas que segundo estudos, demostram que uma floresta tropical trabalhada de forma integral, permite a recuperação e a sustentabilidade" (FORD; NIGH, 2015).

Ratificando melhor o conceito de cultura na prática social em relação a natureza baseado em Jorge Gasché (2008):

> Propõe uma perspectiva sintática do conceito de cultura, o que deve ser compreendido como uma visão integrada do ser humano com o mundo, onde a cultura é o resultado da ação do ser humano, e ainda considerando a relação com a natureza (REPETTO; SILVA, 2016, p.45). É uma perspectiva baseada na prática social e processual da atividade humana comunitária (GASCHÉ 2008; GASCHÉ; VELA, 2012).

Através da análise da relação sociedade natureza, e partindo das atividades sociais, é possível fazer o levantamento das necessidades dos Wai Wai. Por exemplo: com as mudanças devido às estações do ano, pode-se constatar a existência de um determinado estilo de

---

[15] Tradução livre do autor: "podemos pensar nas "atividades humanas" como categorias de análises para compreender este complexo processo de apropriação do mundo, pois por meio delas se transforma a natureza e a cultura se manifesta" (REPETTO; CARVALHO, 2015, p.52).

[16] Tradução livre do autor: A estrutura das atividades consiste no processo experiencial e social - fluxos de matéria, energia e informação - que a força humana realiza no ambiente natural, entendido como a totalidade das disponibilidades de recursos naturais e seu funcionamento ecossistêmico, possivelmente modificado pelo ser humano (GASCHÉ; VELA, 2012, p.117).

[17] Tradução livre do autor: "A sociedade está relacionada à natureza por meio de diversos instrumentos de transformação, enquanto a cultura é o resultado dessa mediação" (REPETTO, CARVALHO, 2015, pp.52-53).

atividade, senão também as suas demandas, algumas delas relacionadas a economia, como o comércio com a castanha, farinha e os artesanatos.

Iniciei esta dissertação com um breve histórico sobre os Wai Wai para localizar as transformações e mudanças no tempo e espaço que esse povo indígena passou, para na sequência entrar no contexto atual. Após isso, foram analisadas as atividades sociais de subsistência como agricultura, pesca, caça, frutas, coleta da castanha e o comércio. Depois, foi feita uma revisão sobre cultura e natureza, através do calendário socionatural para, então, focar no tema específico: uma revisão etnográfica sobre a caça. Trazendo, portanto, elementos que tinham a função de esclarecer o tema, juntamente com o calendário específico das caçadas Wai Wai. Todas estas partes do trabalho foram essenciais, pois a caça está relacionada a todas elas, tanto de maneira geral, como específica.

A atividade das caçadas é importantíssima para a sobrevivência Wai Wai e um dos indicativos importantes disso é o uso da proteína que ela traz para a alimentação. Dentre os animais caçados, constatamos que são necessários para a sobrevivência, visto que são usados para consumo próprio na maioria das vezes. As penas de aves são utilizadas na confecção de artesanatos.

Notamos que, com a construção da hidrelétrica de Jatapu, os animais de caça se distanciaram das comunidades Wai Wai mais próximas. Também afetou a qualidade da água. A questão da energia elétrica é um grande desafio aos Wai Wai e a necessidade fez com que pensassem em alternativas mais econômicas, como a energia solar.

Os Wai Wai passaram por constantes transformações como a evangelização, a implementação da escola, invasões diversas, o avanço da estrada BR210, a construção da hidrelétrica e a demarcação do seu território. É um povo que com muita luta e organização sobrevive e se adapta a sua maneira.

Atualmente, junto com outras associações do movimento indígena do Estado de Roraima, os Wai Wai estão dentro do debate em defesa da preservação dos direitos indígenas. O território está em alerta devido a ascensão do conservadorismo e a posse de um governo brasileiro de extrema direita, que em campanha política deixou claro que pretende tomar medidas que facilitem ao produtor rural e às empresas mineradoras no acesso às terras indígenas, assim como pretende rever processos demarcatórios. As lideranças indígenas de

Roraima têm se reunido, se organizando e se posicionando para que seja respeitada a Constituição Brasileira e a natureza, pois o impactos causados no meio ambiente prejudicam muito os indígenas e todo o planeta Terra.

Portanto, ressalto a importância deste trabalho para as novas gerações, visto que este se propõe a alertar para os cuidados com o ecossistema e o desafio da luta pelos direitos indígenas, relacionado aos impactos de grandes projetos de desenvolvimento, como por exemplo, o avanço de estradas, ampliação da hidrelétrica e tentativas de invasões por parte de garimpeiros e fazendeiros.

5. CONCLUSÃO

Este estudo foi concluído com a finalidade de refletir sobre como se dá a atividade das caçadas do povo indígena Wai Wai da comunidade de Jatapuzinho/Caroebe-RR, sempre em relação a natureza.

Para uma melhor compreensão, todo o trabalho se baseia em diálogos e entrevistas concedidas por três indígenas Wai Wai, que possuem larga experiência na atividade das caçadas, demostraram conhecimento no tema, além da importância dos costumes aos cuidados com a natureza que deve ser passado as novas gerações e de dois agentes, sendo o primeiro presidente da MEVA, que defendeu os avanços a qualidade de vida que a evangelização cristã trouxe aos Wai Wai e segundo um zootecnista da FUNAI os Wai Wai de Jatapuzinho não exercem forte pressão sobre a caça, ambos com um bom tempo de relacionamento com este povo. Todas as entrevistas foram feitas em Boa Vista, Roraima.

As análises e debates foram feitos através da explicitação do conhecimento indígena e de profissionais que trabalharam com eles, contando com o empenho extraordinário dos entrevistados e com o apoio teórico de Jorge Gasché (2008), através do M.I.I e da Teoria da Atividade de Lev Vygotsky (1991), aliados ao conhecimento humano. Isso tornou possível trazer à luz a muitos fatos passados e presentes sobre o assunto.

Os Wai Wai e suas relações com a natureza frente às pressões do século XXI, se encontram passando por muitas modificações. É importante ressaltar também que eles estão se organizando cada vez mais através de reuniões e assembleias para reivindicarem seus direitos juntos a sociedade estadual e nacional, procurando entendimento junto de todas as lideranças das comunidades Wai Wai. Sabem que lutando juntos são mais fortes.

Na comunidade aqui estudada, que é a de Jatapuzinho, tem uma igreja, uma escola de ensino fundamental e médio e uma unidade básica de saúde. Eles vivem de forma equilibrada, produzindo artesanato, farinha, coletando castanha e vendendo para sobreviver além de seus meios de subsistência, principalmente pelos altos custos da gasolina e do óleo de dois tempos que muito usam para navegar e se locomover nas longas distâncias entre as comunidades. Tendo acesso, portanto, a natureza, as cidades e vilas que precisam ser percorridas e ao uso de gerador de energia na comunidade.

Os principais meios de subsistência em relação a alimentação vem na ordem com a roça, pesca, caça, fruta e alimento da cidade. Há sempre tempo certo para cada atividade, pois estão relacionadas as estações do ano - o inverno chuvoso e o verão seco.

Como estratégia, neste trabalho, iniciei com um panorama geral relacionado a natureza, para podermos entender onde se encaixa o tema específico das caçadas na subsistência alimentar dos Wai Wai.

A delimitação que me propus a entender no espaço-tempo de um ano sobre a atividade das caçadas, nos deu acesso ao entendimento de muitos conhecimentos e práticas indígenas, sendo fundamental a utilização de técnicas para determinados estilos que variam de acordo com o porte e espécie de cada animal.

Verificamos no capítulo específico sobre a caça, os conhecimentos tradicionais indígenas sobre o caçador, os tipos de armas, as regras, os estilos de caçadas e o xamanismo existente em relação às caçadas, para reforçar teoricamente o conhecimento específico do tema.

Por último, através das entrevistas com três caçadores Wai Wai montamos o calendário específico de caça Wai Wai de Jatapuzinho, aliado às explicitações do passo a passo da atividade social da caça. Com isso, conseguimos localizar dentro dos 12 meses do ano a definição específica quanto ao estilo de caçadas, armas utilizadas, regras e animais que são tradicionalmente são caçados.

Demais, notamos que os caçadores Wai Wai de Jatapuzinho têm que sair para locais distantes da comunidade para caçar e que, dependendo da época do ano, possuem abundância de caça; também notamos que apresentam na educação familiar e escolar preocupações com as novas gerações que estão sendo instruídas desde cedo, que a MEVA não interfere diretamente nas caçadas e que não exercem na região forte pressão sobre a questão das caçadas.

Além da sua subsistência, os Wai Wai lidam com as pressões em relação a natureza no Século XXI. Ainda hoje permanece o debate na questão da energia elétrica, sobre a melhoria de acesso a estradas, os mantimentos dos acordos constitucionais como a demarcação e homologação de Terra Indígena e de defesa de ameaças de invasões diversas.

A discussão relacionada ao aumento da estrada BR210 se dá porque por um lado para os indígenas é importante ter um maior acesso ao comércio, principalmente para venda da castanha e locomoção dos pacientes que necessitam irem para hospitais nas cidades. Entretanto, por outro lado, também facilitaria as diversas formas de invasões por parte de madeireiros, garimpeiros, pescadores, caçadores e fazendeiros. Sendo, portanto, esta uma questão bastante complexa de ser solucionada entre as principais lideranças Wai Wai e a sociedade nacional.

Quanto a energia na comunidade, ainda são utilizados geradores de luz, pois os Wai Wai de Jatapuzinho não foram contemplados com energia elétrica mesmo com a duplicação da capacidade de geração de energia da hidrelétrica de Jatapu, feita pelo governo do Estado de Roraima. Os Wai Wai também buscam novas alternativas para não ficarem dependentes do estado devido o alto custo do combustível, como o uso da energia solar, forma de geração de energia menos impactante para a natureza

A escola da comunidade necessita manutenção estrutural e mais apoio do Governo do Estado. Conta com um corpo docente formado por professores Wai Wai, que todo ano vem formando alunos em nível fundamental e médio que continuam seus estudos em universidades no Estado.

Outro fator importante é que nesta pesquisa foi mapeada a forma como os Wai Wai vêm se organizando e se agrupando no seu extenso território ao longo dos anos. Territórios nos quais, através do contato, houve muitos problemas de invasões e de epidemias. A invasão de remédio alopático acabou substituindo as práticas tradicionais xamânicas e até hoje os Wai Wai são evangélicos Cristãos, algo que escolheram e com o qual se identificam.

Os Wai Wai vem passando por constante transformação com o processo de evangelização cristã, com a escola, com a presença de unidade básica de saúde na comunidade do Jatapuzinho, com a coleta e comercialização da castanha, com o impacto de hidrelétrica, com a tentativa de invasão da estrada, etc. Os Wai Wai estão atentos às discussões sobre os projetos de desenvolvimento e às tentativas de invasões. Eles fundaram a APIW (Associação do Povo Indígena Wai Wai), que cuida das negociações em diálogos internos e externos com todas as comunidades Wai Wai, ONG'S e a sociedade estadual e nacional.

Em conversa com os Wai Wai na cidade de Boa Vista, é possível perceber que a modernização distanciou em parte os Wai Wai da natureza, e que a religião os afastou do uso de conhecimentos tradicionais xamânicos indígenas relacionados à caça e ao uso mais intensivo de remédio de plantas medicinais.

Nos dias atuais, as novas gerações, mesmo sendo instruídas a respeitar à natureza e a defender e aprender seus valores culturais, se identificam mais com o futebol, pensam em estudar primeiro para ter dinheiro, por isso estão casando mais tarde que antigamente.

Os Wai Wai são umas das etnias indígenas brasileiras que apresenta um dos melhores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), entre eles dificilmente há roubo, vício no alcoolismo, brigas, traições, poligamia, infanticídio, etc.

Observamos que a relação dos Wai Wai com a sociedade nacional enfrenta diversos pontos de conflito e contradições como ocorrem em todo o campo indigenista na Amazônia. Como exemplo, a usina hidrelétrica de Jatapu trouxe e ainda traz impactos na vida dos Wai Wai e não houve medidas mitigadoras mínimas. O projeto afetou diretamente suas comunidades, como o afastamento dos animais de caça e de espécies de peixe na região próxima à hidrelétrica e o transporte. Mesmo sendo vizinhos da hidrelétrica, não são atendidos pela energia produzida. Dependem de geradores de energia, do fornecimento do combustível, do clientelismo oferecido pelo governo estadual e municipal, em um entravado jogo de poder e política.

Além disso defendem o respeito às terras tradicionais e às dinâmicas de uso e de relação com a natureza, frente à constante pressão sobre os recursos naturais. Demais, como já afirmamos, entre as lideranças da comunidade de Jatapuzinho se discute o uso de energia renovável como o uso de energia solar, através de placas solares, pois dependem de um gerador e de combustível para o funcionamento.

Há muita luta pela frente na preservação e na conquista dos direitos Wai Wai, pois, no momento, o Brasil vive uma época muito difícil, devido à crise institucional política e econômica e do avanço do neoliberalismo conservador. No entanto, cabe aos Wai Wai, como sempre, se adaptar e reverter valores, lutando por dias melhores em defesa de seu povo e da natureza.

Portanto, em tempos de mudança de estilo de governo estadual e nacional no Brasil, os Wai Wai procuram fortalecimento se organizando internamente entre as suas lideranças para defender seus direitos, suas demandas novas e antigas, buscando sábias decisões perante as pressões atuais em defesa de suas terras e da natureza, que é a mãe de sua sobrevivência e de todo o planeta.

REFERÊNCIAS

ALBA, JUVINO. Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho–Roraima. **Entrevista concedida a Daniel Montenegro Lapola no dia 13 de Agosto de 2018.**

ALBERT, Bruce. **Uhiri A: a terra-floresta Yanomami** / Bruce Albert e William Milliken; com a colaboração de Gale Goodwin Gomez. São Paulo: Instituto Socioambiental; Paris, Fr: IRD - Institut de Recherche pour le Developpment, 2009.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Territórios e Territorialidades específicas na Amazônia: entre a proteção e o protecionismo. **Caderno CRH**, Salvador, v.25, janeiro/abril de 2012, pp. 63-71.

ALMEIDA, Mauro; LIMA, Edilene; AQUINO, Terri; IGLESIAS, Marcelo. Caçar. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa (org.). **Enciclopédia da Floresta**. São Paulo: Cia. das Letras 2002, pp.311-335.

ASBAHR, Flávia, A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, 2005, pp. 108-119.

BAINES, S. **É a FUNAI que sabe.** A frente de atração Waimiri-Atroari. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belem.Brasil.1991.

BAINES, S. O Território dos Waimiri- Atroari e o Indigenismo Empresarial**.** In: Ciências Sociais Hoje. Ed. Eli Diniz, J.S. Leite Lopes, & Reginaldo Prandi. **ANPOCS/Hucitec**. São Paulo, Brasil.1993, pp. 219-243.

BAINES, S. Os Waimiri-Atroari e a Invenção Social da Etnicidade pelo Indigenismo Empresarial. In: **Anuário Antropológico/94**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, pp. 127-159.

BECHELANY, Fabiano Campelo. **Figuras de Captura: a atividade cinegética na etnologia indígena.** Dissertação ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UNB, Brasília, 2012.

CABALZAR, Aloisio. **Manejo do Mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico;** colaboração Beto Ricardo, Lucia Alberta-São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. **A Saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai.** In:Robin Wright (org.) Transformando os Deuses. Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Editora da Unicamp.Campinas,1999, pp.256-283.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. **Relatório de identificação e Delimitação. Processo FUNAI**, Processo nº 2421/04, 2004.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. **Trombetas – Mapuera. Território Indígena**. Brasília: FUNAI/PPTAL. 2008.

CANÇADO, Fernando Lucena. Relatório técnico Ambiental: Manejo dos Recursos Naturais e Territorialidade dos Waiwai**.** Agosto, 2003. In: Fundação Nacional do Índio (FUNAI) vol 2 e 3, **Programa Integrado de Proteção às Terras e Populações Indígenas da Amazônia Legal- PPTAL GT- Terra Indígena Trombetas Mapuera**- DOU 20/09/2000.

CARDOZO, Ivaneide Bandeira; VALE JÚNIOR, Israel Correia. **Etnozoneamento das porção paraense das terras indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera**/ Ivaneide Bandeira Cardozo, Israel Correa do Vale Junior, org-Porto Velho – RO:EDUFRO, 2012.

CAYÓN, Luis. **Trocando vitalidade: um exemplo de manejo ecológico no noroeste amazônico**. Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações – Stephen Grant Baines... [et al.]. Organizadores. – Brasília: Ibama; UnB/Ceppac; IEB, 2012. 560 p

COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. **Introdução**. In: VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente.** O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores, Martins Fontes, São Paulo, 2007, pp.7-15.

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa. **Enciclopédia da Floresta.** São Paulo: Cia. das Letras 2002.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003.

DESCOLA, P. **La selva culta**: simbolismo y praxis en la ecología de los achuar. Quito: Abya-Yala, 1989.

DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento: A relação com o animal na Amazônia.** MANA 4(1), 1998, pp. 23-45.

DOWDY, Homer. **O pajé de Cristo.** Editora Sepal. São Paulo, 1997.

EMBRAPA RORAIMA. **Caracterização do sistema extrativista e coeficientes técnicos de produção para o Sistema Extrativo da Castanheira-do-Brasil (*Bertholletia Excelsa* H.b.k) praticado pelos índios Wai Wai em Roraima.** In: Documentos 58. ISSN 1981-6183. Boa Vista-RR, 2014.

FEARNSIDE, Philip M; BARBOSA, Reinaldo Imbrozio. **Benefícios políticos como barreiras à avaliação dos custos ambientais no planejamento de desenvolvimento da Amazônia Brasileira: O exemplo da Hidrelétrica de Jatapu em Roraima.** In: FEARNSIDE, Philip M. Hidrelétricas na Amazônia: impactos ambientais e sociais na tomada de decisões de grandes obras, v.2. / Philip M. Fearnside. Manaus: Editora do INPA, 2015, pp.37-58.

FERREIRA, Evandro; SAAR, Isailene. **Quem dispersou a castanheira na Amazônia?** 2013. Disponível em: http://agazetadoacre.com/quem-dispersou-a-castanheira-na-amazonia/Acesso em: 29/06/2017.

FOCK, Niels. **Waiwai, religion and society of an amazonian tribe.** National Museum of Denmark, Ethnographc Series, 8.1963.

FOLHA WEB.16 de Março de 2018. **Sistema de Jatapú já está em funcionamento.** Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/ noticia/Sistemas-de-Jatapu-ja-estao-em-funciona mento/37822>. Acesso em: 07/06/2018.

FORD, Anabel; NIGH, Ronald Nigh-Waulnut. **The Maya Forest Garden:** Eight Millenia of Sustainable Cultivation of the tropical Woodlands. -CA, Left Coast Press, INC, 2015. 260 p.

FOURIE, L. **Preliminary Notes on Certain Customs of the Hei-/om Bushmen.** Journal of the Southwest Africa Society, vol.1, 1925-1926.

G1 RR. 30 de Outubro de 2018. **Centenas de peixes morrem próximo a Hidrelétrica de Jatapu, interior de RR.** Disponível em:<https://g1.globo.com/rr/ roraima/ noticia/ 2018/10/30/centenas-de-peixes-morrem-proximo-a-hidreletrica-de-jatapu-interior-de-rr. ghtml>. Acesso em: 28/11/2018.

GASCHÉ, J. **Niños, maestros, comuneros y escritos antropológicos como fuentes de contenidos indígenas escolares y la actividad como punto de partida de los processos pedagógicos interculturales: um modelo sintáctico de cultura**. In: GASCHÉ, J.; BERTELY, M.; MODESTA, R. (Coord.). Educando en la diversidade: investigaciones y experiências educativas interculturales y bilingües. Quito: Abya-Yala, CIESAS, IIAP, 2008a.

GASCHÉ, Jorge. **ETSA: Los alcances de la noción de cultura en la educación intercultural. Explotación de un ejemplo: sociedad y cultura borá.** En: GODENZZI ALEGRE, C. (Comp.): Educación e interculturalidad en los Andes y en la Amazonia. Cuzco, Centro de Estudios Regionales Andinos: Bartolomé de Las Casas, 2014, pp.187-294.

GASCHÉ, Jorge; VELA, Napoleón. **Sociedad Bosquesina**. Tomo I. Ensayo de antropología rural amazónica, acompañado de una crítica y propuesta alternativa de proyectos de desarrollo. Iquitos: Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana (IIAP); Lima: Consorcio de Investigações Econômicas e Sociais (CIES); Japón: Center for Integrated Area Studies, Kyoto University (CIAS), 2012.

GUTIERREZ, Inácio Pereira. **História, ambiente e educação no Jatapuzinho**/Inácio Pereira Gutierrez, Eliane de Souza – Boa Vista: Editora da UFRR, 2015.

HAWKINS, Robert. **Dicionário Uaiuai-Português.** MEVA, 2002.

HOWARD, Catherine**: Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai.** In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico/organizadores Bruce Albert e Alcida Rita Ramos. – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

INGOLD, Tim. **Hunting and gathering as ways a perceiving the environment**. In: Essays on livelihood dewelling and Skill. Taylor & Francis e-Library, 2002, chapter.3, pp.40-60.

ISA. **Terra Indígena Trombetas/Mapuera.** In: Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: < https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3951> Acesso em 17/02/2018.

LAPOLA, Daniel Montenegro; REPETTO, Maxim. **Os Wai Wai da Comunidade Jatapuzinho, em Roraima, frente aos grandes Projetos na Amazônia.** In: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, Brasília, vol.2, nº2, 2018, pp.148-175.

LÉVI STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Tradução: Tânia Pellegrini. -12ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 2012.

LIBERALI, Fernanda; MATEUS, Elaine; DAMIANOVIC, Maria (org.) **A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural e a Escola: recriando realidades sociais**, Pontes Editores, Campinas, 2012.

LIMA, Tânia Stolze. **Os dois e seu múltiplo: Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi.** Revista Mana,1996, vol 2, n.2, pp.21-47.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã/Karl Marx e Friedrich Engels**: (introdução de Jacob Gorender). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** Tradução: Paulo Neves. Cosac Naify, São Paulo, 2003.

MEGGERS, Betty J. **Amazonia, hombre y un paraíso ilusorio** - México: Siglo veintiuno editores, 1999.

NOGUEIRA, Salvador. **Castanheira na floresta amazônica**. In: Revista Pesquisa da FAPESP, número 198, 2012, pp.57-59.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán. **Vygotsky, Leontiev, Galperin: formação de conceitos e princípios didáticos**, Liber Livro, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades** / João Pacheco de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Leonor Valentino de. **O cristianismo evangélico entre os Waiwai: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980**/ Leonor Valentino de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010.

PEREIRA, Renato. Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho–Roraima. **Entrevista concedida a Daniel Montenegro Lapola no dia 03 de Maio de 2018.**

REPETTO, Maxim; CARVALHO, Fabiola. **Experiencias de investigación educativa intercultural en la formación de maestros indígenas en Roraima, Brasil.** Desacatos**,** Boa Vista, v. 4, n. 48, p.50-55, 12 out. 2015.

REPETTO, Maxim; SILVA, Lucilene Júlia. Revista Tellus. **Experiências inovadoras na formação de professores indígenas a partir do Método Indutivo Intercultural no Brasil**. Campo Grande, MS, ano 16, n. 30, p. 39-60, jan. /jun. 2016.

RIBEIRO, Berta G. **Amazônia urgente: 5 séculos de história e ecologia**/ projeto conceitual, textos e seleção de iconografia, Berta G. Ribeiro. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1990.

RIVIÈRE, Peter. **O indivíduo e a Sociedade na Guina: Um estudo comparativo sobre a Organização Social Ameríndia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SCHULER, Evelyn**. Transformações Wai Wai.** In: BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; MELO, Valdinar Ferreira(Org.). Roraima: homem, ambiente, e ecologia / organização de Reinaldo Imbrozio Barbosa e Valdinar Ferreira Melo. – Boa Vista: FEMACT, 2010.

SILVA, Geraldo José. Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho–Roraima. **Entrevista concedida a Daniel Montenegro Lapola no dia 04 de Maio de 2018.**

SOBRINHO, Milton de Camargo César. Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho–Roraima. **Entrevista concedida a Daniel Montenegro Lapola no dia 25 de Julho de 2018.**

SOUZA, Alfredo Ferreira de. **Entre as escritas e as Escrituras: práticas letradas nas missões protestantes junto aos Waiwai.** Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação de História Social. Rio de Janeiro: IFCS, Universidade Federal do Rio De Janeiro, 2008.

SOUZA, André Oliveira de; SOUZA, Alfredo Ferreira de. **Entre conversões e convertidos: o encontro cultural entre missionários protestantes e os Waiwai.** In: RODRIGUES, Francilene dos Santos; FERNANDES, Maria Luiza. (org). Coletânea Sociedade e Fronteiras: Fronteiras e Interdisciplinaridade: limites e desafios. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016, v.1, pp.251-264.

SOUZA, Eliandro Pedro de. **A atividade de caça dos Wapichana da comunidade Alto Arraia, Terra Manoá/Pium, Região Serra da Lua-RR.** Trabalho de Conclusão do Curso de Antropologia do INAN, da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2017.

SOUZA, Eliane de. **A vida e a História dos Wai Wai de Jatapuzinho.** In: GUTIERREZ, Inácio Pereira. História, ambiente e educação no Jatapuzinho/Inácio Pereira Gutierrez, Eliane de Souza (Org.) – Boa Vista: Editora da UFRR, 2015, pp.59-105.

SOUZA, Jorge Manuel Costa. **Os Waiwai do Jatapuzinho e o irresistível apelo à modernidade.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena.** In: A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia. Cosac & Naify, São Paulo, 2002, cap7, pp.239-277.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, M. C.(org). **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** Revista Mana, 1996, v2, n.2, pp.115-144.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente.** O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores, Martins Fontes, São Paulo, 1991.

WEPAXI, Miguel. Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho–Roraima. **Entrevista concedida a Daniel Montenegro Lapola no dia 18 de Junho de 2018.**

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO

Eu, (nome do participante da pesquisa), depois de entender os riscos e benefícios que o projeto de dissertação de mestrado: "**Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo indígena Wai Wai da Comunidade Jatapuzinho- Roraima",** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO,** por meio deste termo, o pesquisador **Daniel Montenegro Lapola**, a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisador acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica , Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFRR ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória, em todo território nacional e no exterior.
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
4. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a o som, e assino a presente autorização.

Boa Vista-RR, de de 2019

_____

Assinatura do participante da pesquisa

_____

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DO POVO INDÍGENA

ASSOSSIAÇÃO DO POVO INDÍGENA WAI WAI – APIW (2018)

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

A Associação do Povo Indígena Wai Wai – APIW, vem por intermédio desta, **autorizar** o acadêmico DANIEL MONTENEGRO LAPOLA, portador da Carteira de Identidade, RG:28.815.231-1 SSP-SP, inscrito no CPF: 276327758-62, a realizar a pesquisa com o seguinte tema: Vivendo na Floresta: A atividade de caça do povo indígena Wai Wai da Comunidade do Jatapuzinho-Roraima, com a participação de entrevistas de 5 indígenas caçadores acima de 18 anos, da comunidade de Jatapuzinho-Caroebe-Roraima

Jatapuzinho/Caroebe-RR,04-05-2018

FERNANDINO OLIVEIRA DE SOUZA WAI WAI

Presidente da Associação do Povo Indígena Wai Wai

ANEXO C - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - PESSOAS INDÍGENAS

Identificação:
Idade:
Sexo:
Povo: Wai Wai
Local de origem:
Ocupação:
Religião:
Telefone:
Endereço:

1. Qual foi o seu primeiro contato com as caçadas?
2. Quais os estilos de caçadas praticado?
3. Quais os tipos de armas utilizadas para caçar?
4. Utilizam armadilhas para caçar?
5. Qual o período de maior abundância para as caçadas?
6. Qual o período mais crítico para a caçadas?
7. Precisa ir distante da comunidade para caçar?
8. Quais os animais de caça que passam pelos castanhais na época da coleta?
9. Descreva as técnicas de caçada ao porco do mato.
10. Descreva as técnicas de caçada de animais de grande porte.
11. Descrevas as técnicas para caçar macaco.
12. Descreva as técnicas de caçada para aves.
13. Descreva a caça de animais de pequeno.
14. Qual a importância do cachorro nas caçadas?
15. A demanda de animal de caça é a mesma de antigamente?
16. Qual é o papel da caça na subsistência alimentar dos Wai Wai?
17. A comunidade de Jatapuzinho tem segurança alimentar?
18. Qual é o papel das caçadas dentro do contexto de auto sustentação e do processo produtivo vivido no Jatapuzinho?
19. Como a caçada se associa à colheita da Castanha?
20. A caça é o principal alimento da comunidade?
21. Os jovens e adolescentes tem se interessado em caçar?

Perguntas complementares:

22. A construção e ampliação da Hidrelétrica de Jatapu, afetam a comunidade do Jatapuzinho e as comunidades mais próximas?
23. Os projetos de desenvolvimento, como estrada, hidrelétrica, unidade de saúde, escola, evangelização de que maneira impactua na relação socionatureza entre os indígenas crianças, adolescentes e jovens?
24. Os conhecimentos tradicionais da cosmovisão Wai Wai caça ainda são mantidos?
25. Como que é realizada a distribuição de energia elétrica em Jatapuzinho?
26. O governo Estadual de Roraima dá alguma contrapartida aos Wai Wai pela Hidrelétrica de Jatapu não contemplá-los com a transmissão de energia?
27. Como que os índios Wai Wai organizam o seu território?
28. Quais são as principais atividades de auto sustentação?

Boa Vista, de de 2019

_____

(Nome do Entrevistado)
(Telefone do Entrevistado)

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Vivendo na Floresta: Reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo indígena Wai Wai da comunidade Jatapuzinho-RR
Pesquisador Responsável: Daniel Montenegro Lapola

I - O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, por isso:
Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa: Vivendo na Floresta: A atividade de caça do povo indígena Wai Wai da comunidade Jatapuzinho-RR. Este projeto tem o objetivo de estudar os processos de atividade de caça na comunidade de Jatapuzinho-Caroebe-RR, para compreender o uso de território e floresta, com foco na relação sociedade natureza. Para tanto, será necessário realizar os seguintes procedimentos, iniciando por uma conversa, após o seu consentimento, será realizada uma entrevista de aproximadamente 20 (vinte) minutos, com perguntas abertas e fechadas, cujo participante poderá se sentir livre para discorrer ou não sobre o tema.

II- Sobre o CEP e a CONEP:
1.O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), é um colegiado interdisciplinar, que compete analisar e emitir parecer sobre a realização de pesquisas em qualquer área do conhecimento que envolva seres humanos, visando defender os interesses dos sujeitos na pesquisa em sua integridade e dignidade.
2. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam.

III- Riscos e Benefícios
Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. O dano eventual poderá ser imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Durante a execução do projeto haverá alguns RISCOS ao participante, tais como: o risco de quebra de sigilo, a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente. No entanto, o pesquisador responsável se compromete a respeitar a dignidade humana, conforme: Resolução CNS nº 466 de 2012 (Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e suas complementares), Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e a Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena). Os BENEFÍCIOS da pesquisa serão: evidenciar os conhecimentos indígenas presentes no modo de buscar a partir da atividade da caça, entender o uso do território e da floresta de indígenas da comunidade de Jatapuzinho de Caroebe/RR. Além disso, a dissertação quando defendida, será apresentada e deixada cópia na Escola Indígena Wai Wai da comunidade de Jatapuzinho, bem como será entregue a cada um dos entrevistados, para que possam estar compartilhando com as demais pessoas de suas respectivas comunidades o trabalho construído, possibilitando a elas o incentivo de continuarem na luta por seus direitos.

IV - Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, você tem o direito de:

1. receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
3. não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.
4. havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19);
5. ser ressarcido, caso haja algum gasto motivado pela sua participação na pesquisa;
6. procurar esclarecimentos com o DANIEL MONTENEGRO LAPOLA por meio do número de telefone (095) 981296880 ou no Endereço: CCH - Centro de Ciências Humanas - Campus Paricarana, Av. Ene Garcez, 2413. Bairro Aeroporto – Sala de estudos do PPGSOF - Telefones: (95) 3621 - 3158, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.

Eu, _____
(Nome por extenso), declaro estar ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

( ) Sim, eu autorizo o registro e a divulgação de voz na realização da entrevista.
( ) Não, eu não autorizo o registro e a divulgação de voz na realização da entrevista.

Boa Vista-RR, ____de_____ de _____.
Assinatura do participante da pesquisa:
_____

Eu, DANIEL MONTENEGRO LAPOLA, declaro que forneci todas as informações referentes à pesquisa ao participante, de forma apropriada e voluntária.
Boa Vista-RR, ____de_____ de _____.
Assinatura do pesquisador:
_____

Contato do pesquisador: (95)981296880/ Email: danielmontenegro78@gmail.com / Contato do orientador:(95)991511370/ Email: maxim.repetto@yahoo.com.br / Endereço do CEP/UFRR: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, Bairro Aeroporto (Campus do Paricarana), CEP:69.304-000 - Boa Vista-RR/ Bloco CCH-UFRR, sala 41/ Email: ppgsof@ufrr.br / Telefone: (95) 3623-4489.

ANEXO F - TAPOTA KÎRWANHE EKATÎMTOPOHA

On Wara Nay Ciisom: Comota chew makînatu: Cesetakari koms poko mak natu Wai Wai Wai komo Jatapuzinho poko.

Tapota Ciine Yosotî: Daniel Montenegro Lapola

I – Okyo Kaporê ro mak cexpore nasî tapota ciinime kexitaw so kirkwantaw mak cekatîmpore nasî ketapicketaw ha.

Amoro masî tanihso tapota yentacho me on waray kom: Comota chew makî natu: Cesetakarîkomo poko mak natu Wai Wai komo Jatapuzinho –RR. Ewto ci mîtwo ha. Kawethirî mitwo. Kehcahokacho me marha nasî, kesetakacho yekatimtopo eko Roowo yaw mak hatko. Erro yîpunko tapota yentatopo nasî pahkî ûhe ciki há (pinci) pahkiuon eko yîpu komo yeka timtopo ha.

II- On CEP kom CONEP:

1-On Waray Nasî Kehcamhikacho (CEP) anamerpaso nasî okwe tooto komo yehcamhikacho, mîyarma nasî ero waray kom poxwe nasî eroyîpu pokono kom ha.

2-On Wara Anarî Tapota (CONEP), epera yehtopo yekatîmtopo nasî on wara, tooto tî nexpe kîrwauhe, okyo kanami auarî komo chew cexitaw ahto na cexitaw. Anarî ewto po cetapicketaw mîyarma nasî eko yekatîmtopo.

III- Anarmen hara tapota puranta poko marha

Knahrîro yahyataw on wara tasî ha, kirwanhe reha. Tasî cewyako kexitaw kiwyaniro me kexitaw, wara kya makî kupun cirataw on waray me tasî KARPEN me taxe, kupun ponaro kexitaw: waran uhe tasî, ero ke kupun poko ehcamhokaxapu poko okyo kapore taxeha. Miyaro mak nasî ero wa ehtopo komo. Karaywa komo keha matu on wara nosohcetu kaamo nuuni cimnipu cehcamhokacho kom ha. PURANTA POKO HA puranta poko exirha reha natu Wai Wai komo comota chew cexitaw so há. Cetu makî esetakaxi totkomo weece ha. Ero wa natu jatapuzinho pono komo. Wara mak amna yehtopo ekatîmra nasî amna iixe nasî sku yakau amna xikri komo nenirî. Kirwau komo poko mak tîmtapotapore nasî kehtopo yekatîmyataw anarî komo ya ha.

IV- Mewrexapu tapota exitaw kpokono komo kîrwanhe tîmtapotarepore nasî ha.

1-Centapore tapota mewrexapu, ero waray komo exitaw, puranta pokouo marha.

2- Kirwanhe nasî eropoko kehcamhoketaw erro yîpu poko.

3- Anarmerpan exitaw reha tapotanko taa kahra cexpore.

4- Kehtopo komo mewrene exitaw karaywa kaanmen kiraso cetatîmpore kuruxman komo kayaritomou komo ya.

5- Taa, amna yehtopo ekatîmko, kachou nhî me nasî moso ha, osotî knaniew kakmora kacho.

6- On ha akro amtapotaxe awexitaw yukuknou (95) 981296880 mîyam poko ehcamhokaxapu moso. Tantomo kma.

Ow_____,
(kaaw u awosotî) taa ero wa ham kanenho ne wasi karita cirponenhîrî me epetîmnî me ro makî erro wa wirpekme ha.

( ) Nhunk cirko ha kacho wimyakue.

( )Pîra amna pokono akpara esko kapore marha anarima.

Om ewto po rma komoa pista-RR, _____kaamo po, Nuuni_____cimnipu_____.

Ow, DANIEL MONTENEGRO LAPOLA, nînyasî tapota mewreko poko kacho ha tapotamro poko.

On ewto po kmoa pista-RR, _____kaamo po, Nuuni _____cimnipu _____.

Cehcamhokaxu asina kacho:_____.

Cehcamhokaxmu yîmtapocho kuknon: (95) 98129-6880 /Email: danielmontenegro78@gmail.com / weronomañi yîmtapocho kuknon (95) 991511370/ Email: maxim.repetto@yahoo.com.br / Endereço do CEP/UFRR: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413, woskara rowon yaw (Campus do Paricarana), CEP: 69.304-000 – kmoa pista-RR/ wokpamaxapu ekenî CCH-UFRR, amtakpo 41/ Email: ppgsof@ufrr.br / Terepohñi: (95) 3623-4489